

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

PAULA BRANT FERNANDES

A PULSÃO AGRESSIVA E O NÚCLEO PARANOICO DO EU

Belo Horizonte
2016

PAULA BRANT FERNANDES

A PULSÃO AGRESSIVA E O NÚCLEO PARANOICO DO EU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigação no Campo Clínico e Cultural

Orientador: Prof. Dr. Jesús Santiago

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Área de concentração: Estudos psicanalíticos

Data da defesa: 30 de maio de 2016

Dissertação intitulada *A pulsão agressiva e o núcleo paranoico do eu* de autoria da mestranda Paula Brant Fernandes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores doutores:

Prof. Dr. Jesús Santiago – UFMG (Orientador)

Prof. Dr. Antônio Márcio Teixeira – UFMG

Profa. Dra. Ilka Franco Ferrari – PUC-MINAS

Para toda minha família,
corolário do desejo de saber.

AGRADECIMENTOS

À memória de meu pai, pelo livre arbítrio e confiança em minhas escolhas.

À minha mãe, por ensinar, com sua arte, que a vitalidade psíquica supera a idade do corpo.

Ao Hermano, um amor, porto seguro e apoio incondicional em todos os momentos.

Aos meus filhos, Felipe e Lorena, que acolheram minha ausência e seguiram a vida trazendo alegrias e amor infinito.

Ao meu irmão Marco, por estar sempre ótimo, apesar de todas as limitações impostas ao seu corpo após o acidente.

À Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, minhas gerentes Adjany e Adriane, como também, à todos os meus colegas de trabalho que apostaram em meu projeto, acompanhando e vibrando juntos com minha empreitada, principalmente ajudando a superar os vários obstáculos que apareceram no caminho.

Aos meus pacientes, por ensinarem o valor da palavra e do gesto para apaziguar a tendência à agressão.

À Elisa Alvarenga e Fernanda Otoni, pela supervisão nos momentos sem garantia.

Aos meus residentes de psicologia, Natália, Bruno e Gabriela, por tornarem causa essa pesquisa.

À professora Dra. Ana Lydia Santiago, por me colocar a trabalho na época do anteprojeto.

Ao professor Dr. Antônio Teixeira, que esteve na banca de seleção do mestrado e agora na banca de defesa e pode verificar o que foi possível entre a causa e o produto.

À professora Dra. Andrea Guerra, por sua interlocução contagiante nas aulas.

Aos colegas da turma do mestrado de 2014, pelos momentos de trocas e ajuda.

À Anamaria Nogueira, pelo trabalho e entusiasmo compartilhados.

Ao orientador professor Dr. Jésus Santiago, por ter proposto abrir mão do saber suposto no esforço em direção ao saber exposto.

Ao colegiado desse Programa, que deferiu a prorrogação frente às contingências da vida.

À professora Dra. Ilka Franco Ferrari, que prontamente aceitou examinar este trabalho.

Aos queridos amigos Ernesto Anzalone, Laura Rubião e Márcia Mezêncio, leitores atentos e colegas de pesquisa na Escola Brasileira de Psicanálise, meu agradecimento especial.

Por fim, agradeço à vida, que insiste, ensinando que a mente é só um significante.

Mesmo que a mão que se estende — e esta pode ser a mão de um sujeito de uma idade muito tenra, acreditem-me, como demonstra a observação direta mais comum — em direção à figura de seu semelhante esteja armada com uma pedra — a criança não precisa ter muita idade para ter, senão a vocação, pelo menos o gesto de Caim — e se esta mão for detida por uma outra mão, a daquele que é ameaçado, e se esta pedra, eles a pousarem juntos e ela constituir um objeto, talvez de acordo, ou de disputa, pois bem, esta será, se quiserem, a primeira pedra de um mundo objetual, mas isso não irá além, nada se constituirá sobre ela.

O que se evoca em eco, numa harmônica, é o apólogo daquele que deve atirar a primeira pedra. E, com efeito, é bem necessário que, em primeiro lugar, essa pedra não tenha sido atirada. E uma vez que não se a tenha atirado, não se irá atirá-la contra nada mais. Mas para que se funde alguma coisa que se abra a uma dialética, é preciso, mais além, que intervenha o registro do grande Outro.

É isso que exprime o esquema. É na medida em que o terceiro, o grande Outro, intervém na relação do eu com o pequeno outro, que algo pode funcionar, algo que acarreta a fecundidade da própria relação narcísica.

Jacques Lacan (1960-1961/1991)

RESUMO

Esta dissertação visa investigar se aquilo que Lacan nomeou “paranoia dirigida” serve como modo de operar na clínica com a satisfação pulsional narcísica para dar lugar à agressividade simbólica enquanto movimento de apelo ao Outro e inscrição significante. Para tal, trata da relação entre agressividade e pulsão de morte, tida como seu substrato em Freud, para depois analisá-la nos registros Imaginário, Simbólico e Real, postulados por Lacan. Seu objetivo é compreender a agressividade a partir do modelo de identificação narcísica, fundamentada na estrutura paranoica do eu e na operação de alienação constituinte, verificada no “transitivismo” e no drama do ciúme, mas considerada um impasse que concerne à inscrição da linguagem, ilustrada pela crença no *fort-da*. Seguindo a indicação de Lacan, faz-se um paralelo com o fundamento da estrutura paranoica pela *Verwerfung*, verificada na alienação psicótica e na rivalidade vital imediata, efeito da não extração do objeto, ilustrada pela certeza delirante no caso das Irmãs Papin. Por fim, analisa-se a especificidade do campo narcísico e do campo pulsional para articular a agressividade, com a atividade sadomasoquista da pulsão na qualidade de traçado do ato. Utilizamos de vinhetas clínicas nas quais se distingue *acting out* e passagem ao ato pela análise da estrutura fundamental do ato na clínica psicanalítica, à qual visa a saída de um impasse através de um passe. Concluímos que o manejo da transferência possibilita um traçado para a pulsão agressiva no laço entre identificação e modo de satisfação pulsional do sujeito.

Palavras-chave: Agressividade. Ato. Objeto. Paranoia dirigida. Pulsão de morte.

ABSTRACT

This work aims to investigate if what Lacan named “directed paranoia” serves as a way of operating in the clinic with the narcissistic drive satisfaction to give way to the symbolic aggressiveness as a movement of appeal to the Other and significant inscription. In order to do this, we first deal with the relationship between aggressiveness and death instinct, which is understood as substrate in Freud’s work, and then we analyze it in Lacan’s Imaginary, Symbolic and Real postulates. Its objective is to understand aggressiveness as a narcissistic way of identification which is nominated as the paranoid structure of Ego and in the constituent alienation operation, shown in “transitivism” and in jealousy drama, but considered as an impasse which regards language, illustrated by the belief in *fort da*. By following Lacan, we set a parallel with the foundation of the paranoid structure from *Verwerfung* verified in the psychotic alienation and in the immediate vital rivalry as an effect of the non-extraction of the object illustrated by the delirious certainty in the Papin’s sisters case. Finally, we analyze the specificity of the narcissistic and drive fields to articulate aggressiveness to the sadomasochistic activity of the drive in the act. We used clinical sequences in which we distinguish *acting out* and transition to the act through the analysis of the fundamental structure of the act in psychoanalytical clinic, which aims the end of an impasse through a pass. We conclude that the handling of transference enables a trace to an aggressive drive in the bond between identification and means of driving satisfaction of the subject.

Keywords: Aggressiveness. Act. Object. Directed paranoia. Death drive.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - AGRESSIVIDADE E PULSÃO DE MORTE.....	21
1.1 A pulsão de morte como substrato da agressividade em Freud.....	21
1.1.1 Primeira tópica: pulsão de agressão e pulsão de domínio.....	23
1.1.2 Segunda tópica: pulsão de destruição.....	26
1.2 A agressividade como modo de identificação narcísico e pulsão de morte em Lacan.....	29
1.2.1 A agressividade articulada à pulsão de morte no Imaginário.....	30
1.2.2 A agressividade articulada à pulsão de morte no Simbólico.....	36
1.2.3 A agressividade articulada à pulsão de morte no Real.....	44
CAPÍTULO 2 - A ESTRUTURA PARANOICA DO EU.....	51
2.1 O (des)conhecimento humano como conhecimento paranoico.....	51
2.1.1 Alienação constituinte e transativismo.....	53
2.1.2 O drama do ciúme e a crença no <i>Fort-Da</i>	57
2.2 O fundamento da estrutura paranoica e a <i>Verwerfung</i>	63
2.2.1 A alienação psicótica e a rivalidade vital imediata.....	63
2.2.2 A certeza delirante e a não extração do objeto.....	66
2.2.3 O crime das irmãs Papin.....	69
CAPÍTULO 3 - O TRAÇADO DO ATO E A PULSÃO.....	74
3.1 O campo narcísico e o campo pulsional.....	74
3.2 O sadomasoquismo e a atividade da pulsão.....	79
3.3 A estrutura fundamental do ato na clínica psicanalítica.....	83
3.3.1 Agressividade, agressão e violência.....	83
3.3.2 O caso Otto e o Patati Patatá.....	85
3.3.3 <i>Kakon</i> , <i>Acting out</i> e passagem ao ato.....	89
CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS.....	103

INTRODUÇÃO

A reação agressiva é inerente à subjetividade humana existindo desde os primórdios da humanidade, mas, na atualidade, invadiu de tal modo a vida cotidiana que até as políticas públicas se envolveram na busca de condições para prevenir o problema. O enfrentamento da agressividade tornou-se exercício constante, já que nos deparamos com ela sob várias formas: desde pequenas ofensas verbais em redes virtuais até assassinatos brutais na esfera pública. Sob a rubrica “violência”, a Organização Mundial da Saúde produziu um relatório contendo sua definição¹, diretrizes e classificações, na tentativa de criar estratégias de prevenção e abordagem para a mesma (OMS, 2002).

Em uma leitura pela psicanálise, no livro *A violência: sintoma social da época*, Laurent (2013) considera que a violência atual difere da violência de massa, vivenciada no século XX com as duas grandes guerras mundiais. Para ele, a violência se apresenta hoje de maneira mais privada, individualizada e terrível, o que não é da mesma ordem. “Atualmente, confrontamos, um por um, com a violência absurda. Podemos ser assassinados ou agredidos por somas insignificantes, por um celular...” (p. 35). É nesse sentido que os indivíduos experimentam um aumento da violência e, na perspectiva psicanalítica, o que interessa é o insuportável desse *plus* de violência para cada um e em cada um.

Silva Jr. & Besset (2010) investigaram o estatuto da violência a partir dos conceitos fundamentais da psicanálise, considerando os aspectos culturais em jogo na modernidade. Segundo o ponto de vista dos discursos², em Lacan, os autores sustentam o pressuposto de “que o dispositivo social dominante no contemporâneo encontra seu fundamento no discurso capitalista em associação ao discurso da ciência” (p. 325). Essa associação tem efeitos na subjetividade recente, tais como o “declínio da função paterna, a promoção cada vez maior da fragilidade simbólica, somada à inflação do imaginário, à exacerbação do sem sentido, do excesso e da dificuldade de simbolização” (p. 325). Eles concluem que ocorreu uma mudança na apresentação dos sintomas contemporâneos, assinalando uma preponderância da violência como excesso, e questionando se ela pode ser considerada um novo sintoma.

¹ [A violência é] “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002, pp. 4-5).

² Lacan desenvolve a teoria dos discursos em *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*, e instaura um novo modo de pensar as estruturas clínicas e o vínculo social, articulando os campos da linguagem e do gozo, o sujeito e o saber inconsciente. Os discursos são quatro modos possíveis de laço social entre os sujeitos, apontados por Freud como fonte de sofrimento do homem: governar, educar, ensinar e fazer desejar. São eles o Discurso do Mestre, o Discurso da Histeria, o Discurso Universitário e o Discurso do Analista, posteriormente Lacan articula o Discurso do Capitalista.

Ferrari (2006) ajuda-nos a compreender a violência como sintoma por manifestar aquilo que impede o funcionamento do princípio do prazer em uma ordem estabelecida pela civilização. Assim, a perigosa aliança entre ciência e capital favorece a violência, como já vislumbrado por Einstein em sua correspondência com Freud. Nos dias atuais, os psicanalistas dizem de “sintomas próprios de um mal-estar subjetivo que supõe evitar o conflito interior por meio do não exercício do pensamento, mesmo que manifesto por sujeitos que tenham condições de pensar” (p. 53). Diferente da época de Freud, essas formas sintomáticas contemporâneas resistem ao trabalho que usa a palavra, e são hoje designadas de patologias do ato. Nesse contexto, violência se confunde com agressividade, tornando-se pouco precisa por englobar inúmeros fenômenos, e faz-se necessário recuperar as bases teóricas da agressividade em psicanálise.

Por outro lado, paralelamente àquilo que se recupera na teoria, Brousse (2009) considera que novos sintomas exigem um deslocamento do eixo organizador da classificação clínica, e isso inclui uma conversa com as próprias teorias psicanalíticas disponíveis até o momento. Para essa autora, a proliferação de casos impossíveis de classificar indica um para além da perspectiva estritamente estruturalista.

Como o discurso do mestre se modifica no curso da história — o que é uma forma de dizer que o laço social se modifica — o mundo que nos fala e que nós falamos também se modifica. As grandes vias do simbólico mudam. Em consequência, os sintomas que, de certa forma completam o discurso, também se modificam. (Brousse, 2009, p. 3).

O que ocorre na cultura e na ciência tem consequências no campo clínico, e foi justamente pelo que se apresentava na prática clínica que tanto Freud como Lacan não cessaram de revisar a teoria. O cenário traumático da Segunda Guerra Mundial ainda ecoava quando Lacan apresenta um relatório denominado *A agressividade em psicanálise*, no XI Congresso de Psicanalistas da Língua Francesa, em Bruxelas (Ramírez, 2010). Em meio aos seus esforços para pensar as relações do indivíduo com a coletividade, somavam-se as preocupações teóricas com as perspectivas conceituais da psicanálise para abordagem do problema. Desse modo, Lacan (1948/1998b) produz, dentre outros textos coetâneos, as cinco teses com as quais visa a verificar se é possível fazer da agressividade um conceito que sirva de operador clínico na prática psicanalítica.

Nosso interesse em investigar a abordagem psicanalítica face à agressividade, tema desta dissertação, surgiu da experiência pessoal na prática da direção do tratamento de sujeitos agressivos, em serviços substitutivos de saúde mental. Sob a forma de atitudes destrutivas,

dirigidas ao próprio sujeito, aos objetos ou aos outros, e até tentativas de suicídio ou homicídio, as apresentações da agressividade parecem-nos estar relacionadas a uma posição subjetiva que se reproduz dentro dos espaços de atendimento. Frente ao insuportável da agressão, esses casos causam horror devido à iminente possibilidade de lesão traumática no corpo próprio, no corpo do outro e no corpo da instituição. Para esta, a agressividade constitui um problema, e configura-se para nós como uma questão de estudo, uma vez que dar acesso e incluir o sujeito, diretrizes da política de atendimento, dialogam com a ética de tratamento proposta pela psicanálise. Ademais, na atividade como preceptora de campo de uma Residência Multiprofissional em Saúde Mental, esse interesse se fez causa devido à responsabilidade pela transmissão teórica de um saber fazer.

Hoje, deparamo-nos com casos cujos sintomas agressivos não se apresentam, de imediato, marcados pela presença de um delírio ou alucinações verbais, nos quais o ato agressivo adviria como uma conclusão lógica de uma série de pensamentos delirantes. Tais casos impõem dificuldades para a elaboração de um diagnóstico com base nas categorias clínicas propostas por Freud, fazendo com que os profissionais se detenham na dimensão fenomenológica e descritiva dos sintomas. A partir dessa visão reduzida ao sintoma, a ciência, muitas vezes, é convocada a responder com os seus recursos para tentar aplacar a agressividade e as desordens no corpo biológico (Maleval, 2004, pp. 53-58).

Entretanto, o corpo ao qual a psicanálise se refere é o corpo imagem, marcado pela linguagem e habitado pela libido. E do ponto de vista do inconsciente, tratar o paciente silenciando o corpo pulsional, tende a uma prática segregativa, pois pode objetificá-lo em um discurso sobre o mesmo ou em uma “medicalização” excessiva. Pensamos que essa prática obtura o furo constitutivo do sujeito, produtor da marca do ser falante, e o impede de se responsabilizar pelo seu modo de encontrar satisfação, o que resulta em uma conduta clínica inoperante. Por isso, cabe aos psicanalistas avançar na pesquisa de fundamentos teóricos que possam responder aos fenômenos clínicos modernos.

À vista desse panorama, parece-nos que a compreensão dos fenômenos de agressividade pelo arcabouço teórico da psicanálise pode orientar o acolhimento de sujeitos refratários aos dispositivos convencionais de tratamento, e até abrir caminho para uma via de terapêutica em casos considerados inabordáveis pela palavra. Segundo Miller (2014) há alguns anos era praxe contraindicar a análise a partir de avaliações sobre a estrutura clínica se prestar ou não ao dispositivo, mas hoje “analisa-se qualquer um” (p. 135). Com essa aposta, colocamos à prova os instrumentos clínicos construídos ao longo da teoria lacaniana para responder ao manejo da agressividade, uma vez que ela é considerada um fenômeno “transestrutural”. Indagamo-nos

se, frente à inflação do imaginário e ao declínio dos ideais, as apresentações clínicas ficam mais propensas ao excesso de agressividade como forma de se fazer falar. Diante dessa realidade clínica, perguntamo-nos se as teses desenvolvidas por Lacan em 1948 nos ajudam a pensar a agressividade nos tratamentos atuais. Optamos pelo termo agressividade, pesando sua distinção da violência, pelo fato de o autor teorizar que a agressividade se articula à própria estrutura do eu, o que adquire caráter permanente. Assim, o objeto desta dissertação é a questão da agressividade, à luz das teses sobre o tema formuladas por Jacques Lacan em seu texto *A agressividade em psicanálise*, escrito em 1948.

Nosso objetivo geral é a apreensão da noção de agressividade no texto de Lacan, analisando as implicações clínicas de sua articulação à pulsão. Entre os objetivos específicos estão a investigação da relação entre agressividade e pulsão de morte — primeiro em Freud e, posteriormente, em Lacan —, situando-as nos registros imaginário, simbólico e real. Depois o estudo da articulação da agressividade com a concepção lacaniana de “estrutura paranoica do eu”, como a alienação constituinte, fazendo um paralelo com a psicótica no que concerne ao fundamento da estrutura paranoica. Em seguida, a verificação da agressividade como o impasse ligado à inscrição da linguagem pela via do circuito pulsional, para diferenciar as especificidades entre agressividade, agressão e violência. Utilizando-nos de vinhetas clínicas e da análise de um caso indagamos o estatuto dos atos agressivos com as noções de *acting out* e passagem ao ato. Concluímos que o manejo da transferência possibilita um traçado para a pulsão agressiva no laço entre identificação e modo de satisfação pulsional do sujeito.

No relatório *A agressividade em psicanálise*, Lacan (1948/1998b) desenvolve, como dissemos, as cinco teses nas quais ele articula os fatos reunidos sob a denominação de agressividade, como ramificações da pulsão de morte.

“Tese I: *A agressividade se manifesta numa experiência que é subjetiva por sua própria constituição*” (p. 105).

“Tese II: *A agressividade, na experiência, nos é dada como intenção de agressão e como imagem de desmembramento corporal, e é nessas modalidades que se demonstra eficiente*” (p. 106).

“Tese III: *Os impulsos de agressividade decidem sobre as razões que motivam a técnica da análise*” (p. 109).

“Tese IV: *A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo*” (p. 112).

“Tese V: *Tal noção da agressividade, como uma das coordenadas intencionais do eu humano, e especialmente relativa à categoria do espaço, faz conceber seu papel da neurose moderna e no mal-estar na civilização*” (p. 122).

Com o objetivo de extrair uma teoria fundamental, inicialmente Lacan recompila as reações agressivas observáveis do ponto de vista fenomenológico, sob a rubrica de intenção agressiva. O autor tenta objetivar esses fatos na realidade para verificar se é possível fazer da noção de agressividade um conceito e, com isso, alcançar um uso científico. Ele conclui que seu fundamento metapsicológico se encontra em uma tendência agressiva, como variáveis da libido negativa, designada como pulsão de morte.

A pesquisa de Lacan se situa como tentativa de esclarecer o que ele define como um hiato na teoria freudiana, localizado na “significação enigmática que Freud promoveu como *instinto*³ [pulsão] *de morte*”, testemunho semelhante à figura retórica da Esfinge em que se simula uma dúvida, um embaraço diante de um enigma (p. 104). Ele considera que o pensamento de Freud se chocou contra essa aporia em vários pontos de sua articulação, devido à tentativa de formular a natureza metapsicológica das tendências mortíferas no registro da biologia, como uma disposição instintiva primitiva. A concepção de pulsão de morte é uma resposta de Freud como solução para a aporia biológica, que seria um beco sem saída em face do limite do real.

Embora tenhamos recorrido a outros autores que trabalharam o tema, o escopo de nossa pesquisa centra seu esforço na leitura direta de Freud e Lacan. Circulamos pelo texto de 1948 como um todo, mas não pretendemos trabalhar minuciosamente todas as cinco teses. Seguimos algumas orientações da *Tese IV* do trabalho, na qual Lacan (1948/1998b) afirma que “a agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo” (p.112). Essa tendência⁴ é um fenômeno que decorre do narcisismo. Ele indica que uma teoria coerente do narcisismo faz-nos compreender a agressividade implicada “no interior de cada uma das grandes fases determinadas na vida humana pelas metamorfoses libidinais” esclarecendo a ambivalência típica das “pulsões parciais” (1948/1998b, p. 122).

Desta forma, Lacan nos orienta que, para o entendimento da agressividade, devemos seguir a libido e a pulsão articuladas ao narcisismo. No cerne da noção de agressividade é

³ Optamos pela tradução do termo alemão *Trieb* por pulsão. O termo *Instinkt* seria o instinto propriamente dito, que é um padrão de comportamento, hereditariamente fixado e possui um objeto específico. *Trieb* não implica nem comportamento pré-formado nem objeto específico. E assinalaremos entre chaves quando a tradução por instinto estiver na citação literal.

⁴ Segundo Laurent (1992, p. 36), era usual, na época que Lacan escreveu essa tese, eleger a palavra “tendência” para tradução do *Todestrieb* alemão, por permitir circular entre o *Trieb* alemão, o *drive* em inglês e o *instinkt*, instinto. Terminologia fenomenológica husseriana, escolhida por traduzir o paradoxo do *Trieb* freudiano, e não ser confundida com instinto.

possível medir a economia psíquica como uma via que avança na metapsicologia das tendências mortíferas, e é aí que Lacan verifica a solução freudiana da pulsão de morte. Ramirez (2010) afirma que o grande salto de Lacan em 1948 é sua solução original de ligar a pulsão de morte ao narcisismo, colocando a primeira no coração mesmo da teoria do narcisismo.

No primeiro capítulo fazemos uma breve revisão bibliográfica das origens da noção de agressividade na obra freudiana, com o intuito de localizar o terreno no qual Lacan designou o embaraço freudiano com o conceito de pulsão. Verificamos os usos de pulsão de agressão e pulsão de domínio na primeira tópica, e de pulsão de destruição na segunda tópica. O campo do *Além do princípio do prazer* freudiano, como pulsão de morte, inclui as manifestações de dor e sofrimento, os fenômenos de repetição e as exigências do supereu. Ao tomar o princípio do prazer como uma barreira àquilo que está para além do prazer, Freud (1920/1976c) extrai da experiência clínica que não há uma dominância do princípio do prazer, mesmo que haja uma forte tendência nesse sentido. Freud observa que “essa tendência [talvez] seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer” (p. 20), desembocando em uma situação de desprazer. Para ele, o princípio do prazer é adotado no nível das pulsões, persistindo como um modo de funcionamento primário, ineficaz e altamente perigoso para o organismo por desconsiderar a realidade.

Seguimos a interpretação e o tratamento dado pela teoria lacaniana à agressividade em sua articulação com a pulsão de morte sob a égide dos três registros, Imaginário, Simbólico e Real⁵. Utilizamos, como ferramenta de leitura, a relação da pulsão com o conceito de gozo⁶, conforme três vertentes localizadas por Jacques-Alain Miller na lógica do ensino lacaniano. No seu curso *Silet, os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan* ele as situa: “Gozo imaginário; gozo substitutivo; gozo da transgressão. Eis aqui três introduções do gozo como satisfação da pulsão, feitas por Lacan, que se diferenciam por sua incidência de inércia, deslizamento e de excesso” (Miller, 1995/2005, p. 122). Dessa forma, do texto *A agressividade em psicanálise*, adotamos uma leitura *a posteriori* do recorte dessa relação da pulsão com o gozo em um movimento de retroação, em espiral, transitando entre os momentos teóricos demarcados por Miller (p. 120). Partindo do campo do “para além” freudiano, Lacan se serve da noção de gozo como o operador

⁵ Referência aos três registros fundamentais — Real, Simbólico e Imaginário, R.S.I. — presentes ao longo do ensino de Lacan. Segundo Jacques-Alain Miller (2002, p. 10), “R é sempre aquilo que é da ordem do dado, que tem um certo valor bruto; I é aquilo que é representado, a representação sendo concebida como imagem; e S é o que é articulado e estruturado como uma linguagem”.

⁶ Embora haja uma distinção no uso que Freud faz das palavras, em alemão, *Lust*, para prazer e *Genuss*, para gozo, ele não chega a conceituar o gozo.

clínico para designar essa satisfação pulsional mortífera como um real. Em *De nossos antecedentes*, Lacan (1966/1998h) faz a leitura de que a articulação do princípio do prazer com a repetição pela linguagem acaba adquirindo o sentido de um gozo.

Freud, em seu “Para-além”, abre caminho para o fato de que o princípio do prazer — ao qual, em suma, deu um novo sentido, por instalar no circuito da realidade, como processo primário, a articulação significativa da repetição — acaba tomando um sentido ainda mais novo por se prestar à força de sua barreira tradicional pelo lado de um gozo, cujo ser faz-se então revestir pelo masoquismo, e até mesmo se abre para a pulsão de morte. (Lacan, 1966/1998h, p. 72).

Percorremos o terreno freudiano das manifestações agressivas em sua relação com a pulsão de morte por alguns aspectos formulados por Lacan. Para esse autor, a compulsão à repetição é o princípio da pulsão de morte como exigência desarmônica, contrária à vida, porém ele o situa como fenômeno relativo à linguagem e ao inconsciente, e não ao campo da biologia como Freud tentou fazer.

Acompanhamos Miller (1995/2005) que, em seu curso, retoma o conceito de pulsão, que teria sido de certa forma eclipsado no primeiro momento do ensino lacaniano devido ao estruturalismo. Afirma ele que o esforço de Lacan para transcreever Freud culminou na consideração do termo gozo, termo que adquiriu um “caráter primário e real” em seu ensino, tornando-se um conceito (p. 120). Mesmo que pese, na história do sujeito, a estigmatização das fixações pulsionais, Miller reconhece que não dispomos de uma alavanca tal como o estádio do espelho⁷, método utilizado por Lacan para erguer o legado de Freud. E na própria conceituação lacaniana de gozo, no texto *O lugar da psicanálise na medicina*, podemos extrair uma articulação da pulsão de morte, em sua vertente real, com o corpo:

Porque aquilo a que chamo gozo, no sentido em que o corpo se experimenta, é sempre da ordem da tensão, do forçamento, do gasto, até mesmo da proeza. Há incontestavelmente gozo no nível que começa a aparecer a dor e nós sabemos que é somente neste nível da dor que se pode experimentar toda uma dimensão do organismo que de outra forma fica velada (Lacan, 1966/2001, p. 12).

⁷ Cf. Lacan, 1949/1998c, p. 96. Estádio do espelho: formulação lacaniana de releitura do narcisismo, que parte do aspecto diferenciado do comportamento do filhote humano, em relação ao macaco, no ato de reconhecimento da imagem de seu corpo no espelho, considerando suas repercussões na formação da função do eu.

No terreno conceitual da agressividade em Freud e Lacan, exploramos os destinos da pulsão agressiva que compreendem uma tendência à autodestruição pelo desdobramento do sadismo em masoquismo. Ao percorrer a direção da pulsão, como libido negativa, deparamo-nos com a concepção de masoquismo primordial erógeno na forma de um gozo narcísico ligado à constituição subjetiva. Pois o que o masoquismo revela é seu objetivo sádico em relação ao eu. Entretanto, no laço da pulsão com a identificação, a constituição do eu comporta um duplo movimento que implica uma identificação narcísica e uma identificação simbólica.

Ao modo de identificação narcísica, ou seja, o eu ideal, correspondem todas as formas de agressividade ligadas a uma libido negativa que conjuga agressividade e erotismo. A captação pela imagem é fonte de um gozo narcísico, pois apazigua a parcialidade da pulsão. Mas, como essa imagem se situa fora do corpo e ainda por cima é ilusória, isso agride o bebê humano porque o divide contra si mesmo. Consequentemente, a identificação ao eu ideal produz uma tensão agressiva em forma de paixão narcísica, associando narcisismo e pulsão de morte no registro Imaginário.

Na clínica da agressividade, são os conceitos de identificação ao ideal do eu e sublimação que surgem como forma de tratamento da mesma, pela ação do complexo de castração. Encontramos na significação fálica uma medida que regula o gozo imaginário, operando sobre o narcisismo do sujeito em direção a um gozo fálico, que, por sua vez, permite a substituição dos objetos de satisfação interditados. Lacan anuncia que é o Édipo que possibilita uma sublimação dessa agressividade pelo Ideal do eu que teria um efeito pacificador e normalizador da pulsão através da identificação com as insígnias paternas. Essa identificação só é possível com a renúncia aos objetos primordiais de satisfação da criança, simultaneamente à castração relativa ao corpo da mãe, pela presença invisível do falo no mundo de imagens da criança. Por essa dimensão de falta, o falo se torna um significante que representa ao mesmo tempo a castração da mãe e o Nome-do-Pai, articulando o desejo materno e a lei paterna no registro simbólico.

Na análise de Lacan sobre a fantasia *Uma criança é espancada* (Freud, 1919/1976b), comprovamos como o sujeito neurótico condensa o gozo em uma imagem. Explicitamos aí uma identificação simbólica a partir de um significante.

Entretanto, em *O Seminário, livro 7*, ao trabalhar os limites da “significantização” do gozo por causa da face pulsional do supereu, com suas exigências imperativas de satisfação, Lacan constata mais uma vez a insistência da pulsão de morte como uma força constante que empurra o sujeito para a zona central do gozo. Esse lugar onde o significante encarna o vazio e o Outro da linguagem se esvanece, presentifica o registro real. Nesse registro, a identificação

ao ideal do eu se dissipa, e a pulsão agressiva busca uma satisfação direta. O autor introduz no para além freudiano uma estrutura limite na qual a transgressão das barreiras sublimatórias daria acesso ao real do gozo.

Articulando ética e erótica, Lacan reforça o laço da pulsão de morte com o narcisismo no registro do real. Os exemplos da prevalência da pulsão de domínio nas práticas relativas à dama do amor cortês, e da pulsão de destruição no procedimento sadiano, indicam a presença da agressividade imaginária em relação aos objetos que ocupam o lugar do gozo. Ou seja, com esses exemplos, percebemos que um dos destinos da pulsão de morte concerne a um gozo narcísico, relativo à imagem de si como eu ideal. Pois, em seu desdobramento masoquista, a tendência é a de fechar o circuito da pulsão no gozo autoerótico.

Nessa vertente, a pulsão de morte comporta uma satisfação paradoxal que escapa à significação, à ordem da comunicação e ao significante; não é, portanto, uma intenção de significação, é tendência, ou seja, gozo. Lacan havia anunciado essa fórmula na quinta tese do seu relatório sobre *A agressividade em psicanálise* de 1948. Segundo ele, é justamente no cruzamento da tensão subjetiva, produzida pela imagem na dimensão de projeção do campo espacial do homem no campo do outro, com a tensão da angústia que ocorre pela antecipação da unidade do corpo na dimensão temporal, que devemos

contemplar a assunção, pelo homem, de seu despedaçamento original, mediante o que podemos dizer que a cada instante ele constitui seu mundo através de seu suicídio, e cuja experiência psicológica Freud teve a audácia de formular, [...] como ‘instinto [pulsão] de morte’ (Lacan, 1948/1998b, p. 126).

Mas qual seria então o destino da noção de agressividade ao longo do ensino de Lacan? Guillot (2014) indica que, no período inicial de seu ensino, Lacan ligou a pulsão de morte à agressividade situada no registro imaginário. Ele articulou-as à linguagem, como fenômenos desnaturalizados e, progressivamente, localizou a pulsão de morte no registro simbólico, mas depois, a partir dos anos 1960, ele fixou a pulsão de morte no real e a consequência disso seria sua disjunção da agressividade. Delimitamos esse percurso, orientados pelas questões que seguem. A agressividade equivale à dimensão mortífera da libido humana? Ou a agressividade tem caráter constitutivo para o sujeito? A agressividade é a manifestação do núcleo paranoico contido na estrutura do eu?

O que nos leva ao segundo capítulo, no qual, após percorrer a relação da agressividade com a pulsão de morte, demarcando suas aproximações e disjunções, tanto no campo teórico como em alguns fenômenos clínicos em que ela aparece, e retomamos sua articulação com a

teoria do narcisismo, como a paranoia original do homem. Esta concerne a todo processo identificatório elaborado no estádio do espelho. Nesse processo, Lacan articula a relação narcisista com as estruturas de desconhecimento e objetivação que caracterizam a formação do eu.

Exploramos o que Lacan denominou “estrutura paranoica do eu” para indagarmos se ela expressa o laço mais íntimo do real da pulsão de morte com o narcisismo. Recorremos a *O Seminário, livro 3: As Psicoses*, para trabalhar a estrutura fundamental do conhecimento humano articulada ao fundamento da estrutura paranoica. Fazemos um paralelo entre a agressividade estrutural da relação narcísica na alienação constituinte vista no transitivismo, pelo drama do ciúme (*jalousie*), e a agressividade da rivalidade imediata na alienação psicótica vista na *Verwerfung*, pela estrutura do delírio.

Tomamos a definição de Lacan de que a agressividade é um impasse que concerne à inscrição da linguagem dada pela entrada de um objeto de rivalidade e concorrência. Articulamo-lo às duas saídas do ciúme propostas em *Complexos familiares* (1938/2003a), no qual o sujeito pode conhecer o objeto socializado-pela concordância vista no jogo do *Fort-Da*, ou reencontrar o objeto materno pela não extração do objeto vista na certeza delirante. Para interrogar o estatuto desse objeto na sua articulação com a pulsão seguimos *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964/1988).

No terceiro capítulo, verificamos que, ao longo de seu percurso, Lacan (1964/1988, p. 24) também encontrou dificuldades em penetrar no labirinto da libido freudiana, considerando-a um conceito de difícil acesso. No citado *Seminário, livro 11*, acabou por destacar a pulsão como conceito fundamental, no limite entre o psíquico e o somático, e situá-la na fronteira do simbólico com o imaginário. Ele propõe que a essência da pulsão é “o traçado do ato”, através de uma montagem que vai da fonte (*Quelle*) ao alvo (*Ziel*), contornando o objeto (*Objekt*) pelo impulso constante de sua pressão (*Drang*) (p. 161). O que importa para Lacan é o trajeto, o caminho pelo qual a pulsão passa para obter sua satisfação, e isso não ocorre sem a intervenção das demandas do Outro da linguagem.

Ele considera que todas as pulsões sexuais fazem surgir a morte, uma vez que são articuladas no nível das significações inconscientes, como significantes (p. 243). Temos aí o sentido simbólico da morte, como o assassinato da coisa pelo significante, que difere da vertente real da morte. Embora o circuito da pulsão seja desenhado contornando o objeto da demanda do Outro, nesse trajeto o que interessa é o movimento de retorno. No seu vai e vem, ela denota o modo singular de satisfação do sujeito no “se fazer”, que associamos ao sadomasoquismo.

Será que a agressividade se desconecta da pulsão ou ela é justamente o que dá o *start* no “traçado” do ato? No esforço de responder a essa e outras questões, passamos a estabelecer a precisão na distinção conceitual entre agressividade, agressão e violência articulada com a presença ou não da palavra. Usamos um caso para verificar, na clínica, os efeitos da transferência para a construção de um pequeno traçado para a pulsão. E ante as manifestações da satisfação mortífera da pulsão, sejam elas o *kakon*, *acting out* e a passagem ao ato, servimo-nos de outras vinhetas clínicas para trabalhar as estratificações dessas manifestações agressivas visando a verificar a importância da localização do modo de gozo dos sujeitos para dirigir o tratamento. Articulamos essas manifestações com a estrutura fundamental do ato na clínica para indagar se aquilo que o autor nomeou, em sua tese III do relatório *A agressividade em psicanálise* (1948/1998b), como “paranoia dirigida” pode servir como modo de operar com o gozo narcísico, na transferência, para dar um lugar à agressividade simbólica como meio de enlçamento ao Outro ou mesmo de produzir um laço social mínimo.

CAPÍTULO 1 - AGRESSIVIDADE E PULSÃO DE MORTE

Começamos nossa pesquisa por explorar as bases conceituais da agressividade em psicanálise e suas relações com a pulsão de morte em Freud. Dividimos o período de abordagem de acordo com a primeira e segunda tópicos do aparelho psíquico postuladas por ele. Com a finalidade de dar embasamento conceitual ao tema, iniciamos introduzindo as definições psicanalíticas de libido e pulsão. Concomitantemente, assinalamos os períodos significativos de modificação na sua teoria da libido.

Posteriormente, enveredamos pela obra de Lacan começando com seu texto *A agressividade em psicanálise* (1948/1998b) para explorar qual leitura ele fez de Freud e o quanto avançou. Tentamos localizar a articulação da noção de agressividade com a pulsão de morte nos registros Imaginário, Simbólico e Real. Nesse percurso, cotejamos textos contemporâneos ao período de prevalência de cada registro, como também de outros períodos.

1.1 A pulsão de morte como substrato da agressividade em Freud

Para trabalhar nosso recorte do tema da agressividade em psicanálise, recorremos a dois conceitos freudianos: libido e pulsão. No verbete *A teoria da libido*, Freud (1922-1923/1976f) define que a “libido é um termo empregado na teoria dos instintos [das pulsões] para descrever a manifestação dinâmica da sexualidade” (p. 308). A dinâmica que se manifesta refere-se ao fato de a libido ser uma energia psíquica deslocável, que visa à satisfação sexual pelo movimento de investimento e desinvestimento nos objetos. Em *Sobre o Narcisismo* (1914/1974b, p. 91), ele se utiliza da imagem do corpo de uma ameba, que produz pseudópodes, para transmitir a ideia de que uma parte da libido é emitida do eu para os objetos externos e pode fluir de volta dos objetos para o eu, que estaria sempre pronto a absorvê-la. Denominada de força amorosa em *Psicologia de grupo e análise do ego* [eu]⁸, Freud (1921/1976d, p. 116) equivale a libido com “o ‘Eros’ do filósofo Platão”, tanto “em sua origem, função e relação com o amor sexual”.

Portanto, utilizando-se da definição de libido, Freud elabora o conceito de *Trieb*, pulsão, para descrever a sexualidade humana. A pulsão é definida por ele (1905/1972a) como um representante psíquico de excitações constantes oriundas de fontes endógenas, em conflito com os estímulos externos, excitações que impulsionam o organismo a buscar uma descarga para

⁸ Optamos pela tradução de Ego por eu. Destacaremos o eu entre colchetes toda vez que Ego aparecer na citação literal

sua satisfação. A pulsão situa-se “na fronteira entre o psíquico e o físico”, fronteira delimitada pela zona erógena, que sexualiza determinado órgão somático, ao qual Freud denomina de fonte (*Quelle*) da pulsão (p. 171). A finalidade ou alvo (*Ziel*) da pulsão tem por objetivo imediato atingir a eliminação da excitação, segundo o princípio de constância governado pelo princípio do prazer⁹. O alvo depende e tem uma estreita ligação com a fonte corporal, mas ambos são múltiplos, uma vez que estruturalmente a pulsão sexual se apresenta de forma parcial¹⁰.

Freud assinala também que para alcançar sua finalidade de acordo com a fonte erógena, a pulsão precisa de um objeto (*Objekt*) que é absolutamente contingencial e é o que ela tem de mais variável, indicando a plasticidade da pulsão. Dez anos passados, Freud (1915/1974c) retoma esse funcionamento demarcando que a escolha do objeto específico da pulsão e seu modo de satisfação decorrem de sua ligação com representantes psíquicos da fonte corporal, em virtude de vicissitudes na história do indivíduo. Por isso, a pulsão comporta características de plasticidade, variabilidade e desvio tanto da finalidade quanto do objeto, e outras mobilidades tais como a sublimação. Acrescenta que a essência mesma da pulsão é a pressão (*Drang*) constante que ela exerce sobre o aparelho psíquico, ou seja, a quantidade de força que ela aplica na “exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (p. 142).

A teoria da libido sofreu várias alterações ao longo da elaboração dos fundamentos psicanalíticos, mas, desde o início, esteve articulada à pulsão de agressão ou destruição. Freud se interessou progressivamente pela agressividade observando sua presença precoce na vida do indivíduo. Ele considerava que a agressividade era um fenômeno biológico instintivo vital e primitivo. Mas a sua teoria da libido oscilava entre um mecanismo de fusão e de “desfusão” da agressividade com a sexualidade, como também na obscuridade da permanência da posição

⁹ Cf. Freud, 1920/1976c, p. 20. O aparelho psíquico é governado por dois princípios: “Sabemos que o princípio do prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos [pulsões] de autopreservação do ego [eu], o princípio do prazer é substituído pelo *princípio da realidade*. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer” Nesse momento do pensamento de Freud, o processo primário se define como espaço pulsional de energia livre, excitação que pressiona por descarga, e o princípio do prazer só se instaura com o processo secundário, possível pela linguagem como princípio de ligação.

¹⁰Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1972a), introduz a noção de pulsões parciais ligadas a determinadas zonas erógenas, sob a forma da satisfação oral e anal. Lacan (1962-1963/2005) apresenta a pulsão escópica e invocante, agregando à lista dos objetos pulsionais a voz e o olhar. Estes dois novos objetos da pulsão dizem respeito ao desejo — a voz associada ao desejo do Outro, e o olhar, ao desejo pelo Outro. Lacan (1964/1988) também vai dizer que a pulsão invocante é a mais próxima do inconsciente.

dualista das pulsões, como se verá a seguir. Freud acaba por localizar na pulsão de morte o substrato pulsional das manifestações agressivas como seu único fundamento.

Para entender a oscilação de Freud em tratar da fusão/“desfusão” entre erotismo e agressividade, destacamos três momentos decisivos na obra freudiana relativos ao desenvolvimento da teoria da libido, a partir das duas tópicas do aparelho psíquico elaboradas por ele, e as articulamos à noção de agressividade. O primeiro se localiza em os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que Freud (1905/1972a) distingue pulsão de autoconservação e pulsão sexual. O segundo, por volta de 1914-1915, é marcado pelos artigos *Sobre o narcisismo: uma introdução* — no qual Freud (1914/1974b) faz uma correção da teoria e reúne a libido do eu à libido do objeto — e *Os instintos [pulsões] e suas vicissitudes* (1915/1974c). O terceiro período, de 1920, compreende todas as formulações seguintes à tese de *Além do princípio do prazer*, na qual Freud (1920/1976c) propõe uma nova dualidade pulsional: pulsão de vida e pulsão de morte.

1.1.1 Primeira tópica¹¹: pulsão de agressão e pulsão de domínio

Desde seus *Estudos sobre a histeria*, Freud (1893-1895/1987) enfatizou a origem dos fenômenos da sexualidade na vida infantil. Ao descrever nos *Três Ensaio*s os desvios em relação ao objetivo sexual considerado normal, Freud liga o sadismo a um componente agressivo da pulsão sexual que, por deslocamento do objetivo sexual, preponderou sobre o mesmo. Ele acrescenta que, por meio dessa ligação, ocorre a transformação de amor em ódio, de ternura em hostilidade, tanto nas neuroses como na paranoia. Porém, ao desenvolver os “instintos componentes”, descreve que as pulsões de escopofilia (voyeurismo), exibicionismo e crueldade são independentes das zonas erógenas, não apresentando conexão com a pulsão sexual a não ser mais tarde (1905/1972a, p. 197). Sobre a crueldade, Freud adverte que esta aparece precocemente na vida infantil, quando a barreira da piedade ainda não está desenvolvida, presumindo que surja como pulsão de dominação, mas que sua análise ainda estava incompleta na época (p. 198).

Com a aplicação da teoria da libido aos fenômenos psicóticos, surge a hipótese do narcisismo, em que Freud (1914/1974b) distingue libido do eu e libido do objeto. Freud foi

¹¹ Cf. Freud, 1900/1987a, pp. 534-551. Na primeira tópica freudiana, a composição do aparelho psíquico possui, de um lado, o sistema Inconsciente e, de outro, o Pré-consciente/Consciente. Essa oposição corresponde à dualidade do princípio do prazer e princípio da realidade, indicando o conflito entre a satisfação da sexualidade e uma instância recalcadora que possui aspirações éticas e morais. Nessa tópica, o ego é considerado totalmente consciente.

impulsionado pela experiência clínica sob transferência, na qual percebeu uma forte relação libidinal entre o eu e o objeto, fazendo do conceito de narcisismo um avanço na investigação sobre a direção que a libido toma. A emergência do eu vinda do autoerotismo implica uma nova ação psíquica¹²: o investimento libidinal da pulsão sexual no eu, que faz deste o primeiro objeto da libido. Posteriormente, haveria, na vida psíquica, uma pressão provocada pela geração de desprazer para sair das fronteiras do narcisismo e investir a libido nos objetos. Nessa época, Freud ligou a libido do eu às pulsões repressivas e de autopreservação, o que reforçou a sua resistência em pensar uma pulsão agressiva independente. Mas é importante observar que, nesse texto, o próprio Freud considera a concepção dualista da libido como uma especulação extraída de uma base biológica, e admite que a libido pode ser produto da diferenciação de uma energia geral que atua na mente (Freud, 1914/1974b, p. 95).

Em seguida, ao trabalhar *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud (1915/1974c) destaca a noção de ambivalência afetiva, associando o amor à relação de prazer entre o eu e o objeto, e o ódio exclusivamente à relação de desprazer. Na condição narcísica do começo da vida mental, o eu é investido pelas pulsões sendo capaz de satisfazê-las em si mesmo de forma autoerótica, portanto, ele não precisa do mundo externo, sendo-lhe este indiferente. A oposição amor autoerótico e indiferença ao mundo externo reflete a polaridade inicial entre eu e objeto. Depois, pela ação do princípio do prazer, o eu divide o mundo externo entre objetos agradáveis e desagradáveis. Nessa fase objetual ocorre relação de ódio e agressividade contra objetos estranhos, que o eu projeta e repele com a pulsão de destruição, mas introjeta e atrai objetos fonte de prazer com o sentimento do amor. Freud considera que o ódio é mais antigo que o amor e só se torna oposto a este último depois de estabelecida a organização genital. Acrescenta mais uma antítese, entre amar e ser amado, articulada à polaridade entre atividade e passividade, que ele interpreta de maneira similar ao sadismo e à escopofilia. Para ele, no entanto, mesmo quando o ódio adquire um caráter erótico, como ocorre quando o eu incorpora o objeto pelo devoramento oral, ou domina a função sexual na fase anal sádica, por exemplo, “os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego [eu] para preservar-se e manter-se” (1915/1974c, p. 160).

Embora Freud (1919/1976b) não indique a atuação da pulsão agressiva ou de domínio na fantasia *Uma criança é espancada*, entendemos que ela em si é uma formação permeada pela agressividade. Podemos destacar sua importância para nosso tema pelo fato mesmo de se passar sob as coordenadas de uma pulsão agressiva articulada com a pulsão sexual e a questão

¹² Cf. Lacan, 1960/1961/1992. Ele interpreta essa nova ação psíquica como sendo a presença do Outro da linguagem, pois não há amor de si que não passe pelo olhar e reconhecimento do Outro, como veremos a seguir.

da ambiguidade e do impasse. Contudo, consideramos um certo tratamento da pulsão pela via da fantasia neurótica e a retomaremos adiante nessa perspectiva.

Freud (1919/1976b) investiga a frequência dessa fantasia na clínica, observa sua origem precoce entre o segundo e o quinto ano de vida e indica sua utilidade para o “esclarecimento na gênese das perversões em geral e do masoquismo em particular, e para avaliar o papel desempenhado pela diferença de sexo na dinâmica da neurose” (p. 238). Ele a descreve em três fases em forma de frase. A primeira, “O meu pai está batendo na criança”, que não é sádica nem masoquista, mas provém de um estágio preliminar de rancor ciumento, podendo ser completada com “que eu odeio”. A segunda, “O meu pai está batendo em mim”, tem caráter masoquista, tendo sido modificada quanto ao objeto. Essa fase é “catexizada” com alto grau de prazer, e ainda que jamais tenha ocorrido, nunca é lembrada no sentido de ter se tornado consciente e necessitar ser construída em análise. A terceira, “Um adulto está batendo em várias crianças desconhecidas”, é inversa à segunda fase, pois substitui o eu por um objeto externo. Ela tem forma sádica, já que foi transformada quanto ao objeto, conquanto resulte em uma satisfação masoquista e desconcertante ligada a uma forte excitação sexual (pp. 231-233). Isso se explica porque, no fundo, o autor é um substituto do pai.

Para Freud (1919/1976b), a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas correspondem ao que restou do Édipo, como uma cicatriz da escolha objetual incestuosa que continua a viver no inconsciente após o recalque. O “ser espancado” é um substituto regressivo do amor sexual na excitação libidinal da criança somado a uma inversão do triunfo desse amor em castigo decorrente do sentimento de culpa (p. 237). Freud percebe uma desconcertante associação entre passividade e desprazer na satisfação da pulsão, e explica a gênese do masoquismo pela regressão libidinal de um objeto para o eu. O recalque instaura o sentimento de culpa e transforma o sadismo em masoquismo operando “de três modos: torna inconscientes as consequências da organização genital, obriga essa organização a regredir ao estágio sádico-anal e transforma o sadismo desse estágio em masoquismo, que é passivo e novamente, num certo sentido, narcísico” (p. 242). A constatação mais interessante de Freud é que, para ambos os sexos, a regressão à fantasia masoquista de ser espancado pelo pai corresponde a uma atitude feminina, quer dizer, a fantasia passiva de ser amado por ele, que permanece intacta no inconsciente mesmo com a ação do recalque (p. 248). Logo, deduzimos que essa fantasia concentra elementos pulsionais em jogo na fase narcísica.

Em *Além do princípio do prazer*, a posição dualista é mantida ao custo de uma obscuridade na teoria das pulsões, “como modo de sair a qualquer preço de uma situação embaraçosa”, pois Freud (1920/1976c, p. 75) admite que não foi possível isolar qualquer pulsão

que não fosse a sexual. A oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte é aproximada à ideia de polaridade entre amor e ódio, sob as formas de afeição e agressividade do amor objetual, respectivamente. Nesse ponto, Freud retoma sua tese de 1905 em que identificou, na pulsão sexual, um componente sádico, e já considera a possibilidade da existência de um masoquismo primário como uma fase anterior na história da pulsão. Adiante, esse ponto será explorado.

1.1.2 Segunda tópica¹³: pulsão de destruição

Com a formulação da segunda tópica, no seu texto *O Ego e o Id [O Eu e o Isso]*¹⁴, Freud (1923/1976e) retoma as duas classes de pulsões para traçar vinculações entre as mesmas e as três estruturas de diferenciação do aparelho psíquico. Considera o supereu¹⁵ como a expressão das mais poderosas pulsões e das mais importantes vicissitudes libidinais do isso, enquanto o eu seria a projeção de uma superfície corporal e o grande reservatório da libido. Ele supõe a existência, no aparelho psíquico, de uma energia deslocável, empregada a serviço do princípio do prazer, que tende ao estado inorgânico, isto é, à morte. Essa energia provém do estoque narcísico da libido, em estado dessexualizado, a saber, na forma de energia sublimada, dado que “ainda reteria a finalidade principal de Eros — a de unir e ligar — na medida em que auxilia no sentido de estabelecer a unidade ou tendência a unidade, que é particularmente característica do Ego [Eu]” (p. 61). Mas a libido narcísica “pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo” pela fusão ou “desfusão” das pulsões. Um exemplo clássico de fusão pulsional útil seria o componente sádico da pulsão sexual, e de “desfusão” pulsional, o sadismo, que se tornou independente como perversão (pp. 56-59). Nesse texto, considera que a pulsão de destruição seria habitualmente colocada a serviço da vida e dirigida ao mundo externo, não obstante se origine da pulsão de morte autodestrutiva e primária.

Seguindo sua investigação, no texto *O problema econômico do masoquismo*, Freud (1924/1976g) divide a pulsão de “domínio ou vontade de poder” em duas porções: como sadismo, se é desviada para fora e está a serviço da função sexual, e como “masoquismo original erógeno”, se fica dentro do organismo com ajuda da excitação sexual (p. 204). Ele se interessa

¹³ Cf. Freud, 1923/1976e. A segunda tópica freudiana é elaborada a partir das dificuldades teóricas com o narcisismo, a identificação e a resistência. Freud designa três instâncias psíquicas o Id (Isso) como o polo pulsional da personalidade, totalmente inconsciente; o Ego (Eu) como o representante dos interesses da totalidade da pessoa e investido da libido narcísica, e o Superego (Supereu) que julga e critica, como a interiorização das exigências e das interdições parentais. Ambos possuem partes conscientes e inconscientes.

¹⁴ Optamos pela tradução de Id por Isso; destacaremos o Isso entre colchetes toda vez que Id aparecer na citação literal.

¹⁵ Optamos pela tradução de Superego por supereu; destacaremos o supereu entre colchetes toda vez que Superego aparecer na citação literal.

em saber como a libido pode fazer um *Bändigung* (amansamento) da pulsão de morte, domando-a, e o associa ao mecanismo de fusão pulsional, à operação de ligação a um representante psíquico. Freud afirma que o masoquismo erógeno está presente em todas as fases da vida sexual de onde originam seus “revestimentos psíquicos cambiantes” (1924/1976g, p. 206).

O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) origina-se da organização oral primitiva; o desejo de ser espancado pelo pai provém da fase anal-sádica que a segue; a castração, embora seja posteriormente rejeitada, ingressa no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio ou organização fálica, e da organização genital final surgem, naturalmente, as situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade (Freud, 1924/1976g, p. 206).

Frente aos impasses sociais das manifestações da agressividade dirigida para fora, em *O mal-estar na civilização* Freud (1929-1930/1974d) associa o desenvolvimento da civilização ao do indivíduo. Ele afirma que o objetivo principal no desenvolvimento do indivíduo é a manutenção do programa do princípio do prazer que visa à satisfação da pulsão. Todavia, ainda reconhece a evidência da pulsão agressiva na vida sexual e seu envolvimento com as duas classes de pulsão como “uma disposição instintiva original e auto-subsistente (*sic*)” (p. 144).

Freud (1929-1930/1974d, p. 142) supunha que as manifestações da pulsão destrutiva ocorriam por meio do sadismo e do masoquismo conforme estivessem dirigidas para dentro ou para fora, mas “fortemente mescladas ao erotismo”. Consideramos que, à medida que o desenvolvimento teórico foi avançando, tornou-se difícil para ele pensar a pulsão de morte dissociada da libido. Sua tese era que, no sadismo, considerado um componente da sexualidade, havia um vínculo entre as tendências para o amor e a pulsão destrutiva externa na ligação com os objetos. No masoquismo, associavam-se a sexualidade e a pulsão destrutiva interna voltada para o eu. Essa “autodestrutividade” era derivada da pulsão de morte e representaria a sua face silenciosa e fugidia.

Para Freud (1929-1930/1974d), o concurso da civilização instaura o supereu à proporção que a renúncia pulsional exigida pela vida social cria uma consciência, e esta, por sua vez, exige mais renúncias, fundando o sentimento de culpa e a necessidade de punição. A solução seria a incorporação em seu eu, por meio da identificação, dessa “autoridade inatacável” que se transforma “em seu superego [supereu], entrando na posse de toda a agressividade que a criança gostaria de exercer contra ele” (p. 153). Pelo mito do assassinato do pai do totem, Freud explica esse processo de ambivalência afetiva: o ato de agressão, como

satisfação do ódio, institui o sentimento de culpa e faz advir o amor em forma de remorso no processo de sublimação. O supereu é criado nessa junção do ódio com o amor como ameaça de punição e impedimento à repetição do ato. Segundo Freud, na clínica da neurose o mito do Édipo serviria como regulação da pulsão pelo medo da perda do amor do pai. Teríamos, aí, um supereu “herdeiro do complexo de Édipo”, resultado da interiorização dos interditos parentais e ligado à figura pacificadora do pai, situando no amor a possibilidade da renúncia pulsional.

Do ponto de vista do indivíduo, aquela citada face silenciosa e fugidia da pulsão de morte é observada por Freud em algumas manifestações clínicas relacionadas a uma posição masoquista, na forma de agressividade dirigida para dentro. A compulsão à repetição de atos que provocam desprazer para o indivíduo ou causam seu mal-estar é associada por Freud (1929-1930/1974d) à tendência ao estado inanimado (p. 141), que pode ser fatal. Ao perceber a existência de uma satisfação paradoxal na reação terapêutica negativa ou nas neuroses de destino, nas quais o sujeito resiste à sua cura ou é levado a se autodestruir, ele teve dificuldades em sustentar a clínica pela interpretação edipiana. Embora Freud (1924/1976g) tenha associado esse masoquismo a um fator moral inconsciente — a necessidade de punição —, o problema é a satisfação libidinal retirada da significação erótica associada à moralidade do sentimento de culpa (pp. 211-212). O supereu, herdeiro da culpabilidade edipiana, na sua função normalizadora das pulsões pela via do amor, não explicava essa tendência autodestrutiva que se repetia.

A hipótese da existência de um supereu inatacável, Freud (1929-1930/1974d) a formula como o retorno sobre o eu da agressividade que o eu teria dirigido aos outros (pp. 146-153). Esse supereu¹⁶ que perturba, angustia e maltrata o eu é muito mais cruel e nada apazigua sua severidade; ele promove a satisfação obscura e masoquista do sacrifício: quanto mais se dá, mais ele pede. Freud (1929-1930/1974d) observa esse supereu quando “a renúncia instintiva [pulsional] não possui mais um efeito completamente liberador; a continência virtuosa não é mais recompensada com a certeza do amor ” (p. 151), já que nada o satisfaz. Miller (2004) afirma que essa satisfação paradoxal revela a dimensão pulsional do supereu, que ele nomeia de “pulsão do supereu”, que considera ser a melhor definição da pulsão de morte (p. 22).

¹⁶ A respeito desse supereu inatacável Lacan destaca que ele deu origem à noção de “supereu sádico” desenvolvida por Melaine Klein. Ele se origina dos objetos maus que foram internalizados primitivamente e permaneceram estimulando o sentimento de que todos os objetos bons estão mortos. Ele é cruel, evoca culpa excessiva, exige perfeição e opõe-se às pulsões. Melanie Klein (1882/1960) desenvolveu uma escola de psicanálise na Inglaterra, foi uma teórica das relações de objeto, autora da teoria do “desenvolvimento psicosssexual e psicopatologia” embasada em eventos que ocorrem durante o primeiro ano de vida. Sua teoria da psicopatologia propõe que a agressão inata excessiva ou a reação psíquica à agressão era a causa de distúrbios emocionais severos como os transtornos psicóticos.

Poderíamos nos perguntar se a parte da pulsão de morte não normalizada pelo amor, ou a parte do supereu não regulável pelo amor subsiste como um resíduo tirânico e atormentador, impermeável às interpretações edipianas de suas manifestações.

Ainda que, ao final de sua obra, Freud designasse as pulsões como “entidades míticas, magníficos (*sic*) em sua imprecisão”, ele nunca recuou frente à investigação da sexualidade nem da agressividade (Freud, 1932-1933/1976i, p. 119). Numa carta em resposta à Princesa Marie Bonaparte, escrita em 1937, sobre o tema da agressividade, Freud sugere uma maior independência da destrutividade externa original e considera que a sublimação desvia uma parte da pulsão de destruição do “seu objetivo destruidor original”, como citado por Jones (1953/1989, p. 449). Este autor ressalta que mesmo a pulsão sexual não entra em ação sem alguma quantidade de agressividade, e afirma que na combinação das duas pulsões há uma sublimação parcial da pulsão agressiva. Esta fica latente ou recalçada por uma catexia erótica, como “contra compensação”, o que coloca em pauta o tema enigmático da ambivalência afetiva (p. 450).

Podemos observar que, a partir de sua formulação do *Além do princípio do prazer* (1920/1976c), Freud ultrapassa a concepção da agressividade como um princípio exclusivamente biológico ligado à pulsão de autoconservação e vai se dando conta do caráter deletério da pulsão agressiva, que ele liga à pulsão de morte. Ao associar a produção de dor ao princípio do prazer, ele teve que reformular toda a teoria para pensar uma pulsão que não atende a esse princípio e atua de um modo desligado das representações psíquicas, não passando pelo recalque, como no caso do masoquismo primordial. No trabalho sobre o *Mal-estar na civilização* (1929-1930/1974d), profundamente marcado pelas consequências da Primeira Guerra Mundial, Freud desvincula a agressividade das pulsões de conservação do eu como seu fundamento. Nesse texto, ele reconhece que a grande ameaça à civilização é a tendência “inata” do homem para a agressão, integrada à pulsão de morte, manifesta como uma inclinação à ruindade, destruição e crueldade (p. 142).

1.2 A agressividade como modo de identificação narcísico e pulsão de morte em Lacan

Para analisar as implicações teóricas e clínicas da articulação da agressividade com a pulsão de morte, fizemos um recorte ligado aos três registros fundamentais estabelecidos ao longo do ensino de Lacan. Percorremos alguns textos da prevalência do Imaginário, Simbólico e Real, seguindo a proposta lacaniana de esclarecer a significação enigmática da pulsão de morte freudiana em sua relação com a agressividade. Circulamos pelo texto *A agressividade*

em *psicanálise*, de 1948, de forma geral, extraindo como orientação a definição da *Tese IV* do trabalho, que postula que “a agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo” (1948/1998b, p. 112).

Uma vez que a agressividade é tomada como tendência, estabelecemos sua relação com o conceito de pulsão e de gozo, para verificar seus desdobramentos segundo os três registros. Para essa correspondência, nossa ferramenta de leitura foram os modos de satisfação da pulsão propostos por Miller sob a designação de “gozo imaginário; gozo substitutivo; gozo da transgressão”, no seu curso *Silet, os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan* (1995/2005, p. 122), no qual ele adota uma leitura *a posteriori* para o conceito de pulsão na lógica do ensino lacaniano. Desta forma, num movimento em espiral, cotejando alguns textos contemporâneos da prevalência de cada registro com o texto de 1948, associamos os destinos da pulsão agressiva como libido negativa, às identificações: a agressividade contida na identificação imaginária pelo eu ideal, a agressividade pertencente ao Ideal do eu como identificação simbólica, até a tendência à destruição vista no supereu pelo desdobramento do sadismo em masoquismo.

1.2.1 A agressividade articulada à pulsão de morte no Imaginário

Em quase todos os textos dos *Escritos*, Lacan postula a dimensão fundamental do sujeito no que ele chama de Imaginário. Nessa época de seu ensino, ele considera o Inconsciente como um complexo de *imagos*¹⁷. No texto *A Agressividade em psicanálise* Lacan (1948/1998b) articula a teoria da pulsão freudiana ao campo imaginário, no qual podemos localizar a identificação narcísica do estágio do espelho como solução para o gozo do corpo despedaçado. Pois, pela elaboração desse estágio, Lacan (1949/1998c) prossegue na investigação da constituição subjetiva, destacando a função decisiva da *imago* do corpo próprio para inscrever uma relação do organismo (*Innenwelt*), primordialmente insuficiente, com a realidade (*Umwelt*) (p. 100). Entretanto, sinaliza que devemos partir da “função de desconhecimento”, que caracteriza o eu, pelos efeitos latentes da *Verneinung* freudiana, uma negatividade presente em todas as estruturas destacadas na segunda tópica (p. 103). Lacan define o eu como uma instância

¹⁷ *Imago* foi um termo criado por Carl Jung, em 1912, e depois usado por Freud e outros psicanalistas. Designa uma imagem inconsciente de objeto, realizada e construída em idades precoces e que fica investida pulsionalmente. Como uma construção imaginária e simbólica, as *imagos* desempenham o papel de modelo ou ideal que rege, de uma forma inconsciente, as escolhas objetivas futuras.

resultante da função do juízo sob o domínio do princípio do prazer, e não organizado pelo princípio da realidade.

Caracterizo essa instância, aqui, não pela construção teórica que dela fornece Freud em sua metapsicologia, como sistema *percepção-consciência*, mas pela essência fenomenológica que ele reconheceu como sendo a sua essência mais constante na experiência, sob o aspecto da *Verneinung*, e cujos dados ele nos recomenda apreciar no índice mais geral de uma inversão precedente ao juízo (Lacan, 1948/1998b, p. 111).

O estágio do espelho ilustra a constituição do eu por clivagem com o mundo externo, ora, para entender essa clivagem, retomaremos o conceito de denegação. Em *A Negativa*, Freud (1925/1976h) afirma que, por influência das pulsões, se instauram no sujeito os juízos de atribuição e de existência a partir de uma primeira afirmação, *Bejahung*. Inicialmente, uma oposição do dentro e do fora ocorre por meio da função do julgamento na qual o eu prazer original ejeta tudo que é mau e prejudicial e introjeta tudo que é bom e útil, fundando o juízo de atribuição. O eu realidade, que se desenvolve a partir do eu prazer, julga a existência real de uma representação pelo “teste de realidade” (p. 297). O juízo de existência, portanto, conta com a percepção primitiva que o sujeito teve das coisas, a partir da reprodução da representação da coisa que ele conservou. Mas, a precondição para o teste de realidade é que o objeto que trouxe satisfação real para o eu tenha sido perdido para ter a possibilidade de ser reencontrado na representação.

O mais interessante é que Freud faz corresponder a origem do julgamento “a partir da ação recíproca dos impulsos instintuais [pulsionais] primários” conforme o princípio do prazer (1925/1976h, p. 299). Assim, ele relaciona a afirmação com a pulsão de vida equivalente à união libidinal, e a negativa à pulsão de destruição como sucessor da expulsão. Desta forma, o “julgar é a ação intelectual que decide a escolha da ação motora... e conduz o pensar ao agir” (p. 299) por meio das pulsões, e essa liberdade incide sobre a função de síntese do eu. Ele conclui que o reconhecimento intelectual do inconsciente pelo eu ocorre quando uma imagem ou ideia que foi recalçada chega à consciência sob uma fórmula negativa, se bem que essa denegação ainda mantenha o afeto ligado ao recalque. Disso decorre que o fundamento do eu é sempre de desconhecimento.

Voltemos ao que Lacan (1949/1998c) nomeou estágio do espelho, que é a experiência de reconhecimento de sua imagem refletida no espelho pelo bebê humano. Diferentemente do comportamento animal, a observação desse acontecimento demonstra que o *infans*, entre seis e

dezoito meses, por uma série de gestos, “experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido”, ou melhor, seu próprio corpo, as pessoas e os objetos da realidade à sua volta (p. 97).

A forma primordial da identificação, mediante a captação da *imago* da figura humana, é uma relação erótica na qual o ser humano se fixa em uma imagem que o aliena de si mesmo, pois o reconhecimento se dá em uma imagem exterior a si próprio, através do outro do espelho. Por isso, Lacan considera “como paranoico o conhecimento humano”, característico de um “transitivismo”¹⁸ normal, ou seja, o eu é um outro (p. 99). Neste fenômeno, “a criança pode participar, num transe completo, do tombo de seu colega, ou igualmente lhe imputar, sem que se trate de mentira, ter recebido o golpe que lhe aplicou” (Lacan, 1946/1998a, p. 182). Isso demonstra que o verdadeiro mecanismo comum do eu é um princípio de desconhecimento, um menos de conhecimento. Mesmo que o sujeito já esteja sob a incidência da linguagem, há um início comum para qualquer estrutura que se defina daquele que frequenta o estágio do espelho.

O estágio do espelho é a primeira estrutura do mundo primário do sujeito, o que significa que é um mundo muito instável. O mundo estruturado pelo estágio do espelho é um mundo de transitivismo. Transitivismo quer dizer que você não sabe se foi você ou o outro que fez. Quando a criança bate na outra, diz: “Ele me bateu”. Há uma confusão: “fui eu ou foi ele?” (Miller, 2008/2012, p. 406).

Retomando Freud (1914/1974b), apreende-se que a constituição subjetiva consiste na operação psíquica que é resultado da passagem do autoerotismo para o narcisismo. Freud localiza o reservatório da libido no eu (definido como uma diferenciação interna do isso), de onde a pulsão se dirige para os objetos e retorna ao Eu. A erotização do corpo próprio tem um papel primordial na concepção do narcisismo, como a ação psíquica que funda o interesse erótico pelo Eu. O conceito de narcisismo em Freud percorre um duplo movimento: do corpo ao eu, um eu corporal, isto é, do eu como objeto da libido, à concepção do eu como fonte primária da libido. Conforme Miller (1995/2005, p. 132), “Freud atribui a esse narcisismo a significação de uma perversão”, a mesma importância de uma perversão, por tê-lo ilustrado por intermédio da homossexualidade. O narcisismo primário de Freud é o “narcisismo perverso do corpo próprio” que localiza, no eu e no amor de si mesmo o gozo primordial.

¹⁸ Cf. Lacan (1946/1998a, p. 181). Charlotte Bühler e Elsa Köhler, citadas por Lacan, observaram e relataram o fenômeno do transitivismo em crianças bem pequenas. Bühler, C., *Soziologische n. psychologische Studien über das erste Lebensjahr*, Iena: Fischer, 1927; Köhler, E. *Die Persönlichkeit des dreijährigen Kindes*, Leipzig, 1926.

Lacan (1946/1998a) observa que a prevalência da percepção visual do corpo próprio no espelho indica que, com a prematuridade motora da criança, o reconhecimento antecipado da forma humana tem a função de constituir um “eu ideal” pela imagem narcísica. Mas, o cerne do narcisismo seria a possibilidade de identificação com essa forma, seria o “nó imaginário” no qual se situa a “relação da imagem com a tendência suicida que o mito de Narciso¹⁹ exprime essencialmente” (p. 187). Lacan interpreta essa “tendência suicida” do narcisismo a partir da metapsicologia freudiana, com os conceitos de pulsão de morte, “ou ainda de *masoquismo primordial*”, para dizer que essa tendência

decorre, para nós, do fato de que a morte no homem, muito antes de se refletir, aliás de maneira sempre ambígua, no pensamento, é por ele experimentada na fase de miséria original que ele vive, desde o *trauma do nascimento* até o fim dos primeiros seis meses de *prematuração fisiológica*, e que depois irá repercutir no *trauma do desmame* (Lacan, 1946/1998a, p. 188).

Nessa fase traumática de “miséria original” da história psíquica reside o anúncio de toda série de renúncias que vai compor a memória do sujeito, marcada pela ruptura inicial entre o ser e o Eu. É a identificação com a *imago* do corpo que abre a causalidade psíquica, realizando “uma metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante” como solução para a discórdia primordial (Lacan, 1946/1998a, p. 189). Nesse tempo inicial, em uma perspectiva heraclitiana, na qual a discórdia é anterior à harmonia, pulsão de morte e agressividade se equivalem, pois ambas se originam da libido narcísica (Lacan, 1948/1998a, p. 118).

Segundo Miller (1995/2005, p. 126), no estágio do espelho o afeto de júbilo experimentado pela criança diante do reconhecimento de sua imagem refletida no espelho imprime uma satisfação explícita, ligada à percepção da forma total do corpo como origem da unidade do eu. Inicialmente, entretanto, e de maneira implícita, temos a manifestação de dor na vivência do corpo fragmentado que indica o estado de prematuração, da qual o sujeito sofre por sentir-se despedaçado pela desarmonia dos órgãos do seu próprio corpo, quando ainda não possui uma ideia total dele.

Lacan (1948/1998a) indicou a função formadora das imagens como determinantes das tendências individuais, na condição de variações das matrizes constituintes da *imago* para as pulsões. Para ele, as imagens estruturais nomeadas como “imagos do corpo despedaçado” são

¹⁹ Cf. Kury (2003, p. 278). Segundo o mito, Narciso impressionava por sua rara beleza, jamais vista por ele mesmo. Quando chegou à fase adulta, após uma caçada, ele se debruçou na fonte de Téspias para beber água. Nessa posição, ele viu seu rosto refletido na água e se apaixonou pela própria imagem. Aprisionado por ela, ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta e morreu.

os “vetores eletivos das intenções agressivas” (p. 107). Precocemente na vida das crianças, observa-se a satisfação com as brincadeiras de desmembramento corporal, como tema espontâneo da imaginação infantil. Isso desde os primórdios da humanidade, ou como vemos na obra do pintor medieval Bosch, que retratava fenômenos de desincorporação com imagens dos órgãos orais e daqueles derivados de canais destinados a dejeções, gerando formas de demônios em sua arte. Do que se pode depreender que o ponto de partida da experiência de gozo é o corpo, onde a satisfação já se apresenta sob duas vertentes: a dor e o prazer.

Miller (1995/2005) vai nomear essa satisfação como o gozo imaginário. A satisfação libidinal procede do eu (*moi*)²⁰ e caracteriza-se como permanente, estagnante e inerte, posto que sempre retorna ao corpo. Pois, a libido narcísica tem sua fonte no dilaceramento original, do qual o eu retira a energia vital para o recobrimento pela imagem.

À *Urbild* dessa formação, embora alienante por sua função externalizadora, corresponde uma satisfação própria, que se prende à integração de uma desordem orgânica original, satisfação esta que convém conceber na dimensão de uma deiscência vital constitutiva do homem, e que torna impensável a ideia de um meio que lhe seja previamente formado, libido “negativa” que faz resplandecer novamente a ideia heraclitiana da Discórdia, sustentada pelo efésio como anterior à harmonia. (Lacan, 1948/1998a, p. 118).

Por conseguinte, o narcisismo comporta, a um só tempo, uma libido positiva, dada pela abertura vital à maturação, e uma “libido negativa”, dada pela discórdia inicial sob a forma de agressividade, apesar de ambas provirem da “paixão narcísica” do eu (Lacan, 1948/1998a, p.118).

Podemos localizar esse gozo situado no eixo imaginário a–a’ que é expresso no famoso esquema L, que Lacan (1954/1985a, p. 307) utiliza para o Inconsciente. Esse esquema foi elaborado entre os anos 1954 e 1955 e utilizado até 1957 para estudar a topologia do espaço falante. Nele, as relações entre imaginário e simbólico aparecem na forma de dois eixos que se entrecruzam como figuração de relações entre a cena enunciada e a outra cena, a cena inconsciente. O esquema L representa os quatro lugares que suportam a palavra falada: o sujeito, o eu, o outro e o Outro.

²⁰ Lacan (1954-1955/1985a, p. 9) toma o núcleo do imaginário formado pelo eu em duas representações: eu (*moi*) instância imaginária, fonte de todas as resistências, como a imagem refletida de seu corpo, e eu (*je*) que é uma dimensão mais simbólica, indica a posição do sujeito frente à realidade, que, sem saber quem de fato é, acredita ser *moi* a quem vê no espelho. Dessa forma, Lacan distingue o eu do sujeito, “[EU] não é o eu, o sujeito não é o indivíduo”.

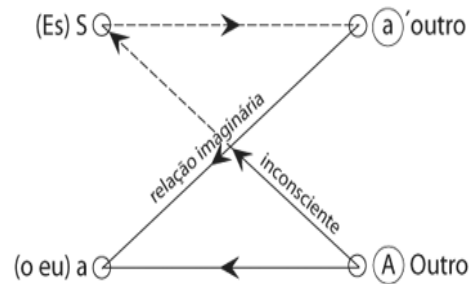


Figura 1 – Esquema L
 Fonte: Lacan, 1954/1985a, p. 307

Esses elementos representam: $S = Es$, Isso, sujeito do inconsciente, que deve ser lido na função genitiva de que o inconsciente tem a posse do sujeito. É sujeito no sentido de sujeitado, conforme a estrutura que se defina, a saber, sujeitado de forma psicótica, perversa ou neurótica. $a' = \Theta$, o outro, o semelhante em posição de objeto que é uma projeção do eu do conhecimento, como me conheço através das imagens que faço de mim, enunciando: —“Eu sou ...”. $a = \Theta$, o eu da experiência, no qual o eu que enuncia se vê a si mesmo, o falante, o que sustenta o enunciado: —“Eu...”. $A = \text{Outro}$, a alteridade radical do tesouro dos significantes (Lacan, 1954/1985a, p. 307).

Entre o eu (a) e o outro (a') só existe relação narcísica, e é onde Lacan (1953/1998d, p. 251) situa a frustração fundamental do ser, sempre alienado na relação imaginária com o semelhante, que goza no lugar do eu. Ele indica que nesse eixo o analista lida com a fala vazia do paciente, equivalente ao gozo imaginário, situação que o silêncio se impõe na técnica, visto que é o lugar onde aparecem todas as resistências. Conquanto a transferência seja considerada proveniente da dimensão imaginária, por aparecer no momento de estagnação dialética e reproduzir os modos permanentes de constituição dos objetos para o sujeito, não se deve operar pela fala em que há miragem do ser. A consequência de uma intervenção seria o desencadeamento da agressividade, pois o sujeito tomaria por desprezo qualquer fala que se comprometesse com sua alienação, porque não há resposta adequada ao gozo que o outro lhe subtrai. Esse eixo é considerado aqui um obstáculo à elaboração simbólica, denunciando uma tensão, na teoria, entre aquilo que permanece fora da apreensão da linguagem e da fala, e o que é dominado pelo simbólico.

Mesmo que nesse texto Lacan considere o Inconsciente concebido como o lugar da fala e da linguagem, a partir da intersubjetividade da comunicação no discurso que ele emite, podemos extrair de sua elaboração a autonomia do imaginário como o que persiste na ação do simbólico. Ao discorrer sobre as ressonâncias da interpretação na prática analítica, por exemplo, Lacan sugere que a fala para o sujeito pode transformar-se em objeto imaginário ou real e

rebaixar a função da linguagem. Disto apreende-se que as palavras são oriundas do conjunto de imagens corporais que seduzem o sujeito, pois “A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo” (Lacan, 1953/1998d, p. 302). Esse desenvolvimento confere um lugar central para a agressividade, dado que o sujeito pode rebaixar o Outro da linguagem ao outro da imagem.

1.2.2 A agressividade articulada à pulsão de morte no Simbólico

A partir de seu *Discurso de Roma*, Lacan (1953/2003b) remaneja a concepção do imaginário deslocando a ênfase para o simbólico, traduzindo as pulsões em fenômenos de linguagem como a substituição, a metonímia e a combinação. Ao estruturar as pulsões em termos simbólicos, desprende-as do gozo exclusivamente imaginário. A agressividade é deixada no terreno imaginário e a pulsão de morte é considerada uma falha vital constituída pela lógica significante. Para compreendermos o destino da agressividade imaginária constitutiva, torna-se necessário entendermos o percurso que a teoria lacaniana faz para dar um tratamento simbólico à pulsão.

Nesse período do seu ensino, Lacan estabelece o Inconsciente estruturado como uma linguagem, introduzindo uma dialética do ser. No campo da linguagem, a comunicação é intersubjetiva e dialética, na qual a fala tem função de doar sentido. Ocorre, assim, uma ênfase no eixo simbólico do esquema L, $A \rightarrow S$, onde Lacan (1954/1985a) inscreve o Outro como o lugar da fala e da linguagem, para lhe dar o poder de decidir sobre o sentido e estruturar o imaginário. Então, a constituição da subjetividade tem seu fundamento além da morte, com o assassinato da coisa, no qual o Outro da linguagem, como uma função, faz ser o que não existe mediante a palavra. Com isso, o sujeito do Inconsciente é definido como uma “falta a ser” que agrega a noção de desejo em uma morte que produz vida.

A técnica, para Lacan (1953/1998d), teria como foco a realização progressiva do sujeito em contraposição a uma decomposição regressiva do eu, esvaziando os objetos imaginários nos quais o sujeito se fixou. Fundada na relação intersubjetiva, “a análise só pode ter por meta o advento de uma fala verdadeira e a realização, pelo sujeito, de sua história em sua relação com um futuro” (p. 303). De igual modo, o valor da fala não é considerado pela satisfação em si, mas pelo efeito de verdade que pode produzir na intersubjetividade. Conquanto Lacan considere as observações inaugurais de Abraham que indicam que o discurso pode tornar-se erotizado, assumindo uma função “fálico-uretral, erótico-anal ou sádico-oral”, ele as coloca sob a esfera da resistência e fora da meta da análise (p. 303). Mas Lacan nos adverte que situá-las nesse

campo não deve ser para excluí-las da relação analítica, sob pena de abrir mão de seu objetivo. Ao desconsiderar a erotização do discurso, corremos o risco de, junto com a satisfação da fala em si, subtrair a pulsão, desconectando fala e gozo da experiência analítica.

Em presença da inércia do imaginário, fonte de todas as resistências ao tratamento, um resto pulsional (gozo) permaneceria intocável. Esse resto, considerado tanto como o automatismo da repetição como a pulsão de morte, exprime em sua essência o limite da função histórica do sujeito, como exigência desarmônica, contrária à vida, e esse limite é a morte (Lacan, 1953/1998d, p. 319). A consequência dessa concepção é uma disjunção entre Inconsciente e pulsão, e nos perguntamos se não seria uma solução encontrada por Lacan, naquele momento, para dominar os objetos e produtos do gozo que proliferam no imaginário, degradando a função da fala. Entretanto, Lacan (1957-1958/1998e) nos indica que a necessidade de articulação simbólica foi descoberta por Freud ao mesmo tempo que o Inconsciente, como vemos na elaboração metódica do Édipo freudiano (p. 553). Isso posto, nós questionamos: como Lacan aborda a agressividade imaginária no campo simbólico?

Desde 1948, Lacan afirma que a ligação dialética da agressividade com a função do Complexo de Édipo, em sua normalidade, é de sublimação, que, por sua vez, designa uma reformulação identificatória do sujeito. Essa nova formulação produz uma “*identificação secundária* por introjeção da *imago* do genitor do mesmo sexo”, permitindo ao sujeito transcender “a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva” (Lacan 1948/1998b, pp. 119-120). De acordo com ele, o efeito estrutural de identificação edípica com o rival não é evidente, a não ser na imaginação, e só é concebível se tiver sido preparado por uma identificação primária que estrutura o sujeito como rival de si mesmo. Decorre disto que “a noção de uma agressividade como tensão correlata à estrutura narcísica do devir do sujeito permite compreender [...] toda sorte de acidentes e atipias desse devir” (Lacan, 1948/1998b, p. 119).

Recapitulando: em um dado momento, as pulsões autoeróticas, parciais, ligadas às zonas erógenas, dão origem à unidade do eu, no qual Lacan situa um narcisismo relacionado ao reflexo especular do corpo. Essa imagem no espelho recobre o esfacelamento orgânico e corresponde ao eu ideal, *a*, situado no eixo imaginário do esquema L. A identificação do bebê com essa imagem, como um outro semelhante, introduz um segundo narcisismo, situando o ser humano em uma relação libidinal e imaginária com o mundo. Entretanto, Lacan (1960/1998g), no texto *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*, assinala que a integração dessa imagem não ocorre sem a presença do Outro da linguagem, em que o discurso se situa, pois, ele é evocado “no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a

segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo *ela já estava*” (p. 685). É a palavra desse Outro materno que crava no corpo da criança uma “reserva de atributos” na qual ela tem de forjar seu lugar na qualidade de sujeito (p. 685).

Freud (1914/1974b, p. 110) considera que, na constituição do eu, o eu ideal se define a partir de uma imagem de perfeição e completude originada do narcisismo dos próprios pais, que culmina no amor próprio do eu como um ideal em si mesmo, de onde provém o recalque. A satisfação libidinal infantil é atravessada por exigências e renúncias ligadas a valores culturais, que o homem reconhece como um padrão para si próprio, instaurando um Ideal do eu. Dessa forma, “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (p. 111).

Em suas teses sobre a agressividade, ao tomar o Inconsciente como um complexo de *imagos*, Lacan (1948/1998b) destaca a função apaziguadora do ideal do eu, conectando a normatividade libidinal e cultural através da *imago* do pai. Para ele, a identificação edipiana instaura uma distância em relação ao próximo que permite, pelo sentimento de respeito, despertar o afeto (p. 120). Entretanto, dez anos mais tarde, com a formulação da “metáfora paterna”²¹, Lacan (1957-1958/1998e, p. 561) traduz o Édipo freudiano em termos significantes, situando o grande Outro antes mesmo do narcisismo primário (p. 557). Ele traz ao Édipo a modificação para uma estrutura quaternária, incluindo nele o significante da morte e do sexo. Mas de que forma o significante é introduzido na vida da criança?

Recorremos a *O Seminário, livro 5: As Formações do inconsciente*, onde Lacan (1957-1958/1999) desenvolve a dialética da necessidade, demanda e desejo. Ele nos lembra que, inicialmente, as necessidades vitais do *infans* precisam se definir como demandas sob a forma da comunicação. O Outro materno primordial é especificado como fonte da palavra, em que se produz a identificação primária à qual o bebê humano se subordina para entrar nas condições convencionais da linguagem. Contudo, mesmo que a criança passe pelo crivo do significante da mãe, seu apelo já se encontra alienado no campo do desejo desse Outro, pois o que a criança diz já está enunciado nas formas do Outro materno (Lacan, 1958/1998f, p. 624). A alternância

²¹ Cf. Lacan, 1957-1958/1998e, p. 563. A metáfora do Nome-do-Pai é a operação que coloca esse nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe. O significante primário S', para aquele a quem designamos sujeito, é a mãe como desejante, o desejo da mãe. Mas o que ela quer? Para essa pergunta a resposta deve ser trazida justamente pela metáfora paterna. Quando a mãe deseja o pai, tal como a criança deseja a mãe (e é esse desejo que faz do desejo da mãe um significante), isso significa que é aquilo que falta à mãe, e que o pai possui, que se torna o significante efetivo do desejo da criança. Ou seja, o falo. O Nome-do-Pai não é o objeto, mas o significante-mestre. Eis a fórmula:

Nome-do-Pai	Desejo da Mãe	→	Nome-do-Pai	=	A
Desejo da Mãe	Significado para o sujeito				Falo

entre a presença e ausência desse Outro assinala a dimensão da falta a ser e do desejo materno, à medida que sua ausência evoca o objeto “aceitável” pelo Outro. Por necessidade, o eu profere a demanda como um apelo que corresponde ao objeto que “o Outro quer desejar, em suma, do objeto metonímico” (1957-1958/1999, p. 99). A demanda faz um circuito que parte do Outro e leva ao que é desejo do Outro (p. 100). Disso decorre que a demanda formulada não corresponda à satisfação da necessidade, e nesse espaço deixado entre o apetite de satisfação da necessidade e a demanda, surge o desejo como um resíduo da não satisfação, uma marca de falta (Lacan 1958/1998f, p. 698). A dialética do desejo se estrutura na experiência da criança com relação à mãe e ao pai na condição de significantes.

Vemos o sujeito em sua relação com uma tríade de termos, que são as fundações significantes de todo seu progresso. Nomeadamente, M, a mãe, na medida em que é o primeiro objeto simbolizado, já que sua ausência ou sua presença se tornarão, para o sujeito, o signo do desejo ao qual se agarrará o desejo dele próprio, uma vez que fará ou não dele não apenas uma criança satisfeita ou insatisfeita, mas uma criança desejada ou não desejada (Lacan, 1957-1958/1999, p. 267).

O que Lacan (1957-1958/1999, p. 296) destaca como sendo o objeto metonímico do desejo da mãe é o falo, “concebido como significante da distância entre a demanda do sujeito e seu desejo”. Conceito chave na teoria psicanalítica, adquire estatuto de elemento organizador da sexualidade. Se bem que, inicialmente, na forma de imagem ele tenha a função de representante da dimensão de ausência ou presença do pênis, é pela dimensão da falta que ele se torna um “significante-pivô” do objeto do desejo mãe (p. 248). O falo imaginário é um representante psíquico do pênis, fisicamente proeminente e concentrador de uma excitação libidinal que desperta intensa curiosidade para ambos os sexos. Mas a angústia vivenciada pela percepção visual da diferença anatômica entre os sexos se impõe para a criança como reconhecimento de um limite, uma falta corporal. Paulatinamente, Lacan (1957-1958/1999, p. 289) difere o falo do órgão e desloca o conceito para a dimensão simbólica, propõe “ir além da teoria da pulsão natural” e considerar sua intervenção como significante. Para ambos os sexos, a negatização do falo “ressignifica” todas as experiências de renúncia dos estágios anteriores e é decisiva para a futura identidade sexual, na condição de castração imaginária (-fi). Os objetos perdidos previamente, como o seio da mãe ou as fezes que se soltam do corpo, assumem o valor de falo imaginário e se inscrevem em uma série de objetos permutáveis frente à falta e ao desejo insatisfeito. Ocorre que a criança se identifica com esse objeto metonímico que é articulado à função do significante.

O sujeito se identifica imaginariamente com ele de um modo absolutamente radical, e não com esta ou aquela das funções de objeto que atenda a essa ou aquela tendência parcial, como se costuma dizer. Alguma coisa exige que, nesse nível, haja em algum lugar um polo que represente no imaginário aquilo que sempre se furta, aquilo que se induz de uma certa corrente de fuga do objeto para o imaginário, em razão da existência do significante. Esse polo é um objeto. Ele é axial, central, em toda a dialética das perversões, das neuroses e até, pura e simplesmente, do desenvolvimento subjetivo. Ele tem um nome. Chama-se falo. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 240).

Na operação da metáfora paterna, a palavra do pai, como representante da lei simbólica, produz uma operação de castração simultânea sobre o desejo de ser o falo, por parte da criança, e sobre o desejo de ter o falo, por parte da mãe. A ameaça de castração vinda da ação simbólica do Outro faz do falo imaginário um operador simbólico da renúncia pulsional, um significante do desejo humano. Lacan designa o pai simbólico com o termo Nome-do-Pai para indicar o que funda a significação, ou seja, ele “subsiste no nível do significante, que no Outro, como sede da lei, representa o Outro” (p. 152). Dessa forma, o Nome-do-Pai promulga a lei do Édipo na qualidade do Outro do Outro. Apesar de Lacan associar a castração à articulação simbólica da proibição do incesto, sua manifestação inicial ocorre no plano imaginário (p. 175). Desta forma, ele especifica a lógica da castração em três dimensões da operação paterna.

O pai simbólico frustra o filho da posse da mãe, um objeto real, uma vez que, para a satisfação das necessidades, a criança depende da mãe. Esse ato imaginário de proibição transcende a pessoa do pai dado que ele precisa ser construído na categoria de representante da Lei e do desejo, como função significante para a mãe simbólica. Contudo, nesse nível, para ambos os sexos, esse incômodo estabelece a rivalidade com o pai, o que “gera uma agressão” (p. 178).

Já aquele que o encarna, o pai imaginário, priva a mãe e a criança de um objeto (o pênis) que é simbólico. O pai imaginário é suporte das relações com o semelhante, nas quais toda dialética da agressividade ocorre. Nesse ponto, o pai se torna objeto ideal, faz-se preferir em lugar da mãe, levando à formação do Ideal do eu, isto é, a uma idealização que dá acesso à identificação do tipo sexual final do Édipo (Lacan, 1956-1957/1995, p. 225 e 1957-1958/1999, p. 178). O Ideal do eu se constitui em oposição ao ponto virtual onde se produz a rivalidade com o pai, e em oposição ao falo como objeto metonímico que está no fundo de toda assunção significante. Esse processo de identificação secundária implica que o elemento libidinal do falo,

investido em um certo objeto, se vincule a elementos significantes, produzindo uma passagem ao “estado de insígnia. [Dessa maneira], o sujeito se reveste das insígnias daquele com quem se identifica”, originando uma vicissitude no desejo (1957-1958/1999, pp. 306 e 308).

Mas é o pai real, com seu ato simbólico de castração, que comporta a função de destaque no complexo de castração como agente de uma ameaça imaginária ao pênis, como um objeto imaginário. Mesmo que obscurecido pelo papel das fantasias e da relação simbólica, é alguém real que profere a ameaça verbalmente. Entretanto, o pai sempre fracassa em torno do pai ideal, pois, como pai real, ele mesmo tem uma falta, um ponto de gozo onde ele peca. A neurose seria a manifestação sintomática para tentar retificar o pai no ponto em que falhou.

Enfim, para Lacan, como o pai vem no lugar da mãe, em sua intervenção simbólica ele é uma metáfora, porque sua função “no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (1957-1958/1999, p. 180). Por meio de uma operação metafórica de substituição ao desejo materno, uma significação fálica é instaurada pelo significante do Nome-do-Pai. Assim, a castração materna é fundamental para a constituição subjetiva, por introduzir a dimensão universal da falta. O gozo imaginário é levado para uma “significantização” que culmina na simbolização da imagem fálica e no deslocamento do termo fálico para o significante do desejo e do gozo, no qual se inscreve a própria libido. Dessa forma, articulando pulsão e castração, o falo se situa como o representante do gozo no simbólico, indicando um gozo substitutivo, o gozo fálico.

A pulsão é escrita a partir da demanda do Outro, $\$ \langle \rangle D$, que imprime uma barra ao sujeito. Todas as experiências erógenas vivenciadas pela criança sob a forma de castração são constitutivas da sexualidade humana. Em razão da situação do desmame ou do controle do esfíncter anal, já está posto para a criança uma renúncia no nível da pulsão articulada com a demanda do Outro. A castração, então, representa justamente a exclusão interna do gozo com relação ao campo do simbólico (Miller, 2009, p. 153). No artigo *A direção do tratamento*, a regressão deixa de ser considerada como uma desagregação do eu para ser expressa como o retorno dos significantes empregados nas demandas passadas (Lacan, 1958/1998f, p. 624). O tratamento visa a liberar o sujeito das insígnias do Outro, modificando a vontade de gozo ligada a um único objeto, porquanto ela fixa o circuito da pulsão em um único caminho que se repete de maneira mortífera.

Assim, o ponto de partida do gozo é o corpo, mas a introdução do significante separa o gozo do corpo. Como vimos, o gozo, em sua própria concepção, não é harmônico; ele é uma perturbação do corpo. Com a operação da metáfora paterna, a introdução do desejo funciona como uma defesa contra o gozo, fundada pela linguagem, na qual o significante fálico faz

barreira ao gozo do corpo, produzindo um efeito de sujeito. Como o desejo está ligado à cadeia significante, ele é móvel e permite várias substituições para o gozo que foi mortificado por ela. Cada sujeito cria um mito individual, um sintoma, para dar conta daquilo do gozo que não foi recoberto pelo simbólico. Um dos modos singulares como o sujeito lida com esse ponto de gozo é a construção da fantasia individual.

A fantasia, por sua vez, que antes se reduzia ao “transitivismo” da imagem, situada no eixo imaginário (a---a’), só é concebível se estiver assimilada a uma cadeia significante pelo efeito de ordem imposto pelo Nome-do-Pai. A fantasia articula a imagem com o sujeito simbólico, $\$ \langle \rangle a$, agregando a função significante ao caráter libidinal da imagem. Sob tratamento, a colocação em palavras de uma fantasia é algo que vai além do uso fantasístico das imagens situado no terreno imaginário (Lacan, 1956-1957/1995). A vergonha, a repugnância e a culpa, presentes ao se falar dela, já a inserem no campo simbólico, onde já foram submetidas à ação do recalque pela lei do pai. Lacan, ao analisar a fantasia típica no texto freudiano *Uma criança é espancada* (Freud, 1919/1976b), localiza os desdobramentos da identificação sob a ação da palavra do Outro em uma estrutura intersubjetiva.

No capítulo VII de *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*, Lacan (1956-1957/1995) demonstra o desdobramento subjetivo que esse fenômeno comporta em seu processo de substituição de outras fantasias prévias na evolução do sujeito. Na sua interpretação, o que se depura na primeira etapa — “Meu pai bate numa criança que é a criança que eu odeio” — é a organização primordial mais profunda da situação ternária instaurada pela entrada de um rival, que frustra a criança do amor dos pais. Por um efeito de retroação o sujeito ressignifica uma tensão, atribuindo-lhe um sentido: a criança que ele odeia era preferida pelo pai. Nesse ponto, já no *Seminário, livro 5: As formações do Inconsciente*, Lacan (1957-1958/1999, p. 256), assinala que a relação com um rival qualquer “tem um caráter fundamentalmente ambíguo, e constitui uma apresentação perfeitamente natural do sujeito à báscula que, na fantasia, leva-o ao lugar que era do rival, onde, por conseguinte, a mesma mensagem chegará a ele, com um sentido totalmente oposto”. Nessa fantasia, a introdução do significante apresenta, de um lado, a mensagem com sua significação e, de outro, um significante, instrumento de um ato simbólico que barra o sujeito, o chicote.

O segundo tempo — “Eu sou espancado pelo meu pai” — traduz a clássica ambiguidade sadomasoquista de uma relação a dois, na qual o eu está numa correspondência de exclusão passional, ou ele ou eu. O próprio ato masoquista já denota a problemática libidinal do deslocamento de um elemento erótico ambíguo. Essa mensagem não chega ao sujeito, pois é a parte desconhecida da fantasia que reúne, simultaneamente, a faceta profana da relação proibida

com o sujeito paterno, e a faceta degradante da dimensão do reconhecimento (1957-1958/1999, p. 255). Aqui, a agressão surge como gozo, por isso essa fantasia é de tal modo fugaz que somos sempre levados a reconstruí-la em análise.

Na última fase — “Bate-se numa criança” —, o ato agressivo é incorporado, “dessubjetivando” o sujeito que agora ocupa a posição de objeto terceiro na fantasia. Lacan (1956-1957/1995, p. 120) aponta que essa fase se situa no eixo da relação imaginária, mas já atravessada por “uma palavra inconsciente” que inscreve o eixo simbólico em uma estrutura de substituição. Nessa etapa, a figura do pai é ultrapassada, e aquele que segura o chicote designa uma figura de autoridade em posição onipotente (1957-1958/1999, p. 251). Ocorre um certo tratamento da pulsão, condensando o gozo masoquista pela introdução de uma palavra inconsciente.

A fantasia neurótica testemunha algo da ordem de uma interrupção da cadeia da memória, diante de uma imagem valorizada que assume a função de substituta daquilo que foi “escotomizado” da visão (o chicote, por exemplo). A fantasia funciona como uma lembrança encobridora, porque fixa o fluxo da memória, detendo-o na imagem substituta. Essa imagem, escrita como objeto *a* na fórmula da fantasia, é uma imagem de gozo captada no simbólico, pedaço de vida que concentra o libidinal em junção e disjunção ao sujeito na condição de dividido.

Desse modo, o cenário no qual a fantasia faz sua fixação é memória, é história, como elementos significantes da palavra articulada ao Outro. Pois, nesse instante, esse *flash* “é característica da redução da cena plena, significante, articulada de sujeito a sujeito, ao que se imobiliza na fantasia, a qual fica carregada de todos os valores eróticos incluídos naquilo que ela exprimiu e de que ela é testemunha e o suporte, o último suporte restante” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 121). Consequentemente, a fantasia carrega toda a libido que o gozo comporta em sua junção com o simbólico, e por isso Lacan faz dela o centro do tratamento.

Entretanto, ao trabalhar *Os seis paradigmas do gozo*, Miller (2000) adverte que, no movimento que vai do gozo à castração, ele é mortificado e a satisfação fica restrita aos modos de satisfação do desejo, ligados aos significantes do desejo como desejo morto. Para o autor, isso não explica qual é a satisfação própria da pulsão, já que o significante apaga o gozo e o restitui como desejo significado em um movimento de repetição do gozo à castração. Ele assinala que, na “significatização” do gozo, a sublimação é valorizada à medida que se trabalha para desmontar as identificações que obstaculizam o acesso ao desejo, principalmente a identificação fálica (p. 90).

Retomando Lacan (1938/2003a), em um momento anterior quando evidenciava os elementos pulsionais em jogo na operação de sublimação em sua ligação com o recalque, diz que o Édipo fornece o protótipo da sublimação em que o objeto da participação sadomasoquista desliga-se do sujeito, distancia-se dele, na nova ambiguidade do medo e do amor, na qual o objeto primitivo do desejo se escamoteia. Mas, ao fazer surgir o objeto situado como obstáculo ao desejo, mostra-o aureolado pela transgressão sentida como perigosa. Lacan nota que esse objeto se afigura ao eu “como apoio de sua defesa narcísica e exemplo de seu triunfo” (p. 61). Parece-nos que isso resultaria em uma situação de exaltação pulsional do eu, a qual Lacan criticava, embora, posteriormente, na primazia do simbólico, ele tenha levado em conta que o objeto da participação sadomasoquista não se desliga completamente do sujeito. A elaboração lacaniana progressivamente vai caminhando em direção ao campo irreduzível do real, como aquilo que padece do significante, à medida que se dá conta de um gozo impossível de negativizar pela operação de substituição. Logo, frente aos destinos da pulsão, mais um passo será necessário para localizar o tratamento da agressividade imaginária na teoria lacaniana.

1.2.3 A agressividade articulada à pulsão de morte no Real

Ainda partindo da referência primeira à fala e à linguagem, e depois de precisar, nos *Seminários 4 e 5*, a função do desejo, Lacan, em *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960/1997), se debruça sobre essa questão ética pelo prisma da origem da moral. Ele retoma a noção de um supereu obscuro e feroz (p. 16), caminhando pelos desfiladeiros do além do princípio do prazer, na releitura do texto freudiano *Mal-estar na civilização*, privilegiando a pulsão de morte. Assinala que, para Freud, o prazer está do lado do fictício, ou seja, do simbólico, pois, à proporção que aumenta a realidade, diminui o prazer (p. 21), o que ocorre pela incidência da pulsão de morte. No “mais além” do princípio do prazer, Lacan localiza *das Ding*, a Coisa freudiana, como ausente das ideias (1959-1960/1997, p. 82), estranho a elas, encarnando o vazio da pulsão, como uma zona exterior ao simbólico e ao imaginário. *Das Ding* é situado no âmago da economia libidinal como o ponto limite daquilo que padece do significante, portanto coincide com a zona central do gozo na qualidade de real.

De acordo com Lacan (1959-1960/1997, p. 104), *das Ding* corresponde à mais primitiva origem da lei da fala, à medida que instaura a vida da Coisa na lei do desejo que mata o sujeito. Para ele, o bom e o mau entram na ordem das ideias e funcionam como índices que orientam a posição do sujeito consoante o princípio do prazer em relação ao que sempre será representação, mesmo que regulado pela Coisa. Lacan assinala aí a relação conflituosa do homem para seguir

o caminho de seu prazer e diz que, para obter satisfação, ele deve contornar *das Ding*. Pois, o “círculo encantado” de nossa relação com o significante é o que nos separa de *das Ding*, como defesa contra o mal, que seria a possibilidade de preencher o espaço vazio do gozo (p. 168).

Aqui Lacan (1959-1960/1997) destaca a função do mito para interrogar o pai simbólico, e diz que o fundamento moral para a psicanálise estaria na lei da interdição do incesto como o desejo mais primitivo em relação à Mãe como *das Ding* (p. 86). Ele retorna a Freud para analisar o assassinato do pai primevo, reeditado historicamente através de Moisés e de Jesus. A eficácia simbólica de tal ato seria a conformação dos filhos à Lei e a integração dos mesmos à civilização, identificados pela culpa em torno do totem do pai. Individualmente, o mito do Édipo explica o processo de ambivalência afetiva na constituição do supereu: o ato de agressão, como satisfação do ódio, institui o sentimento de culpa e faz advir o amor em forma de remorso no processo de sublimação. Voltando a Lacan (1948/1998b, p. 119), no momento da prevalência do imaginário em seu ensino, ele destaca a função apaziguadora do Ideal do eu que conecta a normatividade libidinal com a cultural pela sua ligação com a *imago* do pai. Essa conexão ocorre a partir da constituição do supereu²², isto é, uma opressão insensata que está na raiz dos imperativos motivados da consciência moral.

Entretanto, Lacan (1959-1960/1997) assinala que o equívoco empregado em relação à morte do pai mítico veicula a verdade, quer dizer, a natureza humana do pai pela confissão do filho (p. 221). Temos aí um efeito de normalização pulsional para o sujeito, pelo papel do pai real, estruturando a satisfação libidinal pelo “nó do desejo com a Lei” (p. 213). O ódio do pai contra os filhos, como o tirano da horda, fez dele vítima do crime primitivo, mas esse assassinato não abre a via para o gozo, apenas reforça sua interdição... assim, para Lacan, o acesso a *das Ding* é um gozo impossível.

Nesse *Seminário 7*, Lacan trabalha os mandamentos cristãos, distinguindo a função do discurso da função da fala, para mostrar que o lado positivo da moral reside naquilo sem o que não existe a fala possível, a saber, os mandamentos da fala concernem ao que regula a distância entre o sujeito e *das Ding*. Partindo do mito da morte de Deus e do mandamento “amar a Deus”, Lacan extrai a condição de ele continuar existindo para além da morte, porquanto está morto desde sempre. Daí se segue que o mandamento “amar ao próximo como a si mesmo” coloca o problema de enfrentar o gozo maligno desse próximo, pois, à medida que a demanda se dirige a um Outro que se esvai, o único significante que subsiste é o da morte. Isso posto, o autor

²² Lacan (1948/1998b, p. 118) comenta que Melaine Klein permitiu situar como totalmente original a “formação primária do supereu” alargando os limites nos quais podemos ver em ação a função subjetiva da identificação.

verifica que, das religiões, apenas o cristianismo torna a morte de Deus solidária à lei do amor ao próximo como um mandamento desumano (1959-1960/1997, p. 235).

Decorre disso o fato de que, na estrutura da relação imaginária, o homem narcísico entre duplicado na dialética da ficção simbólica, despontando o caráter fundamental do masoquismo na economia pulsional (Lacan, 1959-1960/1997, p. 25). Portanto, se o sujeito segue a lei do supereu, a agressividade se volta contra o eu. Desse modo, recuamos em amar o próximo como a nós mesmos, dado que nessa via há uma “crueldade intolerável” (p. 237). O que surge no extremo da tentação é a identificação com o outro, e renunciamos em atentar à imagem do outro, porque é a imagem sobre a qual nos formamos como eu. A tradição religiosa captura o poder desse recuo na afirmação que “Deus fez o homem à sua imagem”, uma vez que nos iludimos na fascinação imaginária, visto que, para além dela, está o furo deixado no vazio pelo Outro (p. 238).

Lacan (1959-1960/1997) retoma o tema da sublimação como a última palavra de Freud sobre a pulsão de morte. Para ele, o móvel da sublimação é a função imaginária da qual a simbolização da fantasia se serve para dar apoio ao desejo do sujeito. Os objetos imaginários da fantasia engodam o sujeito no ponto onde se localiza a Coisa, constituindo a defesa contra o gozo. Ora, os objetos podem ser atingidos, mas, ao nível da Coisa em si, nunca se terá acesso. Contudo, é preciso esclarecer que a relação de objeto emerge na fascinação narcísica imaginária, na qual o objeto é introduzido como intercambiável com o amor que o sujeito tem por sua própria imagem. O desdobramento psicológico da identificação é uma questão para o sujeito à medida que é entre a imagem do eu (eu ideal) e a formação de uma imagem idealizada (Ideal do eu) que se introduz a libido do eu e a libido do objeto, fixando o sujeito nessa imagem (p. 124). No *Seminário* em questão, Lacan afirma que a sublimação é um problema que se localiza na diferença entre o objeto da relação narcísica (objeto de amor) e o objeto visado no horizonte da tendência (objeto da pulsão), o *das Ding*. Entretanto, deve ser situada precocemente, pois as fontes pré-genitais de sublimação mostram que ela surge muito mais cedo do que aquele momento em que a divisão entre as metas da libido e as metas do eu dão origem ao eu (1959-1960/1997, p. 195).

Retomemos um momento bem anterior, em *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003a), quando Lacan já havia abordado o tema. Ele demarca que no complexo de desmame a resistência à sublimação da *imago* materna é fator de morte. Já no complexo de intrusão, ele assinala que a agressividade domina a economia afetiva pela tendência típica da libido sadomasoquista e é sustentada por uma identificação primeira com o outro que é objeto de violência. Lacan considera que a pulsão de morte adquiriu relevância na psicanálise pelo

papel de *doublure* (debrum) íntimo desempenhado pelo masoquismo no sadismo (p. 45). A origem do desejo de morte está no mal-estar do desmame, e o masoquismo ativo é o momento dialético em que o sujeito assume a reprodução (repetição) desse mesmo mal-estar e, com isso, o sublima e supera. Em vista disso, no ciúme da amamentação do irmão a identificação com este é um desdobramento do sujeito, pois fornece a imagem que fixa um dos polos do masoquismo primário por repetir no sujeito a *imago* da situação materna e, com ela, o desejo de morte. A agressão que a imagem do irmão desperta é um fenômeno secundário à identificação.

Assim, a não violência do suicídio primordial gera a violência do assassinato imaginário do irmão. Mas, essa violência não tem relação com a luta pela vida. O objeto escolhido pela agressividade nas brincadeiras primitivas com a morte é, com efeito, seja ele chocalho ou dejetos, biologicamente indiferente; o sujeito o abole gratuitamente, pelo prazer, e com isso só faz consumir a perda do objeto materno (Lacan, 1938/2003a, p. 46).

Diante da tendência do homem de satisfazer no próximo sua agressividade, demarcada por Freud (1929-1930/1974d) em *O Mal-estar na civilização*, Lacan (1959-1960/1997, p. 226) nos propõe a elucidação sadista do problema moral. A seu ver, Sade está justamente na estrutura imaginária do limite do gozo da destruição, visa ao mal buscado pelo mal, numa tentativa de transpor esse limite do engodo da imagem (p. 241). Na figura de sua vítima, a fantasia sadiana promulga o caráter indestrutível do Outro. Mesmo quando se transgride em direção ao vazio central do gozo, dando acesso ao objeto parcial, visto que aí o corpo do próximo se despedaça, esse gozo é incapaz de alterar a imagem em questão (p. 247). Contudo, o procedimento sadiano indica o acesso ao espaço do semelhante por meio de uma experiência orientada para o gozo enquanto não sublimado (p. 243). Nesse sentido, a literatura de Sade comporta em si mesma a ruindade; seu sucesso foi reprovado pelo insuportável absoluto frente à transgressão de todos os limites humanos, em que a única resposta do ser foi o tédio.

Vemos que, nesse percurso do ensino de Lacan, o gozo se separa do prazer e do desejo, encarnando o que está fora dos engodos do significante, ou melhor, *das Ding* como o mal, indicando o gozo real. Os avatares da pulsão destrutiva aqui se situam no real do gozo da transgressão como o impossível de se acessar. Lacan demonstra que o paradoxo do gozo é o fato mesmo de o gozo se encontrar

soterrado em um campo central, com aspectos de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingido por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil ao sujeito, inacessível, talvez, uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão... (Lacan, 1959-1960/1997, p. 256).

E Lacan anuncia que a autêntica satisfação pulsional concerne ao que está em questão no pensamento de Freud no nível do mal-estar, e deve ser articulada como pulsão de destruição, na qualidade de algo que transcende a tendência energética ao estado inorgânico. Justamente pelo fato de que há cadeia significante, tudo que existe e ocorre no curso histórico dos acontecimentos naturais está submetido à pulsão de morte, em razão de poder ser colocado em causa pela função significante. Essa dimensão histórica da pulsão registra a insistência com que ela se manifesta no psiquismo humano pelo funcionamento da rememoração, esquema forjado “que impele às últimas consequências o modo de exílio em que o homem se encontra em relação a qualquer bem que seja no mundo” (1959-1960/1997, p. 118). E em virtude do eterno polimorfismo libidinal, as imagens ligadas aos modos pulsionais orais, anais e genitais só engendram um mundo ilusório. Diante desse mundo de imagens que são colocadas em nosso corpo, quer dizer, as zonas erógenas freudianas, o simbólico se mistura com a dimensão diabólica do real, uma vez que o paradoxo da consciência moral é justamente a sua outra face: o ódio de si (p. 114). Nesse ponto, o autor nos convida a ler Lutero que “diz literalmente — *Sois o dejetos que cai no mundo pelo ânus do diabo*” (p. 118).

Por isso Lacan (1959-1960/1997, p. 227) esclarece que a tradição hedonista é uma tapeação pois, ao prometer nos manter aquém do gozo, em nome do Bem, ela subestima a natureza do supereu fazendo desaparecer a particularidade do sintoma. Portanto, nem toda sublimação é possível no sujeito, há uma exigência pulsional de certa dose de satisfação direta (p. 116). E a pulsão em si mesma é pulsão de destruição e não poderia ser diferente de uma vontade de destruição direta. Lacan explica que essa vontade é a de Outra coisa, de criar do nada, recomeçando com novos custos o que encontramos no domínio da criação *ex-nihilo*. Aqui Lacan recorre a uma imagem do ato criacionista e usa o exemplo da função artística mais primitiva, a do oleiro, que cria o vaso em torno de um vazio, a partir do furo do real. É justamente a perspectiva de preenchê-lo e a possibilidade de sua plenitude que introduzem o fato de que, primeiramente, em sua essência ele é vazio (p. 151). Lacan considera a noção de criação como central para pensar o motivo da sublimação, pois aquilo que as obras engendram, em sua matéria, seu malefício ou benefício, se depara com a presença do humano definido como “a Coisa, ou seja, o que do real padece do significante” (p. 157).

Com a elucidação do problema moral pela lógica sadista, Lacan (1959-1960/1997) chega ao caráter fundamental do masoquismo freudiano, apontando o que fica em aberto entre a ética e a erótica. Segundo ele, Freud deixou-nos como herança o problema dos religiosos e dos místicos, quando não mais podíamos colocar *das Ding* sob a garantia do pai (p. 126). O homem elaborou uma transgressão da Lei, numa relação com o desejo que ultrapassa a interdição e introduz, por cima da moral, uma erótica (p. 106). Lacan nos convida a retomar Freud para falar das regras do amor, observando a modificação histórica de Eros ao longo dos tempos (p. 125).

Os pré-cristãos davam importância à tendência, ao dar honras a um objeto de menor valor, um objeto comum. Não havia exaltação de ideal. Já os cristãos dão relevância ao objeto por reduzir o valor da manifestação da tendência e exigir o suporte do objeto idealizado. O estilo cristão do amor cortês promulga o culto do objeto, uma exaltação da mulher pela via da idealização. Nessa via, o objeto do desejo depende da sua ligação com a fascinação narcísica como imagem idealizada a partir do amor de si. É no intervalo do desdobramento da identificação, a saber, entre a miragem do eu, eu ideal, e a formação de um ideal, Ideal do eu, que Freud introduz a noção de libido do objeto. Mas, para Lacan, esse objeto idealizado não é o mesmo visado no horizonte da tendência (1959-1960/1997, pp. 124-125). O problema da sublimação se situa justamente nessa diferença que ocorre na interseção da imagem com o real, a saber, no produto da subtração entre o objeto causa de desejo, valorizado na tendência, e o objeto de amor, ressaltado na relação narcísica. Trata-se, para o sujeito, de saber o que pode “fazer desse dano para transformá-lo em dama”, isto é, saber fazer com que essa perda se torne causa (p. 107). Com essa frase Lacan se utiliza de um jogo de palavras²³ para evidenciar um equívoco da etimologia na língua que funda o *danger*, em inglês e o *domnarium*, em francês, como o perigo da dominação. Ele nos mostra que “efetivamente, quando estamos no poder de um outro, estamos em grande perigo” (1959-1960/1997, p. 107).

Concluimos que com o paradigma do gozo real, Lacan inaugura uma nova relação entre pulsão de morte e narcisismo, entre simbólico e imaginário. Situando a agressividade no terreno da pulsão agressiva, como o gozo da transgressão em direção a *das Ding*, ele articula a ética e a erótica pela via da sublimação. Esta, que proporciona à pulsão uma satisfação desviada de seu alvo natural, “tem relação com *das Ding* como tal, com a Coisa, dado que ela é distinta do

²³ Lacan, 1959-1960/1997, p. 107. “Não sorriam desse manuseio, pois a língua o fez antes de mim. Se vocês notarem a etimologia da palavra *danger*, perigo, verão que trata-se exatamente do mesmo equívoco, que o funda em francês – o perigo é originalmente *domnarium*, dominação. A palavra *dame*, *dama*, veio docemente contaminar isso”. É importante notar que *dam* (dano) e *dame* (dama) são homófonos em francês.

objeto”, reflexo da imagem narcísica que está no centro da economia libidinal (1959-1960/1997, p. 140). A sublimação é definida por Lacan como a elevação do objeto à dignidade de Coisa, no sentido de uma criação em torno do vazio que vem do desejo. Indagamo-nos se a agressividade, em forma de pulsão agressiva, sadomasoquista, é justamente o que permite ao sujeito avançar em direção ao traçado de um ato de criação em torno do vazio do real, permitindo pensar a imagem para além da fascinação narcísica.

CAPÍTULO 2 - A ESTRUTURA PARANOICA DO EU

Retomamos agora a articulação da agressividade com a teoria do narcisismo, como a paranoia original do homem, que Lacan denominou “estrutura paranoica do eu”, para questionarmos se ela expressa o laço mais íntimo do real da pulsão de morte com o narcisismo. A compreensão dessa articulação pode servir como modo de operar, na transferência, com o gozo narcísico, e também traçar direções clínicas possíveis face aos modos de gozo mortífero, dando um lugar à agressividade simbólica como meio de enlaçamento ao Outro e, talvez, de laço social.

2.1 O (des)conhecimento humano como conhecimento paranoico

Na quarta tese do seu relatório *A agressividade em psicanálise* Lacan (1948/1998b) desenvolve uma correlação entre o modo de identificação narcísica, determinante da estrutura do eu e do registro de entidades de seu mundo, e a agressividade. Ele indica que avançar na noção da agressividade como “tendência à agressão”, ou seja, como gozo narcísico, é um salto da fenomenologia da intenção agressiva para a metapsicologia. Nesse ponto, o autor localiza nas manifestações agressivas da psicose, a fonte de pesquisa sobre os fundamentos da agressividade na clínica. Sabemos do interesse decisivo que a paranoia tem para Lacan, já que sua releitura de Freud se deu a partir da psicose e inclusive foi tema de sua tese de doutorado²⁴.

Assim, é importante retomarmos Freud no ponto que interessa a Lacan, a saber, a investigação sobre a constituição do eu. Com o estudo da paranoia de Schreber²⁵, em 1911, Freud faz a aplicação da teoria da libido às psicoses. A hipótese do narcisismo deriva dessa aplicação da teoria psicanalítica aos fenômenos psicóticos, o que envolve tanto a megalomania quanto os desvios do interesse libidinal pelo mundo externo. O narcisismo surge como uma fase intermediária necessária entre autoerotismo e amor objetal, e corresponde a uma direção da libido. A emergência do eu vinda do autoerotismo implica uma nova ação psíquica: o investimento libidinal da pulsão sexual no eu, que faz deste o primeiro objeto da libido, equivalente a uma escolha objetal homossexual. Posteriormente, haveria na vida psíquica uma pressão, provocada pela geração de desprazer, para sair das fronteiras do narcisismo e investir a libido nos objetos, o que leva a um afastamento do narcisismo infantil.

²⁴ Cf. Lacan, 1932/1987.

²⁵ Cf. Freud, 1911/1969.

Na psicose, devido à frustração do amor objetual a libido fica liberada, mas não permanece ligada a objetos na fantasia, como nos neuróticos, ela se retira para o eu, na megalomania, como tentativa de restauração, à qual se deve a perda da realidade e as surpreendentes manifestações da psicose. A distinção entre a esquizofrenia e a paranoia corresponderia à diferença entre os pontos de fixação da libido. No desencadeamento da paranoia de Schreber, dá-se um dismantelamento do eu pelos sintomas de manipulação e transformação do corpo, sendo a megalomania e o delírio do transexualismo “assintótico” as soluções encontradas pelo sujeito. “A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução” (Freud, 1911/1969, p. 94). Contudo, podemos encontrar psicoses sem as manifestações delirantes clássicas que possam servir de solução. De todo jeito, a retirada da libido dos objetos externos acontece de modo silencioso e suas consequências só podem ser inferidas depois, quando, pelo método de projeção nos objetos, a libido suprimida retorna de fora. Com esse mecanismo “o indivíduo humano recapturou uma relação, e frequentemente uma relação muito intensa, com as pessoas e as coisas do mundo, ainda que esta seja agora hostil, onde anteriormente fora esperançosamente afetuosa” (p. 95).

Dessa maneira, ao integrar o registro das reações agressivas com a noção de libido, Lacan (1948/1998b, p. 113) destaca que “a tendência agressiva se revela fundamental numa série de estados significativos da personalidade que são as psicoses paranoides e paranoicas”. Quer dizer, no fundamento da paranoia temos um gozo imaginário, calcado no eixo a-a’. Como a origem do eu ocorre sob a forma de negação, o eu é um outro, ele já se afigura marcado pela relatividade agressiva, ou eu ou o outro, e por isso, Lacan a aproxima da paranoia e nomeia a estrutura formal do eu como a “estrutura paranoica do eu”.

Então, para entendermos essa aproximação é preciso situar em qual fundamento consiste a analogia da paranoia com a estrutura do eu. Lacan (1948/1998b) sublinha que seria possível coordenar os fenômenos agressivos em uma série representada pelo delírio sintomático, paralela à etapa da gênese mental, com a qualidade da reação agressiva. Ele se refere ao caso *Aimée*²⁶, que ele trabalhou em sua tese de doutorado, e ao crime das *Irmãs Papin*²⁷, comentado em um artigo. Ele se fundamenta na fenomenologia da experiência, colocando em série a reação agressiva paranoide, desde a explosão brutal imotivada do ato até as interpretações

²⁶ Aimée foi atendida por Lacan na enfermaria especial de alienados da delegacia de polícia, do Hospital Sainte-Anne, após ter agredido a facadas uma famosa atriz de teatro. Dessa experiência, surgiu a motivação para escrever sua tese de doutorado em 1932, na qual ele desenvolve a ideia de autopunição como causalidade do crime.

²⁷ Cf. Lacan, 1933/1987

representadas pelo delírio, em uma fórmula de equivalência à etapa da organização original do eu e do objeto (p. 113).

Ele observa que o caráter comum dessas reações agressivas era de estagnação e perplexidade, instaurando uma inércia ao invés de uma dialética. Como também o fato de que a estagnação tem um parentesco com a estrutura mais geral do conhecimento humano, que conforma a constituição do eu e dos objetos pelo juízo de atribuição. Desse modo, Lacan faz uma aproximação entre o conhecimento paranoico e o conhecimento humano que ocorre mediante atributos de permanência, identidade e substancialidade das entidades ou “coisas”. O julgamento verifica se o objeto permanece dentro ou fora, identifica se ele fornece prazer ou desprazer e, por fim, se ele é substancial, se ele existe. Essa fixação formal introduz certa discordância entre o organismo e o *Umwelt* (ambiente), mas é justamente a condição que dá aos objetos do homem sua “polivalência instrumental, sua polifonia simbólica e seu potencial de armamento” (1948/1998b, p.114).

Agora, vamos percorrer as formulações relativas à estruturação paranoica na constituição do eu para a compreensão da natureza da agressividade. Recorremos a *O Seminário, livro 3: As psicoses* (1955-1956/1985b), no qual Lacan analisa a dialética do Imaginário pelo estudo da gênese dos fenômenos psicóticos articulado ao modo como a psicanálise entende o conhecimento humano.

2.1.1 Alienação constituinte e transitivismo

Para entender o que Lacan chamou de conhecimento paranoico, recuperemos a operação de alienação constituinte como aquilo que provoca a primeira divisão do sujeito. A elaboração do estádio do espelho serve para colocar em evidência a natureza e o significado da agressividade constitutiva do eu, à medida que ressalta a dimensão estrangeira do conhecimento humano e o gozo que ela comporta.

Se a relação agressiva intervém nesta formação chamada o eu, é que ela a constitui, é que o eu é desde já por si mesmo um outro, que ele se instaura numa dualidade interna ao sujeito. O eu é esse mestre que o sujeito encontra num outro, e que se instaura em sua função de domínio no cerne de si mesmo. Se em toda relação, mesmo erótica, com o outro, há algum eco dessa relação de exclusão, *é ele ou eu*, é que, no plano imaginário, o sujeito humano é assim constituído de forma que o outro está sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele, que nele há um eu que sempre é em parte estranho a ele, senhor implantado nele acima do conjunto de suas tendências, de seus comportamentos, de seus instintos, de suas pulsões (Lacan, 1955-1956/1985b, pp.110-111),

Como vimos, o eu origina-se da energia (libido) da relação de cativação erótica, na qual ele se fixa numa imagem que o aliena de si mesmo, e na forma que se cristalizará na tensão conflitiva interna ao sujeito (Lacan, 1948/1998b). Assim, o aspecto de ambiguidade da relação narcísica, isto é, ser fonte de identificação erótica e base da tensão agressiva, integrou-a a toda espécie de funcionamento imaginário no homem e a tornou central para a relação inter-humana (Lacan 1955-1956/1985b, p. 110). Indagamos se essa ambiguidade “erótico-agressiva” é um ponto onde Lacan antecipa sua articulação entre erótica e ética, explorada no *Seminário, livro 7*, em 1959, com a pulsão de domínio, dado que no *Seminário, livro 3* ele interroga Freud quanto à incongruência entre a teoria do autoerotismo e a relação de objeto (p. 171). Afinal, essa alteridade absoluta do eu acaba por ser instalada no âmago da constituição subjetiva. Por hora, voltemos à relação da agressividade com a alienação.

Entendemos que a agressividade é uma tensão que predispõe uma relação de exclusão ao sujeito, mas, ao mesmo tempo, é justamente a via de sua constituição. A alienação imaginária acarreta essa tensão do duplo que divide o sujeito, mas Lacan assinala que o paradoxo da pretensa função de síntese do eu, como uma tentativa de solução para o conflito entre as pulsões e o eu, é que essa síntese não se realiza jamais. Opta por chamá-la de função de mestria, uma vez que esse senhor “está sempre ao mesmo tempo no interior e no exterior” o que força o eu a fazer uma escolha entre quais pulsões adotar e a quais renunciar (p. 111). Embora a imagem especular seja essencial na origem da função psíquica, a sua unificação jamais será completa, visto que é feita por meio de uma estrutura de alienação e sob a forma de uma imagem estranha e ilusória. Lacan (1955-1956/1985b) resgata Freud para lembrar que, no próprio movimento da teoria freudiana, a instância do eu, na relação do homem com a linguagem, é decomposta em eu, isso e supereu, e, portanto, não é uma estrutura unificada e sintética (p. 277).

Entretanto, Lacan (1948/1998b) localiza na tensão dada pela situação de exclusão (“ou eu ou você”) um impasse que concerne à inscrição da linguagem. Nesse sentido, podemos dizer que o impasse da rivalidade imaginária faz convocar uma “zona de nomeação”? Indagamo-nos: se a inscrição da linguagem é fundamental, o tratamento deverá possibilitar uma modificação na dinâmica da tensão de um impasse imaginário para um passe, que permita sair da situação de exclusão? Precisamos entender o que ocorre no interior dessa relação de exclusão para saber qual é a condição para a inscrição da linguagem. O que Lacan indica é que o estado inicial de alienação e indiferenciação do eu determinará, para além, o “despertar de seu desejo pelo objeto do desejo do outro”, no interior dessa organização passional que se precipita numa concorrência agressiva de onde “nasce a tríade do eu, outro e objeto” (1948/1998b, p. 116). Desta forma,

partindo do narcisismo em sua articulação com a *Verneinung*, pelo juízo de atribuição, aquilo, que ele designa nesse mecanismo paranoico de formação da estrutura do eu, refere-se ao princípio de todo conhecimento humano.

Ao abordar a gênese do eu, no capítulo III, *O Outro e a Psicose*, do *Seminário, livro 3: As psicoses*, Lacan (1955-1956/1985b) aproxima o conhecimento humano do conhecimento paranoico e os distingue do fundamento da estrutura paranoica. Ele afirma que o que chamou de conhecimento paranoico é o fato de que “todo conhecimento humano se origina na dialética do ciúme, que é uma manifestação primordial da comunicação”, e, para tanto, ele utiliza a estrutura da fala (p. 50). Especifica que, na noção de comunicação, o que concerne à palavra é o fato de sempre se falar ao Outro, mas, nessa estrutura da fala, a mensagem que é recebida do outro, pelo sujeito, chega de forma invertida. Isso se constata na observação das crianças em que existe um transitivismo normal que revela a literalidade dessa relação em espelho, e que é justamente o que marca sua distinção do mundo animal. O que o autor destaca nessa afirmação é que a rivalidade do ciúme instaura, para a criança, o conhecimento da prevalência do objeto no mundo humano.

Ainda nesse texto, Lacan aponta que o simbólico organiza todo conhecimento humano, já que a palavra permite ao homem conhecer as coisas e, por isso, pode nomeá-las. Mas isso não anula a importância do imaginário, que inclui o domínio da erotização do objeto, de onde vem a primeira abertura de identificação com o outro. “O domínio do conhecimento é fundamentalmente inserido na primitiva dialética paranoica da identificação com o semelhante” (1955-1956/1985b p. 203). Ocorre que um objeto se isola, como um universal, e como tal, erotiza-se no interior da relação de identificação, realizando-se como objeto de concorrência. Podemos considerar que o surgimento do ciúme na relação de exclusão seria o impasse que concerne à inscrição da linguagem, localizada nesse *Seminário* como a “manifestação primordial da comunicação”, convocando uma separação da imagem? Dessa maneira, inclui-se o objeto numa alteridade primitiva definida no interior da estrutura simbólica da fala, na qual ele se torna objeto de rivalidade, dado que “ele só interessa enquanto objeto do desejo do outro” (p. 50). Essa inscrição da linguagem se daria pela entrada de uma “palavra inconsciente” como vista na segunda fase da fantasia *Uma criança é espancada* (1919-1976b)? Disto decorre a estrutura do eu, já que ela parte de um estado de desconhecimento do eu para um domínio de conhecimento paranoico do outro e do objeto.

Sendo assim, nessa perspectiva temos uma dupla alienação, há por um lado, o outro imaginário, grafado com *a* minúsculo, que é fonte de todo conhecimento, pois ele instaura a consciência de si por uma relação de miragem com o eu, quer dizer, através de uma alteridade

em espelho na qual a forma do semelhante se faz primordial. O que designamos como “nosso eu é uma certa imagem que temos de nós, que nos dá uma miragem” de totalidade (Lacan, 1955-1956/1985b, p. 273). Essa primeira alienação no outro ocorre à proporção que ele confere uma unidade imaginária à incoerência fragmentária das tendências pulsionais do corpo e lhe dá o acesso ao objeto, constituindo o narcisismo primário.

De outro ângulo, “há também o outro que fala de meu lugar, aparentemente, esse outro que está em mim. É um outro de uma natureza totalmente diferente da do outro, meu semelhante” da imagem virtual (p. 274). A esse outro, enquanto não é conhecido, Lacan, chama de Outro absoluto, grafado com maiúscula, A, que

é aquele ao qual nós nos dirigimos para além desse semelhante, aquele que somos forçados a admitir para além da relação da miragem, aquele que aceita ou que se recusa na nossa presença, aquele que na ocasião nos engana, do qual não podemos jamais saber se ele não nos engana, aquele ao qual sempre nos endereçamos (Lacan, 1955-1956/1985b, p. 287).

Lacan se pergunta que estatuto tem e qual é esse Outro que fala no sujeito, do qual o sujeito difere de ser semelhante e de ser mestre, e responde que é sua libido, o que equivale a seu desejo. Como vimos no capítulo anterior, é aí que se encarna o Outro materno que tem a função de traduzir a demanda da criança em significantes, produzindo uma alienação simbólica, na qual é o desejo do Outro que fornece um lugar para a criança existir. Mas, nesse discurso do Outro, em sua fala comum, aquilo “que creio ser eu, não é mais sujeito, mas objeto”, em razão de que, na função de miragem, o sujeito só se reconhece como desconhecimento e negação (p. 273). Igualmente, é na estrutura da fala que Lacan localiza o nível onde o Outro absoluto não é conhecido, mas que, ao mesmo tempo, deve ser reconhecido. Temos um desconhecimento estruturante que caracteriza essa dupla alienação constituinte e dá origem à gênese do eu pelo conhecimento paranoico do objeto.

Por isso, Lacan (1948/1998b, p. 116) faz do estádio do espelho uma “encruzilhada estrutural” e situa, nessa mirada, a compreensão da natureza da agressividade. Portanto, é no cruzamento concomitante do eixo imaginário com o eixo simbólico que Lacan localiza a nascente da função fundamental do eu. Nessa seara podem ocorrer inúmeros acidentes, por exemplo, esse Outro pode não inscrever a criança no seu desejo, e ela não ter acesso ao mundo simbólico do objeto. No transitivismo, quando se fundem os dois momentos em que o sujeito nega a si mesmo e acusa o outro, observa-se uma ambivalência estrutural. O autor afirma que esses momentos são análogos às negações dos delírios de ciúme, da erotomania e de

interpretação, nos quais o sujeito “rechaça para o mundo a desordem que compõe seu ser” (p. 117).

Necessário se torna precisar a distinção entre a alienação constituinte como origem da dialética do desejo, e a alienação na psicose como fundamento da estrutura paranoica. Para tal, precisamos saber como Lacan explicita o impasse que concerne à inscrição da linguagem na manifestação primordial da comunicação definida como dialética do ciúme. Tomaremos, como paradigma da relatividade agressiva, a estrutura do ciúme infantil tal como interpretada no complexo de intrusão, e, depois, a estrutura do delírio, interpretada pelo mecanismo de projeção como mensagem.

2.1.2 O drama do ciúme e a crença no *Fort-Da*

Desde seu trabalho sobre *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003a), Lacan assinala que, na vivência da criança pequena, a percepção da presença de um semelhante é tomada como uma intrusão narcísica, “tendência estrangeira” à qual ele designa sob o nome de complexo da intrusão. O drama do ciúme (*jealousie*) é experimentado após o declínio do complexo de desmame, por volta dos seis meses, e tem um papel fundamental na gênese da sociabilidade e do próprio conhecimento humano, até dois anos de idade. É um fenômeno inteiramente situado na lógica do estágio do espelho, quando da formação do eu ideal, isto é, ele exige, como condição, a identificação com o duplo, reconhecido como rival. “Contudo, antes que o *eu* afirme sua identidade, ele se confunde com essa imagem que o forma, mas que o aliena primordialmente” (1938/2003a, p. 49).

No texto *A agressividade em psicanálise* (1948/1998b) Lacan retoma e cita Santo Agostinho²⁸ para ilustrar o ciúme, e diz que ele se antecipa à psicanálise ao observar esse drama em uma criança diante da imagem de seu irmão lactente:

Vi com meus olhos e conheci bem uma criancinha tomada pelo ciúme: ainda não falava e já contemplava, pálida e com uma expressão amarga, seu irmão de leite." Assim liga ele imperecivelmente à etapa *infans* (anterior à fala) da primeira infância a situação da absorção especular: a criança contemplava, reação emocional; inteiramente pálida, reativação das imagens de frustração

²⁸ Cf. Agostinho, 354-430/1980. “Certa vez, vi e observei um menino invejoso. Ainda não falava, e já olhava pálido e com rosto amargurado para o irmãozinho colaço. Quem não terá testemunhado isso? Dizem que as mães e as amas tentam esconjurar este defeito com não sei que práticas. Mas se poderá considerar inocência o não suportar que se partilhe a fonte do leite, que mana copiosa e abundante, com quem está tão necessitado do mesmo socorro, e que sustenta a vida apenas com esse alimento? Mas costuma-se tolerar indulgentemente essas faltas, não porque sejam insignificantes, mas porque espera-se que desapareçam com os anos. Por isso, sendo tais coisas perdoáveis em um menino, quando se acham em um adulto, mal as podemos suportar”.

primordial; e com uma expressão amarga, que são as coordenadas psíquicas e somáticas da agressividade original (Lacan, 1948/1998b, p. 117).

O que ficará retido dessa discordância originária é a estrutura ambígua do espetáculo tais como o “despotismo, sedução e exibição, [que] dá forma às pulsões sadomasoquista e escopofílica (desejo de ver e de ser visto), que são essencialmente destruidoras do outro” (Lacan, 1938/2003a, p. 49). Entretanto, a tendência sugerida pela satisfação espetacular implica a entrada de um objeto terceiro que permite substituir a ambiguidade afetiva da rivalidade pela concorrência de uma situação triangular. Entendemos essa tendência como o momento das escolhas pulsionais que a criança deve fazer na direção da libido. Desse modo, Lacan distingue a dialética do ciúme da rivalidade vital imediata, visto que o drama do ciúme inclui o objeto situado sob a ótica do conhecimento humano, e como arquétipo dos sentimentos sociais. Nesse caso, o objeto é acolhido como “objeto comunicável” e se instaura a concorrência que contém a rivalidade, mas, ao mesmo tempo, concordância (Lacan, 1938/2003a, p. 49). Ora, é a fala que permite superar o caráter agressivo da concorrência, visto que a palavra é entendimento, pacto e acordo, por fazer intervir o Outro como terceiro (Lacan, 1955-1956/1985b, p. 51).

Todavia, somos advertidos de que na rivalidade do ciúme, há sempre a possibilidade do desacordo e, nessa dialética primitiva da alienação, o eu pode ser intimado a anular o outro ou estar em circunstância de ser ele mesmo anulado por falta de acordo do outro. No *Seminário, livro 3*, Lacan recorre ao valor psicológico e psicogênico da dialética hegeliana do senhor e do escravo²⁹ para demonstrar que, originalmente, é por uma rivalidade mortífera que ocorre a constituição do mundo para o homem, se bem que, ao final, o retorno da luta indique a impossibilidade de coexistência com o outro. Conforme sua análise, o senhor tomou o objeto de desejo do escravo, porém, nesse caso, o que estava em causa era justamente a rivalidade e não o objeto de gozo. Acontece que, embora o escravo reconheça o senhor e lute para ser reconhecido por ele, o senhor não reconhece o escravo, e, portanto, o seu próprio reconhecimento perde o valor juntamente com a sua humanidade. Consoante Gonçalves e Teixeira (2015), esse reconhecimento se instaura no campo epistêmico como condição para que ocorra a consciência de si e se funde a dialética do desejo como desejo do outro. Daí decorre a função do desejo como o que humaniza o homem, dado que “aquele que triunfou e conquistou o gozo torna-se completamente idiota, incapaz de outra coisa que não seja gozar, enquanto

²⁹Cf. Gonçalves, 2006. p. 47. Hegel colocou, no fundamento de todo progresso da história, a função da agressividade na ontologia humana como princípio do conhecimento de si. Ao opor duas consciências numa luta em direção à morte, o que se visa é o se fazer reconhecer pelo outro. De onde se conclui que a consciência de si só ocorre a partir do reconhecimento do outro.

aquele que foi dele privado guarda toda sua humanidade” (Lacan 1955-1956/1985b, p. 51). Podemos deduzir que onde a rivalidade impera, o objeto não se socializa e a lógica da exclusão prevalece.

No texto *De nossos antecedentes* (1966/1998h, p. 75), Lacan destaca que o estádio do espelho nos fornece a regra de partilha entre o imaginário e o simbólico, entretanto, ressalta que a imagem “centra um poder enganador de desviar a alienação, que já situa o desejo no campo do Outro, para a rivalidade, que prevalece totalitária, pois o semelhante lhe impõe uma fascinação dual...” Por conseguinte, supor uma harmonia na unidade da imagem é mascarar a diacronia da prematuridade discordante do corpo, à medida que o segredo do gozo do sujeito ante a imagem é o encobrimento da função de falta, em uma metonímia da parte pelo todo. A definição imaginária da metonímia o demonstra na experiência analítica da fantasia, já que concerne à primitiva parcialidade das imagens do corpo despedaçado como um real (p. 74). Ora, é justamente essa função crítica da falta que a psicanálise não deve eliminar, porque ela é a origem mesma da *noese causalista*³⁰, à proporção que procede da ordem do real. A prematuridade discordante do corpo, despedaçado em sua parcialidade natural, é o real a ser simbolizado como falta que causa o desejo, visto que a imagem é ilusória e fora do corpo. Desta forma, deduz-se que uma demora na gênese do eu indica um impasse frente à transposição dos limites do imaginário em direção à falta fálica dada pela entrada do objeto na condição significante.

Em *Os complexos familiares*, diante do ciúme por identificação com a imagem do outro, Lacan aponta duas saídas para o sujeito: “ou ele reencontra o objeto materno e se aferra à recusa do real e à destruição do outro”, ou, então, “encontra simultaneamente o outro e o objeto socializado” (1938/2003a, p. 49). Na primeira saída, deduzimos que o circuito pulsional se fecha em um gozo autoerótico que dispensa o Outro da linguagem pela pulsão de destruição. A

³⁰ *Noesis*-vem do grego significando *insight*, intelecção ou inteligência. O termo *noesis* é usado na filosofia grega antiga, na moderna filosofia continental europeia, assim como na filosofia da mente. Em fenomenologia, *noesis* é o ato de tomar consciência. Atualmente, o contraste entre *noesis* e *noema* se tornou fundamental para a experiência intencional da fenomenologia de Husserl. Recuperado de <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Noesis>>.

Noema é o que é pensado. Husserl tinha seu pensamento orientado para o problema da correlação do sujeito e do objeto no ato do conhecimento, passando de um certo realismo eidético para um idealismo transcendental. Mais radical que a dúvida cartesiana, a redução fenomenológica consiste em colocar entre parênteses a atitude natural, ingênua, da consciência, afirmando espontaneamente a existência do mundo, e em isolar o dado natural, contingente (o mundo exterior e o eu empírico) do eu puro, do sujeito ou ego transcendental. Modelo de toda evidência original e necessária, a consciência pura se descobre como "intencionalidade", fonte de toda significação, pois que constituinte do objeto. Sua análise eidética permite precisar modalidades de consciência: consciência perceptiva, consciência imaginativa etc. Insistindo sobre a experiência fundamental e original que o sujeito tem do outro e fazendo da intersubjetividade o próprio fundamento da objetividade do mundo. Recuperado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl>.

recusa do real é a recusa da função crítica da falta presente no corpo. Trabalharemos essa saída no próximo item sobre a alienação psicótica. Já na segunda, a dimensão de privação na perda do objeto primordial dá acesso ao desejo do outro e à possibilidade de laço social por meio dos objetos substitutivos de satisfação.

Vamos explorar inicialmente os desdobramentos do segundo caso, no qual o sujeito ingressa na ordem simbólica. Pelo viés da leitura estruturalista, o ponto de inscrição da linguagem é a conotação da presença e da ausência, a partir do símbolo, conotação que Lacan afirma ser a primeiríssima propriedade da linguagem (1955-1956/1985b, p. 179). Ela é ilustrada com o exemplo freudiano do *Fort-Da*³¹, brincadeira infantil que Freud (1920/1976c) observou diretamente em seu neto (p. 25). Nela, a criança atira para longe de seu berço um carretel amarrado por um fio e depois o puxa para si. Curiosamente, a criança, ao mesmo tempo, pronuncia dois fonemas para opor o objeto ao sumir, *Fort!*, e ao aparecer, *Da!*. Nesse par de oposições significantes inaugura-se o encontro com a linguagem pela fala, uma simbolização primordial que demarca o momento de constituição subjetiva.

O que esse par fonético ilustra é a simbolização primitiva da alternância entre presença e ausência da mãe: em um jogo de repetição, a criança brinca ativamente ao colocar no lugar do aparecimento e desaparecimento da mãe os significantes fundamentais. Desde o momento em que a criança fala, o objeto é, por definição, perdido, como um resto não simbolizável, da ordem de um real desconhecido, marcado pela estranheza. Lacan relê a *Verneinung* freudiana recuperando a *Carta 52*³² de Freud e afirma que nesse campo ocorrem fenômenos que manifestam uma dinâmica secreta da função de negação, que é a existência de um estado primordial no qual o significante é dado para qualquer estrutura que se defina (1955-1956/1988b, p. 179).

A questão da *Verneinung* permanece toda ela em suspenso. O importante é perceber que Freud só pôde concebê-la colocando-a em relação com alguma coisa de mais primitivo. Ele admite formalmente na carta 52 que a *Verneinung* primordial comporta uma primeira sinalização, *Wahrnehmungzeichen*. Ele admite a existência desse campo que chamo do significante primordial. Tudo o que ele diz a seguir nessa carta sobre a dinâmica das três grandes neuroses às quais ele se prende, histeria, neurose obsessiva, paranoia, supõe a existência desse estado primordial que é o lugar eleito do que chamo *Verwerfung* (Lacan, 1955-1056/1988b, p.180).

³¹ Cf. Freud, 1920/1976c. Ele relata um modo de brincar de seu neto Ernst, que, na ausência de sua mãe, jogava o carretel para fora de seu berço ao mesmo tempo em que emitia um som “ooooó”. Depois, puxava-o alegremente de volta para si pelo barbante amarrado, ao mesmo emitindo um “dá”. Freud interpreta esses sons como longe, ir embora/aqui, ali, (*Fort/Da* na língua alemã). Comenta ainda que a repetição e a satisfação pareciam ser mais intensas no segundo ato quando o carretel era puxado de volta, aqui (*Da*), em comparação com o jogado longe (*Fort*).

³² Cf. Freud, 1886-1899/1987a, p. 254.

Entretanto, a estrutura do discurso é fornecida pela relação entre o significante e a significação em uma cadeia temporal. O neurótico se serve do universo de objetos disponíveis, ao invés das palavras, porque

ele esvazia os bolsos, endireita as calças, coloca aí as suas funções, as suas inibições, entra direitinho no jogo, ele mesmo se passa para trás com isso, com significante, é ele que se torna o significante. Seu real, ou seu imaginário, entra no discurso. [...] o significante é, pois, dado primitivamente, mas ele não é nada enquanto o sujeito não o faz entrar em sua história (Lacan, 1955-1956/1988b, pp. 179 e 180).

No *Fort-Da*, ao transferir para o objeto sua dificuldade em esperar a mãe, a criança ensaia o assassinato da coisa, que está dado de saída pelo fato de o objeto estar desde sempre perdido. Consequentemente, ao que a criança realmente visa na repetição da brincadeira é a abolição do objeto, e, com ela, revive seu desejo. Lacan assim interpreta, em seu *Discurso de Roma* (1953/2003b, p.171): “é que o outro e o desejo já estão presentes nos fantasmas incluídos nesse objeto simbolizador, juntamente com a morte...” Podemos dizer que, no jogo do *Fort-Da*, a criança também se identifica com o carretel, o objeto, mas ao mesmo tempo sai do impasse imaginário com seu ato simbólico de fala. Uma vez que o símbolo é a morte da coisa, a criança faz da simbolização do objeto perdido a fonte do desejar. Nesse sentido, esse ato é um passe, uma saída do impasse imaginário. Como vimos na dialética do senhor e do escravo, aquele que se priva do objeto, ao reconhecer o outro com quem é travada a luta, pode substituí-lo por um “objeto comunicável” e, com isso, humaniza o desejo. É a fala, na estrutura da linguagem, que funda a matriz simbólica ao introduzir a palavra, mediadora do gozo narcísico, e permite o acordo possível em face da rivalidade imaginária e da disputa do objeto.

Ora, já no *Seminário, livro 3: As psicoses* (1955-1956/1985b, p. 203), Lacan destaca que, na experiência edipiana, o que se isola como objeto de concorrência é o falo, à medida que o Édipo produz uma relação simbolizada que aliena o sujeito e o “faz desejar o objeto de um outro, e possuí-lo por procuração de um outro”. A identificação especular ocorre desde a superfície do corpo, na qual um furo, provido de uma borda — a zona erógena freudiana —, constrói a operação simbólica pelo falo imaginário. Lacan ressalta que, na alienação interna do par mãe-criança, a situação de conflito provocada por esse objeto instaura o triângulo imaginário falo-mãe-criança. Na dialética imaginária, como ele a designa, a única função do pai no trio é ser suposto detentor do falo, ele apenas representa o portador do falo.

É daí que o pai deve ser invocado, introduzindo o significante do pai. Logo, é em torno desse significante paterno que gira o temor da castração na criança e na mãe e, nesse ponto, o furo, como falta, simboliza a castração e dá unidade ao corpo pela significação fálica. De acordo com Lacan, o pai introduz uma ordem matemática, uma ordenação no triângulo imaginário³³ e se localiza “no anel que faz manter-se tudo junto” (p. 358). Face à castração, o sujeito se identifica com o objeto do desejo do Outro como solução desse impasse. Como vimos, o neurótico faz essa operação de identificação com o objeto que falta ao outro pela via da fantasia.

Dessa identificação decorre a realização da posição sexual, na qual as funções sexuais do ser humano são extraídas do domínio imaginário para uma simbolização que orienta a virilização masculina e a aceitação da feminilidade. Por isso, é no plano do Outro simbólico, lugar onde se instaura o laço da lei com o desejo, que o sujeito encontra o reconhecimento que lhe dá acesso à integração da sexualidade.

O reconhecimento do outro não constitui uma passagem inacessível, pois que também vimos que a alteridade evanescente da identificação imaginária do eu não encontra o tu senão num momento limite, onde nenhum dos dois poderá subsistir junto com o outro. O Outro, com A maiúsculo, é preciso realmente que ele seja reconhecido além dessa relação, mesmo recíproca, de exclusão, é preciso que, nessa relação evanescente, seja reconhecido como tão impegável quanto eu. Em outros termos, é preciso que ele seja invocado como aquilo que dele próprio ele não conhece (Lacan, 1955-1956/1985b, p. 341).

Dessa maneira, em relação ao Outro, mesmo que ele preexista, o sujeito precisa invocá-lo. Lacan se utiliza da conotação religiosa do termo invocação para dizer que a fórmula verbal da invocação é a forma mais elevada da frase, na qual todas as palavras pronunciadas são verdadeiras “É aquilo por que eu faço passar no outro a fé que é a minha” (p. 342). O autor lança mão da noção de crença, pois que, na invocação, na qualidade de voz evocada, o eu se endereça ao tu, mesmo sendo seu desconhecido, porém, invoca-o como portador de todos os significantes. Essa é a dialética do Imaginário: o sujeito acredita, supõe o pai ser o portador do falo. Trata-se de uma aparência de algo que não é, mas, ao mesmo tempo, existe como nome. O que o faz subsistir para o sujeito, deve-se unicamente à sua nomeação como tal (p. 359). Lacan destaca que a invocação tem caráter de apelo proferido ao Outro, como “significante vociferado”, e o tu que é chamado a responder depende do significante, como tal.

³³ Ao acrescentar o pai como quarto elemento, Lacan delinea a origem do Esquema R, trabalhado em *O Seminário, livro 5: As formações do Inconsciente* (1957-1958/1999), no qual ele o designa com o termo quadrângulo. Aqui, no *Seminário 3*, ele se utiliza de um termo topológico, o anel, na função de elo. Lacan parece antecipar-se à noção topológica de amarração dos três registros R.S.I. que ele desenvolverá em *O Seminário, livro 23, O sinthoma* (1975-1976), não contemplado nesta dissertação.

2.2 O fundamento da estrutura paranoica e a *Verwerfung*

Passemos a explorar o que ocorre quando a fala não encontra a estrutura simbólica da linguagem, produzindo uma alienação psicótica e os fenômenos relacionados a esta.

2.2.1 A alienação psicótica e a rivalidade vital imediata

Voltemos ao desenvolvimento da primeira saída, citada na seção anterior, postulada em *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003a), articulando-a em consonância com a proposta de Lacan no texto *A agressividade em Psicanálise* (1948/1998b) e recorrendo à estrutura das psicoses em *O Seminário, livro 3: As psicoses* (1955-1956/1985b). Conforme o autor, no fundamento da estrutura paranoica acontece que o significante pode cair num terreno inalcançável para o outro, campo de rejeição (*Verworfen*), onde ele é reduzido à relação imaginária. A fala aí não encontra uma matriz simbólica que estruture a linguagem. Nessa situação, ocorre um curto-circuito da relação triangular (eu, outro e objeto) em um duelo mortífero, no qual o outro se torna um ser de puro desejo e destruição, dualidade que é fonte de extrema agressividade (Lacan, 1955-1956/1985b, p. 343). Segundo sua análise da paranoia do presidente Schreber, o significante que é suprimido na invocação é o significante do Nome-do-Pai.

é obrigatoriamente pela relação puramente imaginária que deve passar o registro do *tu* no momento em que ele é evocado, invocado, chamado pelo Outro, pelo campo do Outro, através do surgimento de um significante primordial, mas excluído para o sujeito. [...] Como significante, ele não pode em caso algum ser acolhido na medida em que o significante representa um suporte indeterminado em torno do qual se agrupa e se condensa um certo número, não exatamente de significação, mas de séries de significações que vêm convergir através e a partir da existência desse significante (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 343-344).

Desse modo, no *Seminário 3*, Lacan explica o fenômeno psicótico pela estrutura da linguagem com a operação de exclusão, *Verwerfung*, que ele extrai do caso clínico de Freud (1917-1919/1976a) conhecido como *Homem dos Lobos*³⁴. Em um momento, o sujeito experimentou a ameaça de castração; no entanto, ele recusou a entrada dessa experiência no

³⁴ Cf. Freud, 1917-1919/1976a, pp.102 e 137.

mundo simbólico: ela foi foracluída³⁵. A exclusão significante difere da operação de denegação, *Verneinung*, que acontece numa etapa posterior. Como exposto anteriormente³⁶ sobre a *Verneinung* freudiana, há uma afirmação primordial, a *Bejahung*, que é uma admissão simbólica. Entretanto, pode ser que ela não ocorra. No fundamento do inconsciente, o que é verbalizado pode cair sob o recalque e permanecer desconhecido até que o retorno do recalco o revele por meio de uma denegação, *Verneinung*. Porém, quando o verbalizado é recusado à ordem simbólica, ele reaparece no real em decorrência da *Verwerfung*. E por isso, “o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala” (Lacan, 1955-1956/1985b, p. 20). Desta forma, Lacan explica o fundamento da estrutura paranoica, a saber, “um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante” (p. 174). Mais tarde, no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan especifica que

A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como foraclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo, o correspondente no lugar da significação fálica (Lacan, 1957-1958/1998e, p. 564).

O autor define esse momento como algo que provoca um dano, uma desordem no mais íntimo do sentimento de vida de um sujeito. Em nossa leitura, entendemos que o furo no lugar da significação fálica provoca uma desordem pulsional concernente à não ligação das zonas erógenas a um representante psíquico da falta. Lacan ainda afirma que o fenômeno de exclusão de um significante é um sinal presente em toda entrada na psicose quando o sujeito é chamado a responder de um lugar do campo do Outro através de um pai real. Este, no ternário simbólico como detentor do falo imaginário, não encontra o Nome-do-Pai como lugar da lei do significante que fornece a regulação fálica. “Basta que esse Um-pai se situe na posição terceira em alguma relação que tenha por base o par imaginário a-a’[...], concernindo o sujeito no campo de agressão erotizado que ele induz” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 584).

Aqui ressaltamos que a agressividade da rivalidade imediata dada pela alienação imaginária difere da agressividade estrutural da relação narcísica, como vimos na alienação

³⁵O termo foraclusão é utilizado no campo jurídico como processo prescrito, ou seja, aquele do qual se perdeu o prazo e não se pode apelar, introduzindo-nos na dimensão da lei e de sua proscricção. Então, a foraclusão do Nome-do-Pai na psicose indica que o sujeito está fora da lei simbólica, proscrita pela carência do significante, que, nessa estrutura, não estará presente para permitir a formulação da metáfora paterna.

³⁶ Cf. Cap. 1, seção 1.2.1 A agressividade articulada à pulsão de morte no imaginário.

simbólica. Ora, se nesse momento da relação de exclusão própria do par imaginário ocorre a entrada de um objeto, como objeto de desejo, abre-se uma zona de nomeação, e a solução para a rivalidade seria a admissão do Outro da linguagem com seu o efeito apaziguador. Desta forma, a alienação simbólica estrutura o imaginário pela introdução da falta e do desejo, adubando o terreno para a nomeação dos objetos, e a pacificação se daria pela constituição do ideal do eu. A imagem só se sustenta por uma nomeação vinda do Outro, pela qual o sujeito acede à identificação de uma insígnia no lugar do Outro, através de um significante no campo do Outro. Mas é o significante Nome-do-Pai, resultado da metáfora paterna, que faz o sujeito sair da paranoia original através da função sublimatória da identificação. Disto decorre que o próprio sujeito se torna um significante no qual se vê digno ou não de ser amado.

Para analisar os fenômenos agressivos, do mesmo modo como Lacan propôs no texto *A agressividade em psicanálise* (1948/1998b, p. 113), poderíamos estabelecer uma correlação entre o modo de gozo do sujeito e o impasse em que ele se situa na sua constituição subjetiva. Lacan visava colocar em série a reação agressiva paranoide, desde a explosão brutal imotivada do ato até as interpretações representadas pelo delírio, em uma fórmula de equivalência à etapa da organização original do eu e do objeto.

A impotência primitiva do ser diante de seu despedaçamento, marcada “pelos sinais de mal-estar e falta de coordenação motora”, encontra uma solução na imagem especular como organizadora das pulsões (Lacan, 1949/1998b, p. 100). Nesse instante, a visão da imagem corporal do semelhante em sua totalidade proporciona uma unidade que faz dele o eu ideal ou imagem especular apaziguadora. Mas, se o sujeito se fixa nessa posição, ele ficaria totalmente imerso em um gozo imaginário situado na dualidade da relação especular a-a’. As experiências do corpo fragmentado da esquizofrenia se situariam nesse gozo do despedaçamento primeiro, e as situações clínicas de automutilações ilustram a desorganização pulsional do corpo³⁷. Aqui, as vias de estabilização se dariam pela tentativa de organização desse corpo pulsional.

Se o sujeito permanece na relação dual, oscilação entre o eu e o eu ideal, instala-se outro mal-estar: o impasse da relação de exclusão, “ou você ou eu”, como a agressividade da rivalidade vital imediata. A paranoia estaria fixada nesse instante lógico da relação dual, e, por isso, o paranoico espancará no semelhante o mal que não consegue extrair de si mesmo de forma dialética³⁸. Na paranoia, o Ideal do eu ocupa o lugar do Nome-do-Pai, significante

³⁷ Ao final deste capítulo, vamos explorar a interpretação do crime das irmãs Papin, no qual Christine, separada de seu duplo quando estava na prisão, desencadeou sua loucura entrando em completa sideração esquizofrênica. Apresentou alucinações, tentou furar os próprios olhos e atirou-se contra paredes e portas.

³⁸ Cf. Lacan, 1932/1987. Ao interpretar o crime das irmãs Papin, demonstramos como o ato de arrancar os olhos das patroas indica o acesso direto ao objeto da pulsão sem passar pelo Outro da linguagem.

foracluso para o sujeito, e a tentativa de cura se daria pela incidência da linguagem na pulsão pelo delírio. No clássico Schreber, o delírio de ser a Mulher de Deus adquire uma função, produz o adiamento em relação à passagem ao ato transexualista. Enquanto ele é a Mulher de Deus, na vertente da ficção delirante, há um propósito de redenção da humanidade que é mais nobre e sustenta um sentido, um ideal, o que impede a incidência da automutilação no sentido de se tornar mulher.

Torna-se necessário entender o mecanismo do delírio para entender essa distinção entre a agressividade estruturante e a agressividade mortífera. Para Lacan (1955-1956/1985b, p. 51), toda dialética do delírio deve ser situada no ângulo aberto entre a relação com o Outro da linguagem desconhecido e o outro, que é o eu, origem de todo conhecimento humano.

2.2.2 A certeza delirante e a não extração do objeto

A análise lacaniana parte da estrutura do discurso paranoico tal como Freud postulou no estudo do caso Schreber. Ao abordar o mecanismo da paranoia, Freud (1911/1969, p. 84) indica que há uma fixação da libido sexual entre o autoerotismo e o narcisismo. A esse “ponto disposicional”, ou seja, a disposição ao adoecimento pela fixação narcísica, corresponde um esforço dos paranoicos contra o curso da libido em direção aos objetos externos. Algum fator contingencial externo, como a frustração ou intensificação libidinal, fez com que a libido retornasse em direção ao eu. Como observa o autor, isso acontece porque o cerne do conflito paranoico é uma fantasia de desejo homossexual, no qual ocorre a sexualização da libido narcísica em direção a uma pessoa do mesmo sexo. Ele define que as principais formas de delírio são representadas como negação da proposição “eu o amo”. Entendemos que o que Freud designa como tendência homossexual é a fixação no duplo do eu, justamente o que localizamos como gozo narcísico, quer dizer, a permanência da pulsão no campo do amor de si.

Para compreender o conflito paranoico vamos articular aqui a formulação freudiana com a interpretação que Lacan faz dela, quanto às formas de contradizer a proposição em termos de mensagem. Devemos lembrar, seguindo Freud (1911/1969), que o delírio tem função de solução, ele é a tentativa de reconstrução da realidade, de recaptura de uma relação libidinal com os objetos externos pelo método de projeção. Vamos explorar os três tipos de delírios indicados por Freud e comentados por Lacan em *O Seminário, livro 3: As psicoses* (1955-1956/1985b) que são o delírio de perseguição, a erotomania e o delírio de ciúmes.

Começaremos pelo delírio de ciúme, que Lacan localiza como a primeira forma de negar a proposição.

Em Freud (1911/1969, p. 87), o delírio de ciúme³⁹ é estudado de acordo com o sexo do sujeito, sendo a forma masculina: “Não sou *eu* quem ama o homem — ela o ama”, e a forma feminina: “Não sou *eu* quem ama as mulheres — ele as ama”. O autor adverte que nesse delírio há uma percepção externa para o eu, portanto, não temos o mecanismo de projeção e o que muda é o sujeito da proposição. Para Lacan (1955-1956/1986b, p. 53), a negação do delírio de ciúme — “Não sou *eu* que o ama, é ela”, meu cônjuge, equivale a uma alienação invertida. O sujeito aí faz levar sua mensagem, “eu o amo”, através do outro, identificado ao *a*, “com intersversão do signo da sexualização”. Essa alienação é reproduzida indefinidamente e pode refletir em quase todos os sujeitos que se apresentem na experiência e até nos que nunca se apresentarão.

Já no delírio erotômano, como Freud (1911/1969, p. 86) postulou, a contradição da proposição surge da forma “*eu* não o amo — *eu* a amo porque ela me ama”. Há uma percepção interna ao eu — ele mesmo ama, não esta pessoa, mas aquela —, em um mecanismo de projeção do eu. Desse modo, o que muda é o objeto do delírio. Lacan (1955-1956/1985b, p. 54) interpreta a mensagem na erotomania, “Não é ele que *eu* o amo, é ela”, como um mecanismo de alienação divertida da mensagem, visto que o sujeito se endereça a um outro com o qual não mantém nenhuma relação concreta. Nesse sentido, o outro é um objeto de tal modo afastado do sujeito que se despersonaliza no destino da mensagem.

Por fim, para Freud (1911/1969, pp. 86-89), no delírio de perseguição a proposição é contraditada como “*eu* não o amo — *eu* o odeio porque ele me persegue”. Nesse caso, há uma percepção interna ao eu, uma vez que ele próprio não ama, mas odeia, evidenciando também um mecanismo de projeção. Entretanto, o que muda é o predicado. Aqui, “o perseguidor é alguém que foi outrora amado”, e a transformação do afeto é resultado da supressão da percepção interna do sentimento de amor que é percebida como ódio externamente. Lacan (1955-1956/1985b, p. 54) nomeia a negação — “*eu* não o amo, *eu* o odeio” — uma alienação convertida, pelo fato de o amor ter se transformado em ódio. Nesse delírio ocorre uma desmultiplicação do outro, no qual se converte o afeto. Não obstante ele afirmar que essa alienação é muito mais próxima da denegação, observa-se que o sistema do outro fica totalmente alterado e as interpretações se espalham sobre o mundo de tal modo que temos uma perturbação imaginária ao extremo.

³⁹ Poderemos verificar como ocorre a dinâmica do delírio de ciúme tanto na história das irmãs Papin, adiante, como no caso Otto, exposto no próximo capítulo.

Como exposto, depreende-se que o fenômeno psicótico é a emergência real de uma significação fora do campo da realidade, impossível de associar a outro significante, já que nunca entrou no sistema de simbolização. Entretanto, o sujeito tem uma certeza radical de que aquele fenômeno elementar, seja alucinação ou interpretação delirante, está referido a ele devido à fixação narcísica decorrente da sexualização da libido narcísica. Mesmo sabendo que o fenômeno não condiz com a realidade ou traz em seu cerne uma ambiguidade enigmática, nada abala a certeza de que o mesmo lhe diz respeito, e assim se define a crença delirante (Lacan, 1955-1956/1985b, pp. 91 e 102).

Lacan distingue o ciúme normal do ciúme delirante pelo simples fato de que o primeiro se recusar à certeza em detrimento de todas as evidências que pertençam à realidade. Ainda indica que, na convicção passional, são as próprias pulsões de infidelidade que o ciumento projeta intencionalmente no outro. Essa difere da convicção delirante, na qual aquilo que se configurou como objeto de uma *Verwerfung* reaparece no real, causando “um impasse, uma perplexidade que concerne ao significante” (p. 221).

Ao mesmo tempo, ele nos adverte que, embora possamos nos utilizar dos fenômenos psicóticos para compreender a dialética paranoica do imaginário, os mecanismos em jogo na dinâmica da psicose não se limitam ao imaginário. Por um lado, temos a alienação constituinte no imaginário, por outro, temos a forma da alienação psicótica que é dada por um mecanismo imaginário, com a exceção de sua dinâmica, que transcende esse registro (1955-1956/1985b, p. 170). Se na neurose o sujeito se serve do jogo do discurso, no qual ele mesmo se torna o significante e entra com seu imaginário ou seu real, na psicose o que foi foracluído no simbólico retorna no real. Diante do reencontro do objeto no real, sem nenhuma significação, onde não há palavra, o sujeito se precipita à agressão.

Dado que o objeto não foi submetido à lógica significante, na qual o falo se articula ao vazio central da castração, o sujeito tem acesso direto ao “objeto real da pulsão”, como designa Guillot (2014). O autor nos indica que nos fenômenos agressivos na clínica da psicose, como os crimes, por exemplo, a barreira da fantasia e do desejo não funciona. Como vimos no primeiro capítulo, na fantasia o sujeito tem uma relação com o objeto, mas, sob a ação do recalque, ele mantém uma distância do mesmo. A imagem do objeto é “falicizada” pela operação de castração, permitindo um acesso ao significante do objeto perdido no registro simbólico.

Será que podemos equivaler o acesso ao “objeto real da pulsão” com o reencontro do objeto materno pontuado por Lacan como a primeira saída diante do ciúme no complexo de intrusão? Voltando ao texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003a),

Lacan indica que o sujeito psicótico reencontra o objeto materno e se aferra à recusa da realidade e à destruição do outro. Nesse caso, não há acordo possível, pois, a imagem detém o objeto, cristalizando a relação de rivalidade imediata que visa à exclusão do outro. Essa situação implica que o objeto não foi extraído, de tal modo que ele não tem o estatuto de objeto perdido e não dá lugar ao aparecimento da palavra mediadora. É um ponto onde a palavra desaparece, dando margem às inúmeras situações de agressão. Perguntamo-nos se esse objeto materno, ao qual Lacan se referia nesse texto, é o objeto real da pulsão, à medida que ele se presentifica no imaginário do sujeito sem estar coberto por nenhuma significação. Para iluminar nossa questão, recorreremos a uma vinheta clínica em que, como efeito da forclusão, o ato agressivo surge permeado por uma certeza delirante que tinha como mola propulsora a rivalidade vital imediata frente ao objeto materno.

2.2.3 O crime das irmãs Papin

Comentamos aqui o famoso crime das irmãs Papin, acontecimento chocante de 1933, na cidade de Le Mans, que causou inúmeras interpretações polêmicas e contraditórias na sociedade francesa. Elas assassinaram violentamente a patroa e a filha desta, de maneira súbita e sem motivo aparente. As vítimas foram encontradas pela polícia com os corpos mutilados e os olhos arrancados. Lacan havia acabado de publicar sua tese de doutorado baseada no caso de sua paciente Aimée, e sua leitura do ato criminoso das irmãs Léa e Christine o levou a publicar um artigo e reformular algumas conclusões de sua tese. As irmãs nunca foram criadas pela mãe. Após terem passado toda infância e adolescência mudando de casa, a mãe arranhou-lhes emprego como domésticas na casa dos Lancelin.

Em consonância com a análise feita por Nasio (2001), a singularidade do crime situa-se no caráter súbito e inesperado de uma agressão instantaneamente selvagem. Até então, as relações entre as patroas e empregadas era tranquila e regida por regras que garantiam um distanciamento entre os dois grupos. Nos seis anos de trabalho na casa dos Lancelin, elas eram consideradas empregadas perfeitas, honestas, asseadas; trabalhavam duro, em silêncio, o dia todo. E foi com esse mesmo rigor que todos os instrumentos utilizados para a carnificina foram lavados e repostos em seus lugares, mantendo a ordem habitual da arrumação cotidiana.

Entretanto, um ar misterioso unia as duas, consideradas esquisitas. Elas não esboçavam nenhum laço social fora do trabalho. Inseparáveis, Christine e Léa mantinham uma afeição exclusiva, tendo prometido entre si não deixar qualquer homem se aproximar, e, fora do horário do trabalho, encerravam-se numa completude narcísica. Nasio (2001) observa a simetria das

protagonistas desse crime — ao par de patroas, o de criadas — para destacar um ponto capital para a análise da dinâmica paranoica que desencadeou o crime. Segundo ele, Christine e Lea “só haviam conhecido como modo de relação com o outro a célula formada por duas mulheres emparelhadas, bastando uma à outra” (p. 196). Essa era a matriz de todas as relações na família Papin.

Considerado um caso de loucura a dois, Christine contagiou Léa, dominando essa irmã caçula, impondo-lhe um mesmo delírio. Outra irmã, mais velha, foi internada quando nova e se entregou à vida de freira. Mesmo que não as tivesse criado, a mãe das três moças, Clemence, as tomava como objetos de sua posse, demonstrando uma atitude caprichosa e voluntariosa com relação ao destino e submissão das filhas. Em virtude da análise de cartas escritas para as filhas, fica clara a psicose materna, calcada em elementos de um delírio persecutório que projetava em um perseguidor totalmente impessoal. Como se verifica em um trecho — “Eles vão derrubar vocês pra ser donos de vocês, vão fazer o que quiser com vocês” (Nasio, 2001, p. 198), o funcionamento da própria mãe lhe era desconhecido, projetado e atribuído a esse “eles”, como no paradigma do conhecimento paranoico.

É a partir desse modelo de relação de posse e domínio que se desenvolve o elo entre Christine e Léa, com a mais nova seguindo os comandos da mais velha. Profundamente incomodadas com as observações críticas da mãe, elas também não toleravam qualquer tipo de observação da patroa. Procuravam ser impecáveis e, unidas, se dedicavam ao zelo com as tarefas que lhes eram designadas. Mas, aos poucos, a Sra. Lancelin foi ocupando um lugar materno, porém em sua outra face, “a face apaziguada e civilizada da maternidade, em enorme contraste com a face possessiva, reivindicatória e invejosa de sua mãe” (Nasio, 2001, p. 201). Mais tarde, Christine e Léa rompem definitivamente com a mãe, e na patroa concentram todo vínculo materno.

Foi aí que um acontecimento recebeu a significação insuportável: um ferro defeituoso queimou os fusíveis da casa, ficando as irmãs em grande aflição no meio da escuridão. Ocorreu uma suposta observação das patroas, mãe e filha enfrentaram as criadas com um “brilho de humor nos olhos [...] dois olhares em que elas leram algo de terrível: empregadas imprestáveis, empregadas inúteis” (p. 202). A essa filigrana em causa, ou seja, o olhar de censura das patroas, Christine respondeu com imenso transtorno e passou ao ato de extrair da cena os olhos que carregavam a significação persecutória impossível de suportar.

Para além da loucura a dois entre Christine e Léa, Nasio (2001) localiza o eixo dinâmico do crime na correspondência entre o delírio de Christine e o delírio da mãe. Para Clemence, era

insuportável ser privada das filhas; ela manteve o domínio da situação tirando-as e colocando-as nas casas, retendo seus salários e moldando-as com severas críticas.

Em síntese, estava de *olho* nas filhas, as segurava com mão de ferro. Foi desse olhar persecutório e dessa dominação da mãe que Christine tentou escapar. Isso porque, se a mãe fez um delírio de ciúme (tendo as filhas por objeto), Christine fez um delírio paranoico de perseguição e reivindicação (libertar-se, livrar-se dessa dominação) (Nasio, 2001, p. 207).

O sofrimento paranoico é nutrido por uma dinâmica imaginária, sendo sua fonte o semelhante em um jogo de espelhos. Ao par Christine e sua mãe, Christine e a patroa, correspondia o par Christine e Léa. A relação afetiva intensa de superproteção para com a irmã caçula era uma forma de tratamento do eu de Christine, porquanto Léa era seu duplo e, ao protegê-la, protegia-se a si mesma. Os fenômenos de transativismo, caracterizados pela reciprocidade e reversibilidade, permearam a motivação do crime, já que, após o rompimento com a mãe e o estreitamento da ligação com a Sra. Lancelin, Christine transferiu para a mesma a posição materna que outrora mantinha com a própria mãe. Aos poucos, alguns contratempos relativos a observações críticas sobre o serviço doméstico foram criando uma atmosfera que consolidou a transferência do delírio persecutório para a patroa, de tal modo que o olhar crítico da mãe foi visto nela.

Na análise de Nasio (2001), além da tentativa de romper o vínculo materno e a transferência para a patroa, a terceira condição para desencadear o crime foi a importância do objeto olhar. Não era só o olhar da patroa como espelho do olhar da mãe que estava em jogo; o próprio olhar de Christine estava atento às observações da Sra. Lancelin a seu respeito. Pode-se dizer que ser vista pela patroa sustentava alguma identificação imaginária, visto que Christine encarnava o papel de “mãe amorosa” para Léa e, com isso, reparava para si mesma, através de seu duplo, o lugar de filha bem cuidada. Essa identidade era frágil, pois dependia que nada falhasse para Christine sustentá-la. “Portanto, tratava-se de uma situação explosiva; dali em diante tudo dependeria do que fosse lido no olhar da patroa: Christine estava ‘de olho’ na Sra. Lancelin” (p. 209).

Diante daquele olhar de reprovação, o peso do comentário — “empregadas imprestáveis” — recaiu sobre a excelência de sua posição materna em relação a Léa, essa outra dela mesma. Ora, se a identidade de Christine, como aquela que fornecia consistência ao seu ser, dependia do olhar de aprovação da patroa, o acontecimento derradeiro fez desmoronar essa identidade imaginária, remetendo-a ao nada de seu ser. De acordo com as palavras de Christine, essa situação lhe despertou uma cólera imensa associada a uma fúria imperiosa de destruição.

Uma vez que estamos na lógica imaginária, regida por uma economia libidinal especular, a pulsão criminosa dela própria foi vista no olhar da Sra. Lancelin. Após o homicídio, Christine disse ao comissário: “Olhe, preferi acabar com a raça das minhas patroas a serem elas a acabar com a minha e a da minha irmã” (Nasio, 2001, p. 210). Em consequência a essa “hiperexcitação” incontrolável, “a passagem ao ato tornou-se o último recurso convocado pelo princípio do prazer — um prazer não residia no arrancamento dos olhos, mas na redução de uma tensão insustentável” (p. 213).

Podemos inferir que, para Christine, o olhar não se constituiu como um objeto *a*, perdido no campo do Outro, mas adquiriu consistência real, revelando a face mortífera da pulsão. Como o objeto não foi extraído, a pulsão não tinha um vazio ao qual desenhar um trajeto, por isso ela se fechou em um encontro deletério com o objeto real: o olho. A incidência da passagem ao ato foi o modo de atingir diretamente o objeto da pulsão sem passar pelo circuito do Outro da linguagem. Na lógica imaginária, olhar e ser olhado coincidiram com o olho real, em uma relação especular, um curto-circuito pulsional da libido narcísica. Depreende-se que não temos uma pulsão ativa que busca algo faltoso no campo do Outro, contudo, a atividade de se fazer ver como “mãe amorosa” buscava uma identificação imaginária, portanto ilusória, fixada em um gozo narcísico.

Acreditamos que o ato criminoso incluiu elementos sadomasoquistas ligados a uma certeza delirante que afetava o sentimento mais íntimo de vida de Christine, toda sua existência. O crime se constituiu como uma ruptura definitiva na vida psíquica dela, que entrou em completo desarvoramento na prisão, numa sideração esquizofrênica, até sua própria morte. É importante salientar que nenhuma das personagens dessa história real teve acesso a algum tratamento, sequer a uma escuta psicanalítica.

Mas, conforme Nasio (2001), a vida das irmãs tornou-se propriedade da opinião pública da época. Alguns, abalados com tamanha crueldade e violência, retrataram-nas como “dois monstros sanguinários” que deveriam ser punidas com a força; outros, como vítimas heroínas da luta de classes. Em seu livro, o autor nos indaga se elas não seriam vítimas de um destino execrável.

Entretanto, foi Lacan, que, por meio de seu artigo, deu visibilidade ao mecanismo paranoico que motivou o crime, abrindo todo um campo de investigação que culminou com sua tese sobre o estádio do espelho.

Esse caso nos mostra a face mortífera da pulsão quando ela fecha seu circuito em função da forclusão do significante Nome-do-Pai. Acompanhando a indicação de Lacan, servimo-nos da psicose para elucidar os fenômenos agressivos como impasses do modo de identificação

narcísico, e, conseqüentemente, à inscrição da linguagem. Para tanto, é preciso lembrar que o percurso escolhido para esta pesquisa foi retomar a agressividade constituinte do eu como a operação imaginária de entrada no mundo simbólico, articulada à dimensão real da pulsão na condição de gozo. Extraímos a hipótese de que a agressividade, como a paranoia constituinte do eu, permite lançar o sujeito no circuito pulsional, fazendo, ou não, o traçado do ato.

CAPÍTULO 3 – O TRAÇADO DO ATO E A PULSÃO

Dessa forma, seguimos o *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964/1988), no qual Lacan trabalha o conceito de pulsão como o traçado do ato e demarca o campo narcísico e o campo pulsional. Articulamos o sadomasoquismo à atividade da pulsão para, posteriormente, verificar, na clínica, os efeitos da transferência a fim de construir um mínimo trajeto para a pulsão. Utilizamos-nos de outras vinhetas clínicas para trabalhar as estratificações das manifestações agressivas, visando à precisão na distinção entre elas, e as operações clínicas possíveis no manejo da agressividade.

3.1 O campo narcísico e o campo pulsional

Em 1964, Lacan defende a existência de uma única pulsão, a de morte, opondo-se à concepção dualista de Freud. Miller (2005) e Guillot (2014) observam que, em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964/1988), Lacan faz um giro na teoria em sua tentativa de pensar a libido freudiana, antes trabalhada pela via do imaginário e do simbólico, e recorre ao registro do real. A libido narcísica ganha um valor de vida e um valor de morte, e é articulada à dimensão de gozo da pulsão de morte.

Guillot (2014, p. 14) assinala que, no giro feito quando Lacan postula a existência de uma única pulsão, ele a divide em duas dimensões, significante e gozo: a primeira referindo-se à pulsão de morte, que se antecipa no registro simbólico, e a segunda, à vertente libidinal do gozo, que caminha rumo à morte no registro real. No entanto, o autor observa que no percurso lacaniano “a agressividade não aparece mais como um conceito central para dar conta da pulsão de morte; ela aparece como uma consequência lógica da gênese do eu”.

Ora, se Lacan (1948/1998b) postula que a gênese do eu inclui componentes eróticos e agressivos, podemos dizer que a agressividade é uma consequência da mistura de uma libido positiva e uma negativa, mesclando gozo e linguagem. A agressividade seria o movimento que enlaça as duas dimensões da pulsão? Será que ela liga a dimensão significante como intenção de significação, na parte da libido ligada a uma representação no simbólico, com a dimensão de gozo como tendência, na parte de libido que restou fora da simbolização no campo do real?

No primeiro capítulo, trabalhamos a agressividade no simbólico e localizamos a pulsão de morte como incidência do significante fálico. Depois, a agressividade no real pelo viés de *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960/1997), que situa a pulsão de morte como o gozo impossível de *das Ding*. Desse modo, podemos associar a agressividade consoante com

intenção de agressão, trabalhada por Lacan (1948/1998b, pp. 106 e 112) na sua *Tese II*, na qualidade de intenção de significação quando ela se entrelaça à pulsão de morte sob a incidência do significante. E equivaler a agressividade conforme tendência à identificação narcísica, trabalhada na *Tese IV*, ao gozo impossível, quando ela segue a pulsão de morte na ultrapassagem da barreira do prazer colocando a vida em perigo. Como consequência da gênese do eu, a agressividade seria um passo à frente, no qual ocorre a mesclagem da dimensão significante com a dimensão de gozo?

De acordo com Lacan (1964/1988) só existe uma pulsão que busca a satisfação de forma paradoxal, pois a pulsão sexual inclui a dimensão da morte. “Explico assim a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, e concilio as duas faces da pulsão — que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte” (p. 188). Com essa nova concepção do campo da pulsão questionamo-nos se a forma paradoxal de satisfação pulsional incluiria a sexualização da libido narcísica.

Em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964/1988), a repetição é situada no coração do funcionamento pulsional, como a insistência da pulsão em reencontrar o objeto perdido, uma vez que a mesma o contorna sem jamais atingi-lo. Para entender a questão do objeto na pulsão, recorreremos à sua origem. Como Lacan aponta, em *O Seminário 11*, p. 180, os objetos existem precocemente na vida da criança e o próprio autoerotismo de Freud deve ser entendido como o critério de surgimento e repartição dos objetos. O autor retoma a função do narcisismo, estrutura na qual Freud funda o amor a partir de três tempos lógicos: real, econômico e biológico, diferenciando-a do campo da pulsão.

Assim, no aparelho psíquico, definido de saída num estágio denominado de autoerótico, o eu real, *Real-Ich*, filtra os estímulos externos de acordo com o que interessa e o que é indiferente. Num segundo tempo, o econômico, o *Lust-Ich*, eu prazer, opõe o que dá prazer ao que dá desprazer, e se instaura num campo exterior ao *Real-Ich*. Nesse nível do *Ich*, os objetos fonte de prazer são bons para o eu e por isso amáveis; os objetos do campo do *Unlust*, do indiferente, são estranhos, restam como o que é bom de conhecer. O outro campo é o do *Hassen*, do ódio, que é intimamente enlaçado com o conhecimento do que é estranho.

O nível do *Real-Ich* e do *Lust-Ich* é considerado não pulsional, ponto onde Freud funda o amor, o campo narcísico, sendo justamente no tempo do biológico que “amar-ser amado” ganha a forma própria da oposição atividade-passividade.

Tudo que é assim definido no nível do *Ich* só toma valor sexual, só passa da *Erhaltungstrieb*, da conservação, ao *Sexualtrieb*, em função da apropriação de

cada um desses campos, sua apreensão por uma das pulsões parciais. Freud diz propriamente que *Vorhangung des Wesentlichen*, para tirar aqui o essencial, é de maneira puramente passiva, não pulsional, que o sujeito registra as *äusseren Reize*, o que vem do mundo exterior. Sua atividade só vem *gegen die äussere Reize durch seine eigenen Triebe*, suas próprias pulsões. Trata-se aqui da diversidade das pulsões parciais. É a isto que somos levados no terceiro nível que ele faz intervir, da atividade-passividade (Lacan, 1964/1988, p. 181)⁴⁰.

O valor sexual se insere no *Ich*, ou seja, no campo narcísico, à medida que uma das pulsões parciais se apropria da possibilidade de conhecimento dos objetos do mundo externo, da escolha, do discernimento e até das representações que tem deles. Enquanto o registro do que vem do mundo externo ocorre de maneira passiva e não pulsional pelo *Ich*, a atividade do sujeito somente ocorre contra os estímulos externos por meio de suas próprias pulsões parciais. Dessa maneira, do nível biológico derivado do amar-ser amado, decorrem as diversas pulsões parciais, que introduzem o terreno que diz respeito à relação sexual. O autor considera que essa forma própria do amar-ser amado como oposição atividade-passividade, refere-se a uma “injeção” de sadomasoquismo, se bem que nos advertindo que, diante do insondável da diferença sexual, o par atividade-passividade não a esgota nem designa a realização sexual (Lacan, 1964/1988, p. 182).

Como entender isso que se injeta? Quando Lacan (1964/1988, p. 161) trabalha a desmontagem da pulsão, explica que não podemos dizer, como o fez Freud, que a exibição é o contrário do voyeurismo e que o masoquismo é o contrário do sadismo. O par atividade-passividade apenas designa o suporte, o artifício que nos permite entender a *Verkehrung*, reversão fundamental da pulsão, o caráter circular de seu movimento de vaivém. Eis aí o traçado do ato, a essência da pulsão. Mas, quando Lacan diz que a atividade da pulsão só ocorre contra o mundo externo por meio das pulsões parciais, qual atividade está em jogo na pulsão?

Para o autor, quando Freud ilustra a *Verkehrung* da pulsão ele recorre à *Schaulust*, alegria de ver, e ao sadomasoquismo. Este último ele nomeia por uma junção dos termos sadismo e masoquismo, e essa junção demarca a existência de um terceiro tempo na pulsão, e não dois, que seriam agora: ativo, passivo e reflexivo (Lacan, 1964/1988, p. 169). No par exibicionismo-voyeurismo, a atividade da pulsão propriamente dita não está nos dois polos, o verbo “ver” e “ser visto”, mas se situa no terceiro tempo que é o “se fazer ver” (Lacan,

⁴⁰*Erhaltungstrieb* (unidade de conservação), *Vorhangung des Wesentlichen* (tirar o substancial), *äusseren Reize* (estímulos externos), *gegen die äussere Reize durch seine eigenen Triebe*, (contra os estímulos externos através de suas próprias pulsões). Tradução feita pela autora da dissertação.

1964/1988, p. 184). E no movimento de busca de satisfação, qual é a finalidade dessa atividade da pulsão, do se fazer?

Ao exercer sua atividade, isto é, no movimento de retorno do circuito pulsional — o terceiro tempo —, a pulsão atinge sua finalidade que é obter seu modo singular de satisfação. Mas só é possível a concretização daquilo que é a função da pulsão, a saber, “atingir seu tipo próprio de satisfação” quando ela faz aparecer um novo sujeito ao se instalar no nível do outro (Lacan, 1964/1988, p. 158).

É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece — mas também *por não aparecer*, - num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim — não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão (Lacan, 1964/1988, p. 169).

E como o sujeito atinge seu tipo próprio de satisfação? Em referência aos termos da pulsão vistos no primeiro capítulo — *Drang*, a tendência à descarga; *Quelle*, a fonte; *Objekt*, o objeto e o *Ziel*, o alvo —, Lacan apresenta dois sentidos referidos ao alvo. Para tal, ele se utiliza da língua inglesa e distingue o *Aim*, que diz respeito ao trajeto específico pelo qual a pulsão deve fazer seu caminho, do *Goal*, que é o atingimento do alvo (p. 170). Pois, a pulsão parcial tem como alvo justamente o retorno em circuito, retirando a satisfação por meio do trajeto que ela faz, o *Aim*, e não pela realização de sua finalidade biológica (Lacan, 1964/1988, p. 170).

Dessa maneira, no que tange à função da pulsão como atingimento do tipo próprio de satisfação, condicionada ao aparecimento do sujeito no nível do outro, Lacan a diferencia da satisfação do autoerotismo, que é o fechamento da satisfação sobre a zona erógena do corpo, ilustrada por Freud com a metáfora da boca que se beijaria a si mesma (p. 170). Na pulsão oral, a satisfação não está condicionada à finalidade biológica de saciar a fome pelo alimento, visto que nenhum objeto da necessidade satisfaz a exigência pulsional (Lacan, 1964/1988, p. 159). Indagamo-nos, o fechamento da satisfação sobre a zona erógena seria um curto-circuito pulsional, uma vez que daria acesso ao despedaçamento original do corpo como o objeto real da pulsão? Será que, nesse caso, a pulsão não cumpre sua função, de tal modo que, ao invés de um traçado que faz contorno no objeto *a* faltante no campo do outro, teríamos uma passagem ao ato? Para isso é preciso definir qual é o objeto da pulsão.

O que força a distinguir essa satisfação do puro e simples autoerotismo da zona erógena, é esse objeto que confundimos muito frequentemente com

aquilo sobre o quê a pulsão se refecha – este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo. O objeto *a* minúsculo não é a origem da pulsão oral. Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante (Lacan, 1964/1988, p. 170).

Podemos dizer, com Lacan, que o objeto da pulsão é justamente o vazio, deixado pela falta que causou o desejo. O autor designa o objeto da pulsão oral como sendo o seio, algo que é separado do sujeito, e, todavia, lhe pertence (p. 185). Não se trata aí do campo da necessidade, do alimento em si, mas aquilo que representa e simboliza “o mais profundo objeto perdido”, que outrora foi parte de si mesmo (Lacan, 1964/1988, p. 197). A placenta pode bem figurar esse mais profundo objeto que se perde ao nascer, mas Lacan vai dizer que, de fato, o que é extraído é a libido⁴¹. E aplica a mesma fórmula aos outros objetos *a* da pulsão, definíveis como formas figuradas, equivalentes à libido que é subtraída ao ser vivo, ou seja, o seio, as fezes, o olhar e a voz.

A libido se insere por meio de um dos orifícios do corpo, pela sua borda, à medida que eles estejam ligados à abertura e fechamento do Inconsciente na forma da zona erógena. Esse é o modo como o sujeito se evoca no campo do Outro, dado que nasce dividido pela morte significante, mas, ao mesmo tempo, marcado pela presença da sexualidade inconsciente. Somente com um suporte para a pulsão sexual, via objeto *a* como extraído, o sujeito no campo da pulsão pode entrar em conjunção com “o sujeito tal como ele se evoca no campo do Outro” (p. 188).

Então, deduzimos que, pela via da fantasia, $\$ \langle \rangle a$, o sujeito se evoca no campo do Outro, através do objeto *a*, causa de desejo, e por esse meio se articula com o sujeito no campo da pulsão pela via da castração, na forma da presença invisível desse objeto específico. O objeto *a* indica o modo de gozo do sujeito para evocar o Outro em seu campo por meio de um “se fazer” absolutamente singular. Já que a libido em si é um órgão que não existe, é somente na forma do objeto *a* que ela pode ser extraída do campo do Outro. Nessa atividade encontramos a reversão da pulsão.

Mas como o objeto é subtraído? Se a função da pulsão concerne ao aparecimento do sujeito no nível do outro, é porque “nesse reviramento que representa seu bolso, a pulsão,

⁴¹ Cf. Lacan, 1964/1988, p. 186. Ele se utiliza do mito da lâmina para ilustrar a libido. A lâmina é um organismo imortal, “extra chato”, que sobrevive a qualquer divisão e se desloca como ameba. O autor relaciona a lâmina à qualidade de um órgão que não existe, como algo que o ser sexuado perde na sexualidade. Esse órgão é a libido, “enquanto puro instinto de vida, [...] vida imortal, de vida irrepreensível, de vida que não precisa, ela, de nenhum órgão, de vida simplificada e indestrutível”.

invaginando-se através da zona erógena está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez responde no Outro(?)” (Lacan, 1964/1988, p. 185). De tal forma que o seu movimento circular, que sai pela borda erógena, faz contorno do objeto *a* e retorna à borda como seu alvo (p. 183), é considerado um “movimento de apelo” por onde o sujeito tem de alcançar a dimensão do Outro (pp.183-185). É na proporção que intervém algo que não é do campo pulsional, mas pertence ao campo do Inconsciente, através da demanda do Outro, que se instaura a função de um certo objeto, na forma de objeto perdido, e ocorre a passagem de uma pulsão para outra. Isso posto, o estatuto do objeto *a*, presente nas pulsões oral, anal, escópica e invocante, é justamente a busca do seio, das fezes, do olhar e da voz, ausentes no campo do Outro. Concluimos que o objeto *a*, em si, surge como pura ausência, uma vez que foi extraído a partir da relação com o Outro.

3.2 O sadomasoquismo e a atividade da pulsão

Bom, é preciso entender qual é a atividade própria da pulsão, e, para tal, diferenciar os objetos na teoria. Voltemos à distinção que Lacan sublinha entre o campo narcísico e o campo pulsional. No campo do narcisismo, o *Real-Ich*, dessexualizado, depende do princípio do prazer “não acossado pela pulsão”, como o critério de repartição dos objetos (Lacan, 1964/1988, p.175). Visto que o amor é “*querer seu bem para si*” (p. 181), o *Ich* escolhe objetos bons para ele, desse modo, o objeto de prazer é mirado no eu como imagem em espelho. Ou seja, o objeto de amor é aquilo que “no *Ich*, se satisfaz com o objeto enquanto *Lust*” (p. 227), havendo reciprocidade entre amar e ser amado. Por isso, o amar-se através do outro instaura uma inércia.

Já o campo pulsional não se reduz à reciprocidade do par atividade-passividade, dado que o objeto da pulsão não se limita “ao campo do *Lust*, às imagens dos objetos benéficos, benfeitores, favoráveis, encontramos um certo tipo de objetos que, no final das contas, não podem servir para nada”, e a pulsão gira justamente em torno deles (Lacan, 1964/1988, p. 228). Mas no vaivém do seu movimento circular, ela revela uma heterogeneidade da ida e da volta. Nessa “hiância” em três tempos, revela-se a estrutura fundamental da pulsão que é atividade. Ora, a atividade própria da pulsão parcial está concentrada no modo singular pelo qual o sujeito busca um certo objeto *a*, perdido no campo do outro. “A atividade da pulsão se concentra nesse *se fazer*, e é reportando ao campo das outras pulsões que poderemos ter alguma luz” (Lacan, 1964/1988, p.184).

Segundo Vidal (2012), e como vimos na fantasia *Uma criança é espancada* e no texto *O problema econômico do masoquismo*, Freud articula o lugar do pai a um resíduo do

masoquismo originário em todas as fases libidinais. A fantasia de ser devorado, maltratado, castrado ou copulado pelo pai denuncia o movimento de retorno da pulsão quando o sujeito se faz objeto de uma vontade alheia. O gozo do pai fornece consistência ao Outro desconhecido. O par antagônico *Gegensatzpaar*, sadomasoquismo, ilustra o movimento pulsional do se fazer, na forma pronominal do infinitivo, no qual uma pessoa alheia vem ocupar o lugar do sujeito.

Assim, cada uma das pulsões parciais realiza o contorno gramatical do objeto perdido do gozo (seio, fezes, olhar e voz) comportando, em sua satisfação, o gozo virtualmente masoquista de fazer-se objeto do Outro. Daí podemos depreender que o sadomasoquismo é a própria atividade da pulsão, seja no “fazer-se comer”, “fazer-se cagar”, “fazer-se olhar” ou no “fazer-se ouvir”. O autor demarca que, quando Freud trabalha os destinos de uma pulsão, o caso do par sadomasoquismo não se define por uma ação complementar, mas por um modo de oposição na mutação de ativo em passivo, no qual o destino converte ao contrário e volta à própria pessoa. Há um ponto de virada que produz mudança de rumo no trajeto da pulsão. “O enlace dos dois destinos determina o movimento que se realiza quando, enganchado ao Outro em cuja direção parte, efetua nesse campo o retorno, isto é, constitui o ponto de giro a partir do qual se orienta contra a própria pessoa” (Vidal, 2012, p. 135).

Em um primeiro tempo, que implica um sujeito acéfalo, a pulsão parte de uma satisfação autoerótica parcial em função de um objeto específico perdido e aciona um poder contra o outro, constituído em objeto alheio. Estamos no estádio do espelho, quando do esforço da criança para tornar-se senhor dos próprios membros e o objeto vem fornecer a imagem de domínio. Vidal verifica aí a precedência lógica do sadismo pelo campo do Outro, embora ele ainda não tenha valor de gozo. Vidal extrai de Freud a afirmação que o sadismo introduz o “primeiro grau narcisista construído” e constitui a fonte de órgão da pulsão capaz de uma ação que visa ao objeto alheio e ao próprio corpo simultaneamente (p. 135). Seriam as ações sugar, cagar, ver e ouvir.

No momento seguinte, quando o trajeto da pulsão faz sua guinada contra a própria pessoa, ocorre a mutação de ativo em passivo, e o sujeito aparece no término da pulsão, como ser de objeto. Nesse percurso, o objeto é perdido no campo do Outro, mas, justamente no lugar vazio deixado por ele, o sujeito se constitui. O retorno da pulsão ocorre no corpo próprio, no mesmo ponto de onde partiu, fechando o circuito na fonte de órgão, ou seja, ser sugado, ser cagado, ser visto, ser ouvido são as formas do sujeito substituir-se à falta do objeto. Somente no terceiro tempo temos a satisfação masoquista por excelência, na qual o sujeito, identificado com o objeto perdido, procura o gozo. Como? “o sujeito solicita a ação do Outro e implica sua

divisão em ato (fazer-se), em prol de um gozo que força a barreira do princípio do prazer” (Vidal, 2012, p. 136).

No primeiro tempo, ele articula o campo narcísico com o campo pulsional, ao analisar o sadismo. Uma vez que o masoquismo se encontra no circuito da satisfação pulsional, a tendência do aparelho psíquico caminha em direção à morte, o que se torna um perigo para a vida. “O sadismo seria o caminho proporcionado por Eros para facilitar a expulsão” da pulsão de morte fora do eu, seria o primeiro grau narcisista construído porque fornece “uma direção para pulsão e possibilita o enlace necessário com um objeto exterior” (Vidal, 2012, p. 137). Porém, o autor adverte que uma distinção é necessária com relação ao estatuto do gozo:

O sadismo é originário em seu endereçamento ao Outro mas não integra nenhuma finalidade de causar dor, nem mesmo de gozar com o sofrimento. Só o masoquismo introduz essa dimensão da satisfação, ou seja, um valor de gozo para o sujeito. Ele será nomeado gozo somente quando a dor tenha sido experimentada pelo próprio sujeito, evocando um estímulo sexual concomitante. O masoquismo seria “originário” em relação ao gozo. O sadismo, como vontade de gozar com a dor de um Outro, supõe o tempo prévio de uma identificação masoquista do sujeito com o objeto ao qual se inflige a crueldade. (Vidal, 2012, pp.136-137).

Entretanto, no *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964/1988), Lacan, em consonância com Freud, distingue o campo do amor do campo da pulsão, pois o sujeito que está no terceiro tempo não é o mesmo do primeiro, e quando o outro entra em jogo, introduz-se a possibilidade da dor sofrida por aquele que se tornou o sujeito da pulsão. Com a repetição situada no coração do funcionamento pulsional, Lacan nos remete ao além do princípio do prazer freudiano, colocando a pulsão parcial como a única forma de transgressão ao princípio do prazer que se permite ao sujeito (p. 174). Nesse sentido, o sadismo é apenas a denegação do masoquismo ao revelar o que o masoquismo oculta, o objetivo sádico em relação ao eu. Para Lacan, o exercício de uma pulsão, mesmo em sua pretensa fase passiva, implica fundamentalmente pura atividade para o sujeito por meio de suas próprias pulsões (p. 189). Desse modo, depreendemos que sempre há atividade pulsional, mas o que definirá seu trajeto em direção ao princípio do prazer, ou para além, é sua passagem pelo campo do Outro.

Perguntamo-nos se a agressividade equivale ao “primeiro grau narcisista construído” que torna possível existir o desenho do traçado pulsional, articulando o despedaçamento original do corpo, a “esquize” da imagem do eu e o objeto... A pulsão agressiva poderia se equivaler à atividade pulsional do sadismo, como “movimento de apelo” ao Outro (Lacan, 1964/1988, p. 185)? Aqui recorreremos ao *capítulo XXIV do Seminário 8, A Transferência*,

quando o autor trata da identificação por um traço unário. Partindo do narcisismo original, inicialmente o sujeito inclui o objeto primordial na “esfera narcísica” à qual a criança se identifica. Considerada como a “mônada primitiva do gozo”, essa esfera é fonte do que obriga o sujeito a sair do seu “auto-envolvimento narcísico” (Lacan, 1960/1961/1991, p.337). Nesse ponto, Lacan infere que é pela pulsão de agressão que se coloca a diferenciação de um objeto imperativo, interditor, conflitual, que, se for interiorizado, ele entra na esfera que é investida suficientemente pelo narcisismo como Ideal do eu. E só assim ele pode ser reprojetoado sobre um objeto, e caso este seja favorável, será causa de investimento amoroso (pp.338-339)

A temática do estádio do espelho permite localizar os pontos de cruzamento do campo narcísico com o campo pulsional pela repetição da “possibilidade sempre aberta ao sujeito, de um auto-quebramento, de um auto-dilaceramento, de uma auto-mordida, diante daquilo que é ao mesmo tempo ele e um outro” (p.341). Nesse cruzamento encontramos a dimensão de um conflito insolúvel, ou ele tolera “o outro como uma imagem insuportável, que o arrebatava de si mesmo”, ou dilacera-o imediatamente para “inverter, anular a posição à frente, a fim de conservar aquilo que é, naquele momento, centro e pulsão de seu ser, evocado pela imagem do outro, seja esta especular ou encarnada. O laço entre a imagem e a agressividade é, aqui, inteiramente articulável (p.341).

Pois, diante do movimento de apelo da criança, seja para buscar acordo ou testemunho, a função essencial do Outro é sustentar a identificação com a imagem especular desejável e destruidora ao mesmo tempo pelo *einzigster Zug*, traço unário. Um ponto do Outro, um traço apenas é interiorizado como um signo, “signo do assentimento do Outro, da escolha de amor sobre a qual o sujeito pode operar” (p.344), referência original ao Outro na relação narcísica. Por isso a satisfação narcísica, fonte de uma projeção imaginária, o eu ideal, depende da possibilidade de referência a esse signo primordial de introjeção simbólica, o Ideal do eu.

Se é por intermédio da parcialidade das pulsões que a sexualidade exerce sua atividade própria, no movimento de retorno, a pulsão agressiva retornaria como masoquismo, marcando no corpo do sujeito a zona erógena na qual o objeto se fez perdido no campo do Outro? Do lado do sujeito, se não tem agressividade, não há traçado em torno de um objeto no campo do Outro e sim curto-circuito da pulsão, agressão e silêncio. Do lado do Outro, se ele não existe para fornecer o primeiro significante que representaria o sujeito, também teríamos um curto-circuito. E se o Outro se apresentar consistente, possuidor do objeto, teríamos passagem ao ato de arrancar o objeto do Outro, como exposto no crime das Irmãs Papin.

3.3 A estrutura fundamental do ato na clínica psicanalítica

Para verificar essa articulação da agressividade, como estrutura paranoica do eu, com o campo pulsional, num movimento de apelo ao Outro, faz-se necessário estabelecer, a partir da clínica lacaniana, a diferença entre agressividade, agressão e violência, e retomar na clínica psicanalítica os conceitos de *kakon*, passagem ao ato e *acting out*. Para tal, servimo-nos de outra vinheta clínica na tentativa de estratificar as manifestações agressivas.

3.3.1 Agressividade, agressão e violência

Um ponto importante a esclarecer sobre o conceito que estamos trabalhando nesta pesquisa refere-se aos termos agressividade, agressão e violência que, geralmente, são usados sem precisão conceitual. Tanto Freud como Lacan abordam a agressividade com objetivos conceituais. Freud desdobra-a em agressão, dominação e destruição. Como visto no capítulo 1, a agressividade é situada no terreno da libido humana, e conceituada como a base da constituição do eu e da relação com seus objetos. Em seu *Seminário, livro 5: As formações do Inconsciente* (1957-1958/1998e), Lacan trabalha a distinção entre agressividade e violência. Ele considera a primeira como um termo ainda marcado pela ambiguidade, mas articulado, na teoria, a algo provocado na relação imaginária. Essa relação se instaura com a projeção da imagem, porém se inscreve na linguagem por meio da estrutura da fala como articulação significativa.

Lacan avalia que, quando a agressividade chega a ser simbolizada, ela se estabelece no inconsciente do sujeito mediante o recalque. Nesse caso, o que ficou latente da relação de exclusão imaginária do semelhante pode ser analisado e interpretado, uma vez que está na estrutura da fala. Há agressividade, mas, com a mediação simbólica, a palavra pode ser acionada para expressar a agressividade, e ela não precisa ser atuada. Do ponto de vista da agressividade, a palavra abre para sublimar a pulsão. Entretanto, conforme investigação de Ferrari (2006), como a agressividade está vinculada à estrutura do eu, ela assume caráter permanente como a paranoia estrutural do homem, e, desta forma, “a relação com o outro é fundamentalmente agressiva, ainda que sublimada” (p. 56). A marca da relação agressiva original com o outro fica na subjetividade, pois não há agressividade sem identificação nem identificação sem agressividade

Sobre a violência, Lacan (1957-1958/1998e, p. 471) postula ser “o que há de essencial na agressão”, o contrário da fala, ou seja, na violência não há fala. Portanto, ele sinaliza a

impossibilidade de a violência ser recalcada, já que, pela ausência da fala, não pode entrar na estrutura significante. Ela é precisamente o ponto de desaparecimento da palavra; para Lacan a contraposição da violência é a palavra. Ferrari, em seu artigo *Agressividade e violência* (2006, p. 58), constata que o termo violência não chega a adquirir estatuto de um conceito em psicanálise, mas que “Lacan demarca uma violência que supõe ato de agredir diante do impossível de dizer, supõe possibilidades de passagem ao ato, curto-circuito da palavra, retornando, no real, o gozo que escapa ao sentido”.

A autora ainda esclarece que Lacan não adentrou na confusão que fez Freud entre agressividade e destrutividade, uma vez que destaca que, na própria estrutura da linguagem, o simbólico implica que o sujeito sacrifique algo de si. A concepção do falo e da operação simbólica de castração vivifica e pacifica, ao mesmo tempo que agride e gera agressividade, já que o princípio do simbólico é instaurar uma ordem universal. Ferrari (2006) lembra que Lacan recorre ao texto *Totem e tabu* (1913/1974a) freudiano e indaga sobre uma violência que está na base do laço social, um ato simbólico que supõe uma violência ao real.

Há então uma violência onde o que se viola é uma ordem estabelecida, seja ela considerada da ordem da natureza ou da civilização. Pensá-la de forma simbólica é considerar a violência da própria linguagem sobre o vivente que, ao nascer, encontra o Outro do discurso (Ferrari, 2006, p. 59)

Dessa maneira, na lógica da entrada do vivente na linguagem, pode-se falar em uma violência que institui a subjetividade a partir da pulsão no real do vivo sexuado, e uma violência que institui a ordem no laço social a partir do discurso na morte simbólica.

Já que violência foi equiparada à essência da agressão, retomamos o momento em que Lacan (1953-1954/1986) faz a distinção dessa última com agressividade. Ele adverte que fazemos um uso brutal da noção de agressividade e que se torna necessário aprofundar-se nisso, isto é, que agressividade nada tem a ver com agressão. A agressão é um ato existencial ligado a uma relação imaginária. “É no limite, virtualmente, que a agressividade se resolve em agressão” (p. 205). Esse limite estaria situado no que Lacan denominou “jogo de balança”, que ocorre entre a projeção da imagem e sua “reintrojeção” e a projeção do desejo e sua “reintrojeção” como desejo do outro. Para ele, essa balança seria um jogo em espelho que não se dá uma vez apenas, mas se produz no nível da repetição.

Nós nos questionamos se esse jogo de balança representa o movimento dinâmico da barreira do princípio do prazer, como limite ao gozo como o mal, a dor e o feio. A ultrapassagem dessa barreira conduz à agressão, no sentido da morte e da destruição, à medida que vai em

direção ao objeto real da pulsão. Na neurose, a castração promove a falicização do objeto que instaura o desejo e, com ele, o enquadre da fantasia funcionando como um véu. Se este véu é retirado, causa o horror. Na perversão também existe uma montagem da fantasia ligada à castração. Inferimos que na psicose a relação do sujeito com o objeto parcial se dá por uma apreensão direta, desse jeito a dimensão pulsional do gozo se apresenta de maneira mais crua e sem um traçado. A ausência da barreira da fantasia e do desejo instaura um “sem limite” em direção ao gozo e dá acesso a um objeto não recoberto pela imagem fálica. O manejo possível da agressão ocorre pelo jogo de balança que regula a distância do sujeito ao gozo.

Concluimos que, mesmo que o termo agressividade, como a inércia do imaginário, desapareça na obra, quando a agressividade entra em movimento podemos dizer que ela adquire peso conceitual, pois implica a presença e a atividade da pulsão agressiva como o núcleo paranoico do eu.

3.3.2 O caso Otto e o Patati Patatá

Passamos ao relato de um caso publicado numa revista de São Paulo, *Estilos da Clínica*, considerando que se trata de um caso da atualidade. Damos um salto de 1933 para 2010, destacando semelhanças e diferenças na questão da dinâmica paranoica dos atos agressivos em relação às Irmãs Papin. Sabemos que muitas mudanças na cultura, na ciência e nas políticas de atendimento ocorreram nesse intervalo, e, para além da querela diagnóstica, o primeiro ponto que nos interessa é o fato de o paciente ter acessado os dispositivos de assistência desde sua adolescência. Orientadas pela psicanálise aplicada, logo na introdução do artigo, Loures e Fernandes (2015) ressaltam a soberania da clínica sob transferência para possibilitar alguma via de tratamento e obtenção de efeitos terapêuticos. Assim, em relação às irmãs Papin, a diferença fundamental é que nos servimos agora de um caso clínico construído em uma escuta psicanalítica e atendido em instituição pública por uma equipe multidisciplinar.

Considerado um caso intratável, aos 18 anos Otto chega para atendimento marcado por um histórico de significativos atos agressivos dirigidos a professores, familiares e médicos desde a adolescência. Em decorrência desses atos, foi expulso da escola, recebeu alta administrativa de uma instituição psiquiátrica, tendo sido internado em um hospital psiquiátrico aos 16 anos após ferir gravemente os olhos de uma médica. Vislumbramos nesse caso um sintoma social da nossa época, em que, precocemente, os adolescentes são inseridos num circuito de instituições.

Otto foi abandonado pela mãe biológica aos seis anos de idade, após o rompimento afetivo dela com sua mãe de criação. Estabeleceu-se, então, uma relação ambígua entre ele e a mãe de criação, que designaremos “mãe”. Segundo Loures e Fernandes (2015, p. 289), “ela oscilava entre uma superproteção que o infantilizava — na qual inexistiam limites e o cuidado passava pelo campo das necessidades físicas — e uma impotência que o expulsava, delegando o cuidado dele para ao Estado”. Fruto de uma traição, a mãe tomava o filho como um objeto que lhe restou do relacionamento amoroso, ora colocando-o, ora retirando-o das instituições. Aqui percebemos uma aproximação com o caso das irmãs Papin em relação à posição materna, dado que, embora a mãe desejasse o domínio do filho, sentia-se impotente para criá-lo.

Tentaremos nos ater às construções feitas sob tratamento, na esperança de lançar alguma outra luz sobre as operações terapêuticas possíveis frente à clínica da agressão. Na primeira passagem pelo serviço, sua chegada foi marcada por uma pulsão oral desregrada. Não aceitando negativas, quebrou o frigorífico de um açougue por um pedaço de carne, e o balcão térmico da Instituição por mais um prato de comida. Percebemos aqui uma atividade pulsional em direção a um para além, sem passar pelo Outro da linguagem, produzindo um encontro mortífero com o objeto real. Agrediu o açougueiro e ameaçou de morte seu psiquiatra. Interpelado, reproduzia a solução materna: “Quero alta ou vir todos os dias” (Loures & Fernandes, 2015, p. 288). Chegou a receber alta, a pedido de sua mãe.

Em seu retorno, inúmeros atos agressivos, com novas ameaças, precipitaram a solicitação de uma supervisão clínica de orientação psicanalítica. Se bem que nenhum fenômeno elementar tenha sido relatado, extraiu-se da supervisão “elementos que indicavam um diagnóstico de psicose: sua posição persecutória e a fixação em rádios”, como também podemos deduzir a presença de um transitivismo ao atribuir ao outro, atos que o próprio Otto praticou (Loures & Fernandes, 2015, p. 289). Ele se queixava que de nada adiantava conversar com a família, porque sempre sofria acusações relativas ao sumiço ou a quebra de objetos em sua casa. Logo perguntou se seria expulso.

Em atendimento, ele constrói algumas versões para a sua origem. Primeiro dizia que sua mãe biológica era ladra e usava drogas, depois que foi criado pela sua mãe desde bebê, quando o marido dela impôs uma escolha entre os dois, tendo a mãe ficado com Otto. Por fim, quando passou a produzir cartas com a analista, dizia que, diante da possibilidade de ser adotado por outra mulher, sua mãe “entrou na frente e pegou-o para criar” (Loures & Fernandes, 2015, p. 289). Nessa atmosfera de relações em pares, esboçava-se um delírio de ciúme, causando uma tensão, por parte de Otto, no relacionamento da mãe com sua atual companheira. Na parceria com a mãe, reações em espelho eram respostas ao lugar onde o outro materno o colocava:

agressões, roubos, destruição e estragos se repetiam pela simples lembrança de refeições anteriores.

Dessa forma, Loures e Fernandes (2015) descrevem o manejo possível da relação imaginária maciça pelo estabelecimento, na direção do tratamento, de uma distância mínima entre Otto e a mãe, tentando fazer que o outro ficasse menos consistente. Uma intervenção direta sobre a tensão doméstica, causada pelo ciúme da companheira da mãe, foi a mudança de Otto para um cômodo na parte inferior da casa. Além disso, era necessário que a situação de segregação não se reproduzisse na Instituição, pois a mãe oscilava entre ficar com ele ou pedir que fosse internado; assim, na estratégia de abordagem, foi acionado um serviço externo para um trabalho junto à família e comunidade. O técnico do referido serviço encontrou Otto na casa de seu bairro e, junto com algumas crianças, propôs a construção de um brinquedo.

Otto escolheu a confecção de um “vai e vem”, que consiste “em uma bola oval atravessada por duas cordas, onde duas pessoas coordenam a abertura e fechamento das cordas, por onde a bola vai e vem” (p. 290). As autoras assinalam que a entrada desse “objeto construído” permitiu que Otto demarcasse um dentro e um fora da Instituição, permitindo que ele saísse da polaridade entre ficar todo dentro ou totalmente fora. Como efeito, ele passa a circular pela cidade, demandar atendimentos por conta própria, “era o sujeito aparecendo no ir e vir, como seu vai e vem” (Loures & Fernandes, 2015, p. 290).

Parece-nos que, com a entrada desse objeto, abre-se uma possibilidade de socialização que amplia a circulação de Otto e torna menos maciça a relação com a mãe e com a Instituição. Indagamo-nos qual estatuto teria esse objeto e o articulamos com a saída para o ciúme por identificação com a imagem do outro, aquela que o sujeito encontra o outro e o objeto simultaneamente (Lacan, 1938/2003a, p. 49). Desse modo, entendemos que ele próprio era esse objeto, permitindo uma simbolização mínima.

Ainda que Otto seja considerado um caso no qual prevaleça a tendência à agressão com uma precariedade simbólica, Loures e Fernandes (2015) chamam atenção para “a escuta da linguagem” como a operação clínica que permitiu a passagem para um tratamento possível. Ao acolher o modo singular de aparecimento do sujeito, surge uma posição infantilizada, mas que dá acesso à palavra. Por intermédio de fragmentos de programas infantis, trocadilhos, adivinhações, canções e jogos de memória que Otto trazia para as sessões, ele ia falando sobre sua vida. Percebe-se que a pulsão oral desregrada passa a ter um contorno, e as autoras assinalam como “elemento de ligação” o empréstimo da voz da analista nas sessões nas quais músicas eram cantadas em coro com ele. “Cantar apaziguava Otto que, paralelamente, falava dos seus rádios” (p. 291).

Foram mais de 12 que estragaram e, Otto esclarece, o defeito sempre ocorria no “aparelho de leitura”, o visor no qual o número da faixa de rádio ou de música aparece, permitindo-lhe localizar e escolher a estação ou a música desejada. De acordo com ele, o visor era arrancado ou apagado, e embora seja uma referência a uma coisa que se precisa ver e ler, sem o “aparelho de leitura” depreende-se que Otto não podia controlar ou modular a voz que vinha do rádio (p. 291). No caso não aparece relato de alucinações auditivas, mas deduzimos que essa mesma voz que apaziguava provavelmente o perturbava em outros momentos. O cantar o apaziguava porque lhe conferia a capacidade de modulação da voz independente do aparelho.

Nesse esforço de escuta, a operação clínica primordial foi dar a voz a Otto. Com isso ele demanda à analista a escrita de cartas para sua mãe, cartas de amor, de gratidão e de desculpas. Ao mesmo tempo, ele tenta providenciar, por conta própria, a compra de um “*microsystem*”, pedindo dinheiro na rua. Das várias cartas dirigidas à mãe, ele passa a uma “carta de apresentação” dirigida a várias pessoas desconhecidas na rua (p. 291). Nessa carta ele se identifica, situa suas origens como pessoa de família opondo-se à figura de ladrão e usuário de drogas. Esclarece o destino que seria dado ao dinheiro, o propósito da compra para acalmá-lo e dados da mãe para obter credibilidade. Perguntamo-nos: através desse objeto e da escrita Otto busca construir uma identificação mínima?

Com as cartas e os objetos, tais como o vai e vem, o *microsystem*, Cd’s de músicas e jogos, Otto circulava pela cidade e pela Instituição, fazendo laços. Há um deslocamento de um cenário familiar e institucional, calcado nas relações especulares, que desembocavam em atos agressivos, para um cenário social calcado em trocas e acordos. As autoras descrevem os Cd’s prediletos de Otto e a monotonia em que eles se repetiam, mas nos chama atenção um específico, que contém músicas de um programa de TV. Ele é composto de dois personagens, “Patati Patatá” que são dois palhaços idênticos, representando a figura do duplo na qual Otto se fixa. Entendemos que os objetos permitiram uma entrada mínima na linguagem, pois produziram um certo cruzamento do campo narcísico com o campo do Outro, de tal modo que o eixo imaginário fosse dilatado. O próprio vai e vem encena a distância mínima necessária entre duas pessoas para que o objeto possa se deslocar no movimento de fechamento e abertura da corda. Dessa forma, a agressividade mortífera, que provocava a segregação pela rivalidade imediata da exclusão “ou eu ou você”, é tratada com a entrada de um objeto socializável.

Entretanto, ao final do relato do caso, Loures e Fernandes (2015) interrogam a prática clínica em virtude de uma nova emergência do real traumático na equipe. Relatam uma cena na qual Otto demanda ser acolhido para passar a noite no serviço, o que lhe foi negado. “Diante da negativa, Otto atuou: deitou-se no meio da rua, foi atropelado e quebrou três costelas. Antes,

porém, colocou o *microsystem* no banco do ponto de ônibus” com a justificativa de evitar a quebra do mesmo (p. 291). Já dentro de uma relação transferencial, as autoras interpretam essa atitude autoagressiva como atuação dirigida ao Outro.

A irmãs Papin passam uma vida sem tratamento, amparadas numa identidade imaginária, e Christine desencadeia sua loucura após a passagem ao ato homicida. Otto inicia tratamento desde a adolescência devido a incessantes passagens ao ato dirigidas aos outros sendo internado também após agredir os olhos de uma médica e, quando busca construir uma identificação, atua à vista de uma reivindicação recusada pelo outro institucional.

No primeiro momento, o real insuportável da violência provocava a expulsão ou imersão integral na instituição. No segundo momento, o acolhimento e escuta do mínimo de linguagem produzida pelo sujeito permitiu uma flexibilização de sua permanência no serviço. Tem-se algo da ordem de uma exterioridade íntima e uma intimidade êxtima como um lugar possível para o sujeito. Mais à frente, essa escuta viabilizou o apaziguamento da agressividade pela via dos objetos como o vai e vem, o *microsystem* e os CD's, por exemplo (Loures & Fernandes, 2015, p. 293).

Podemos questionar qual a função desses objetos (o *microsystem* e seus Cd's) em permitir condensar e localizar um gozo que aparecia no outro imaginário, possibilitando uma entrada mínima na linguagem. Como efeito da escuta psicanalítica, Otto sai da condição do intratável para o tratável, dirige-se ao outro para demandar ser acolhido e pode fazer alguns laços. Nos parece que com a relação transferencial, estabelecida pela escuta do mínimo de linguagem, foi possível desenhar um trajeto pulsional em direção ao Outro. Indagamo-nos, qual estatuto podemos conferir à cena do atropelamento? Seria uma passagem ao ato? Seria um *acting out*? Veremos como se pode classificá-lo na seção que se segue.

3.3.3 *Kakon*, *acting out* e passagem ao ato

Um termo importante para se acompanhar a evolução da compreensão dos atos agressivos na clínica da psicose é *kakon*, palavra grega que significa desgraça, dor. Esse vocábulo foi extraído, pelo organicista Guiraud (1928/1994), de uma expressão utilizada pelos psiquiatras Monakow e Mourgue, que trabalharam na explicação de crises de violência gratuitas em conformidade com a concepção biologicista. Guiraud tenta explicar a lógica dos assassinatos imotivados dos hebefrênicos apoiando-se na clínica psicanalítica com o uso desse termo.

Guiraud (1928/1994) conta que Monakow e Mourage descrevem as crises de *kakon* caracterizadas por uma violenta agitação psicomotora que dura poucos minutos. O quadro é antecedido por um empalidecimento do paciente e pela sensação da necessidade de enfrentamento a um perigo iminente. O *kakon* estaria relacionado à gênese dos sentimentos de perseguição, em um mecanismo de projeção e aos sentimentos corporais de dor e mal-estar. O “ato liberador brusco” representa uma tendência que “não se exprimiu conscientemente, realizou-se por um ato de *curto-circuito* (satisfação direta de uma tendência, sem o estado de intelectualização)” (p. 88). O *kakon* seria um mecanismo de extração da doença, que invade o paciente como um mal, para o mundo externo. Contudo, o autor ressalta que essa tendência se realiza sem o conhecimento do próprio paciente e quase involuntariamente.

Lacan se serve da referência ao *kakon* em seu caso Aimée, como também o conferimos em seus textos *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946/1998a) e *A Agressividade em psicanálise* (1948/1998b), todavia, posteriormente o abandona. O que Lacan retira desse termo é, precisamente, o mecanismo dado pela “*agressão suicida do narcisismo*” e a noção de mal como o próprio ser do sujeito, ao qual “procura atingir no objeto que ele fere” (Lacan, 1946/1998a, p. 176), noção que, depois, se articularia ao conceito de gozo.

Outro conceito ligado à noção de agressividade é a passagem ao ato. Encontramos quatro formas de apresentação da passagem ao ato agressiva em Lacan: extração do mal como *kakon* e sob forma de autopunição, trabalhada por ele no caso Aimée; extração do objeto como cristalização hostil, no exemplo do crime das irmãs Papin. Dessa forma, o *kakon* se define como uma modalidade de passagem ao ato. Embora ela apareça em qualquer estrutura, na psicose a passagem ao ato é um efeito da forclusão. Carvalho (2014), em seu artigo *A passagem ao ato como resposta do real*, destaca uma prevalência do ato na psicose, que se manifesta como decorrente de três motivos: tentativa de extração de um mal-estar corporal no *kakon*, como conclusão de um argumento delirante, ou maneira de operar a castração no real, podendo ocorrer na origem da psicose ou no seu desencadeamento.

Lacan (1962-1963/2005) se utiliza dessa formulação “passagem ao ato” já presente na clínica psiquiátrica, mas a desenvolve a partir do termo freudiano *acting out* em seu *Seminário, livro 10: A angústia*. A noção de passagem ao ato estaria ligada a ações que apresentam caráter impulsivo, mal motivadas e que geralmente aparecem sob a forma auto ou heteroagressiva. A relação da angústia com essas ações vem da definição que Lacan faz do afeto de angústia como aquilo que não engana, dessa forma, o “Agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia” (p. 88). E no terreno do “agir”, Lacan separa *acting out* de passagem ao ato, vinculando a angústia ao primeiro, no sentido de uma evitação da mesma

pelo sintoma, e o objeto, ao segundo, devido a “uma identificação absoluta do sujeito com o *a* ao qual ele se reduz” na qual ele se antecipa à angústia propriamente dita (p. 125). Nesse *Seminário*, são duas modalidades de ato que se delineiam como manifestações agressivas: *acting out* e passagem ao ato.

No caso Otto, diante da angústia da demanda de pernoite recusada, ele atua buscando evitar o pior, caso não fosse acolhido. Já na cena em que ele quebra o balcão térmico do refeitório ou os seus próprios rádios, parece-nos que é algo do objeto oral ou do objeto voz que se faz presente em um encontro mortífero.

A principal elaboração de Lacan no *Seminário 10* (1962-1963/2005) foi o conceito de objeto *a* como efeito da operação de castração, produzindo um sujeito dividido. Para demonstrar, ele se utiliza do primeiro esquema da divisão do sujeito (p. 36). Face à experiência de gozo, o sujeito (S) faz um movimento em direção ao campo do Outro (A); neste campo, ele pode encontrar o significante do Nome-do-Pai que conjuga desejo e lei. O Nome-do-Pai, como representante da castração simbólica, produz um menos ao extrair do corpo o gozo imaginário experimentado. Então, se ocorre esse encontro, o resultado é a divisão do sujeito (\$) entre o significante (S₁) — que o representa para um outro significante (S₂) — e o objeto (*a*).



Figura 2 – Primeiro esquema da divisão
 Fonte: Lacan, 1962-1963/2005, 178

O objeto *a*, como perdido, como resto dessa operação de divisão, isto é, operação de castração, regula a relação com o Outro permitindo a entrada na ordem simbólica. Na neurose, com a extração do objeto ocorre a separação entre gozo e o Outro, e este último aparece barrado no campo do sujeito, fundando o inconsciente. A demanda e o circuito pulsional se equivalem, uma vez que, a partir de uma zona erógena do corpo, a pulsão contorna um determinado objeto no campo do Outro e obtém satisfação. O padrão de repetição dessa satisfação para cada sujeito em sua singularidade é o “modo de gozo” pelo qual o sujeito se enquadra no seu fantasma (Carvalho, 2014, p. 4).

Lacan (1962-1963/2005) propõe a construção de um quadro para trabalhar a angústia, derivado de um texto de Freud, *Inibições, sintomas e ansiedade* (1925-1926)⁴², no qual ele articula o *acting out* e a passagem ao ato. Embora não trabalhando a construção do quadro, interessa-nos sua articulação com a pulsão. No início da elaboração do quadro, Lacan (1962-1963/2005) assinala que o interesse da psicanálise sobre o afeto deve ser voltado para o fato de que ele é aquilo que não é recalcado, “ele se desprende, fica à deriva, [...] o que é recalcado são os significantes que o amarram” (p. 23). O afeto que concerne ao psicanalista, quando ele é procurado por um sujeito, é a angústia como signo do desejo, por isso, um *Seminário* destinado a esse afeto.

Carvalho (2014) observa que o quadro se escreve a partir de dois eixos, um vetor ligado ao movimento pulsional e outro ligado à dificuldade imposta pela defesa. Na lógica do quadro, a inibição estaria associada a um mínimo de movimento e um mínimo de dificuldade, enquanto a angústia, a um máximo de movimento e máxima dificuldade. O sintoma, como termo intermediário entre inibição e angústia, estaria ligado a “uma *formação de compromisso* entre movimento pulsional e defesa” (p. 6).

O autor trabalha descendo o eixo do movimento pulsional, no qual Lacan parte da inibição, e escreve a emoção como uma exteriorização, uma catarse de algo ligado à origem do sintoma. No máximo de movimento pulsional situa-se a efusão, melhor traduzida por turbacão, no sentido de uma queda de potência que coloca o sujeito fora de ação. Em direção à dificuldade, partindo da inibição como detenção de uma função, localiza-se o “impedimento” como detenção face à castração, uma manifestação sintomática do sujeito. Aumentando a dificuldade, o sujeito se apresenta revestido pela barra, no embaraço de uma breve angústia, sem o movimento que precipitaria ao ato (pp. 6-8).

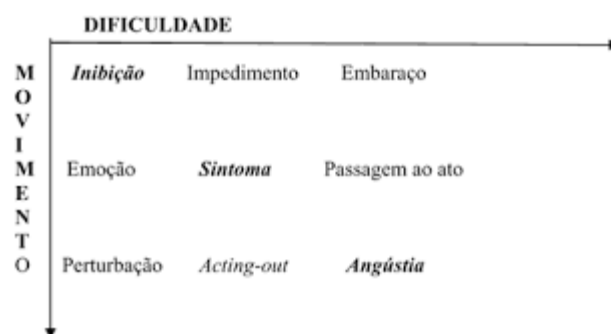


Figura 3 – Quadro da angústia

Fonte: Lacan, 1962-1963/2005, p. 89

⁴² Optamos pela tradução de angústia no lugar de ansiedade acompanhando a utilização de Lacan.

É aí que, em seu trabalho, Lacan completa o quadro da angústia localizando o *acting out* como um franqueamento do sintoma, uma vez que associa a turbacão com o impedimento, esmagando de tal modo o sujeito que toca na dimensão não significante do objeto. Ele se constitui no limite do trabalho de rememoração por “uma repetição em ato, uma *mostracão*, na medida que esse caminho regressivo, no curso de uma análise, atualiza a realidade psíquica da fantasia na transferênciã” (Carvalho, 2014, p. 5). O fundamental no *acting out* é o fato de ele estar direcionado ao Outro, desvelando a relação fantasmática entre sujeito e objeto ($\$ \diamond a$).

Jã na passagem ao ato, o que se produz como dificuldade para o sujeito é o embaraço supremo seguido da emoção que externaliza o movimento, “sendo tomada por Lacan como uma *precipitacão* que lança o sujeito em um movimento de queda para fora da cena fantasmática” (p. 9). Na neurose, a passagem ao ato decorre de um ponto de desestabilizacão fantasmática para o sujeito, no qual acontece uma mutacão na identificacão. Se na fantasia ele se identifica ao objeto de desejo do Outro, o encontro desestabilizador provoca uma queda desse lugar, precipitando o sujeito para fora da cena.

Lacan (1962-1963/2005) nos convida a reler Freud⁴³, no texto dedicado ao caso da paciente conhecida como *Jovem Homossexual*, para análise do *acting out* em sua conduta e passagem ao ato suicida. Pela sua análise, “toda a aventura com a dama de reputacão duvidosa, que é elevada à funçã de objeto supremo, é um *acting out*” (p. 137). Mesmo que a relacão da jovem com o pai fosse marcada pelo ressentimento e vingança, atuado no comportamento desafiador e provocativo dirigido a ele, um encontro desconcertante a lança na passagem ao ato.

A moça, que passeava com sua amada, fazendo-se olhar por todos na cidade, cruza com o pai na rua e este lhe lança um olhar irritado. Na sequênciã, sua companheira lhe comunica o término do relacionamento ao que, imediatamente, ela se precipita de cima de uma ponte. Na análise de Lacan, a cena decorre do encontro com o olhar de reprovacão do pai, que lhe causou um máximo de embaraço acrescido da emoção que a envolveu pela súbita ruptura da parceria amorosa. “O salto é dado no exato momento em que se consuma, no absoluto de um sujeito de quem somente nós, os analistas, podemos ter uma ideia, a conjunçã do desejo com a lei” (Lacan (1962-1963/2005, p. 124).

Ora, entre o embaraço e a emoção temos o impedimento do sintoma, como o que interdita o sujeito. Lacan se serve da etimologia e encontra a noção preciosa de *Impedicare* que implica “ser apanhado na armadilha” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 19), e qual é essa armadilha?

⁴³ Freud, S. (1920). *A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher*. Vol. 18, pp. 183-212.

Ele nos diz que é aquela em que o sujeito cai quando ele é capturado pela imagem narcísica, em razão de existir um

limite muito preciso que a captura narcísica introduz quanto ao que se pode investir no objeto, na medida em que o falo, ele próprio, continua autoeroticamente investido. A rachadura que resulta disso na imagem especular vem a ser, propriamente, o que dá respaldo e material à articulação significante que, no outro plano, o simbólico, chamamos de castração. O impedimento ocorrido está ligado a este círculo que faz com que, no mesmo movimento com que o sujeito avança para o gozo, isto é, para o que lhe está mais distante, ele depare com essa fratura íntima, muito próxima, por ter-se deixado apanhar, no caminho, em sua própria imagem, a imagem especular. É essa a armadilha. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 19).

No caso da jovem homossexual, a partir de sua decepção com o pai no drama do ciúme pela intrusão de um irmãozinho, e no impedimento ao desejo pelo pai, ela se identifica com o objeto, em ser o suporte do que faltava no campo do Outro. Em sua conduta ela criou uma relação idealizada com a dama, como sendo o seu ser de mulher que foi repellido dela mesma. Essa cena construída perde todo seu valor no encontro desestabilizador para sua identificação, pois, na rachadura aberta entre seu eu ideal e a castração, ela cai como objeto. No confronto do desejo pelo pai com a lei presente no olhar do pai, “ela se sente definitivamente identificada com o *a* e, ao mesmo tempo, rejeitada, afastada, fora de cena. E isso, somente o *abandonar-se*, o *deixar-se cair*, pode realizar” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 125). Indagamo-nos se o encontro com o pai resultou em uma pane no circuito pulsional, já que o movimento no qual ela se fazia ver se detém no momento em que ela vê o “ser vista” pelo pai.

Nas suas observações sobre o conceito de passagem ao ato, Miller (2006/2014) o distingue do *acting out* que se passa em uma cena, que é a fala, enquanto que no primeiro essa cena desaparece. No *acting out* o sujeito se coloca a agir em um endereçamento ao Outro; é preciso o Outro nessa cena. Na passagem ao ato, o sujeito está morto, “ele é precisamente o que separa do Outro”, não há mais espectador, o ato é auto (Miller, 2006/2014, p. 7). Percebemos que a jovem se precipita quando toda referência ao Outro paterno e ao outro ideal é rompida. O “suicídio *acting out*” é apelo ao Outro, ao passo que na dimensão da passagem ao ato, este é “indiferente ao seu futuro, ele é fora de sentido” (p. 10). O autor ainda aponta que “todo ato verdadeiro, no sentido de Lacan”, é um “suicídio do sujeito”, visto que tem efeito de uma marca — um antes e um depois, que modifica o sujeito (p. 5). Por essa via, o ato é um passe por fazer aparecer um novo sujeito ao final do seu traçado. Na passagem ao ato, “o sujeito se subtrai” aos equívocos do pensamento, da fala e da linguagem, isto é, a toda dialética do reconhecimento em prol do ato (Miller, 2006/2014, p. 7). Nesse sentido, o suicídio é um ato

bem-sucedido. A passagem ao ato não é cifrável, colocando o Outro em um impasse, justamente por não ser dirigido a esse Outro. Na passagem ao ato da jovem homossexual, a prevalência do objeto no real foi tal que Freud se dá por vencido.

Constatamos com Lacan que podemos nos deparar com manifestações agressivas sob a forma de *acting out* ou sob a forma de passagem ao ato em um mesmo caso clínico. Essa observação indica a importância do diagnóstico clínico orientado ao modo de gozo do sujeito, como o seu padrão de satisfação pulsional, para permitir certa estratificação da agressividade a partir do lugar do Outro para o sujeito. Tomando isso em conta, passamos a um desdobramento relativo aos manejos possíveis na clínica dessas manifestações. Recorremos a dois casos clínicos trabalhados em um artigo, *Da desconstrução da cena, no acting out, à construção de uma cena possível, na passagem ao ato*, publicado numa revista de Minas Gerais, *Clinicaps*.

Teixeira *et al.* (2008) examinam a necessidade de desconstrução da cena nos casos em que predominam os *acting outs* e de construção de uma cena nos casos onde prevalece a passagem ao ato. Ambos os casos que se seguem são de psicose e colocam impasses às equipes responsáveis pela condução clínica, decorrentes da agressividade presente no modo de gozo de cada um. Diante de atos agressivos que se reproduziam na cena do serviço, a equipe solicita uma conversa: em Suzana, deparamo-nos com vários *acting outs*, e em Luiz, muitas passagens ao ato. A conversa se constitui como forma de tratamento do Outro institucional, mas transmite principalmente a importância de diagnosticar o lugar desse Outro no movimento pulsional do sujeito.

Suzana inicia tratamento psiquiátrico na adolescência encaminhada pela escola após ameaça de se jogar do segundo andar, devido a uma paixão por uma professora. As ameaças de atos autoagressivos no seu comportamento foram motivos constantes para ingressar nos atendimentos, e, em função disso, ela se tornou um caso clínico, não havia nada de delírios ou alucinações. Ela se colocava em situações de risco e provocava conflitos nos quais acabava por ser agredida. Invariavelmente

esses momentos eram sustentados pelo olhar dos assistentes que deixava perplexos com ameaças que ela fazia surgir, voltadas contra ela mesma, essas ameaças interrompiam-se quando os técnicos paravam de reagir com perplexidade e passavam a intervir com a palavra, convocando-a a se haver com as consequências de seus atos” (Teixeira *et al.*, 2008, p. 4).

Assim, observa-se em seu comportamento uma estrutura dirigida ao Outro para despertar nele o efeito de uma mensagem a ser interpretada. As situações tinham a característica

de uma cena construída para o Outro demandando decifração, o que permite localizar o estatuto de um *acting out* e não de uma passagem ao ato. A confirmação desse diagnóstico contou com os efeitos do ato de seu psiquiatra que, certo dia, lhe diz “*será contida se apanhar de novo*” (p. 4). Imediatamente, Suzana cessa suas provocações e queixas. Teixeira *et al.* traduzem a mensagem de Suzana nos seguintes termos: “Eu me mostro agredida para que percebam o quanto eu sou vítima” (p. 4), ao interpretá-la, o psiquiatra lhe demonstra sua posição de vítima, desvelando seu modo de gozo, ou seja, o “se fazer espancar” ativamente. “O sentido da ação de Suzana é de produzir uma reação violenta da parte do Outro, para em seguida se expor, diante do olhar perplexo da equipe, como vítima da reação que ela mesma suscita” (Teixeira *et al.*, 2008, p. 5).

No *acting out*, há uma convocação premente da interpretação do Outro, instaurando uma “transferência selvagem” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 140). O diagnóstico, então, não se faz sem incluir o tratamento do Outro. Podemos depurar que a passagem de uma equipe angustiada e perplexa para uma posição na qual surge uma interpretação faz cessar o circuito mortífero da pulsão. Operou-se uma desconstrução da cena que se repetia como movimento de apelo ao Outro, possibilitando a Suzana produzir um modo de se vincular com menos sofrimento.

Agora passamos a verificar, no caso de Luiz, o manejo clínico que operou sobre o modo de gozo agressivo do sujeito. Ele iniciou tratamento aos 24 anos, após um progressivo desligamento do Outro, sinalizado por um isolamento social, desleixo pessoal, delírios persecutórios, alucinações auditivas e situações de heteroagressividade que culminaram com uma passagem ao ato. Ele agrediu uma vizinha como consequência de uma certeza delirante. Essa situação se inicia após um rompimento amoroso, precedido de outro em que ambos se deram pelo mesmo motivo: o fato de sentir-se enganado pela companheira. Luiz perdeu a mãe aos três anos de idade e, na ocasião do tratamento, vivia com o irmão e a cunhada, com quem a situação delirante se reproduz. Quando eles adotam um bebê, Luiz se desestabiliza alegando ter sido enganado por não receber mais suporte e atenção exclusivos por parte do casal.

De acordo com Teixeira *et al.*, (2008), não foi diferente na Instituição, motivando a demanda por uma conversa clínica sobre o caso. Por ocasião de uma festa junina, Luiz participa da encenação teatral no papel de noivo e desenvolve um comportamento erotomaníaco voltado para a funcionária que havia feito o papel de noiva. As explicações da equipe, alegando ter sido uma brincadeira teatral, eram recusadas por ele, enveredando por uma série de ameaças dirigidas à funcionária, que precisou se afastar. Ele reproduz com a equipe a interpretação de

intenção de engano e, frente a qualquer falha da mesma, adota uma posição exigente permeada por atitudes que culminavam em sua exclusão.

Para Luiz, é insuportável que uma articulação simbólica dependa do contexto em que se dá para adquirir um sentido: para ele, o casamento teve efeito real.

Luiz sempre justificava sua agressividade por se sentir enganado. “Ser enganado” era invariavelmente a matriz interpretativa que dava sustentação a sua posição persecutória, na qual exigia um lugar de exceção e reparação. Por não tolerar os efeitos de equívoco inerentes ao uso do significante, dos quais derivam a própria interpretação de “ser enganado”, Luiz sempre buscava instaurar a certeza de suas exigências através de condutas agressivas e ameaçadoras” (Teixeira *et al.*, 2008, p. 7).

Como Luiz se situa fora dos discursos estabelecidos, a dimensão de engano própria à trama significante lhe escapa, o que lhe confere a certeza de ser abandonado. Essa única certeza, sem equívocos, que ele carrega, surge no ápice da recusa do engano que propicia o seu agir violento. Esse modo singular de Luiz faz com que ele esteja “sempre pronto a significar o engano, advindo do Outro, como um fato que verifica sua condição de abandono” (p. 7).

Nesse caso o tratamento também precisou incidir sobre o Outro, que passa de uma equipe desarticulada nos momentos de passagens ao ato a uma melhor capacidade de manejo. A operação clínica depurada por Teixeira *et al.*, (2008) pela conversação, foi a trivialização, por parte da equipe, das situações interpretadas pelo sujeito como propósito deliberado de engano, mostrando-lhe que eram falhas comuns ao funcionamento da Instituição e da própria comunicação. “Tratou-se de construir uma cena em que as situações de equívoco puderam se dissociar da intenção de engano em que eram percebidas pelo paciente” (p.1).

Luiz começou a tolerar melhor os efeitos de equívoco do significante, servindo-se da palavra que insere no lugar das ameaças e autoexclusão. De sujeito “abandonado-enganado” ele passa a habitar a cena, tornando-se mais participativo e colaborador, demonstrando um apaziguamento de sua tendência agressiva. No caso de Luiz, em contraposição ao de Suzana, toda motivação das passagens ao ato está ligada a uma interpretação delirante, seja erotômana, de ciúmes ou persecutória, o que já é uma forma de tratamento da pulsão através do delírio, pela incidência da linguagem na pulsão.

Tomamos a orientação de Lacan (1962-1963/2005, p. 89), quando ele diz que não foi inútil que ele tenha precisado postular que “o significante como possibilidade de tapeação” é o que é necessário para a constituição de um mundo. Mas, ao completar o quadro da angústia com seus termos vizinhos, *acting out* e passagem ao ato, Lacan nos adverte que a angústia

escapa precisamente ao jogo do engodo significante, pois, ao tentarmos dominar o fenômeno da angústia pelo pensamento, sempre será de maneira enganosa, fazendo dele também um significante. Ao contrário do pensamento, na dimensão do agir, a própria certeza do sujeito é arrancada da angústia. Diante do insuportável do ser enganado, Luiz se precipitava na certeza do ato com o qual se fazia excluir por tornar-se objeto. Já Suzana, ao invés de falar, atuava num circuito em que se fazia espancar para obter o objeto olhar do Outro sobre sua condição de vítima. Em ambas as situações era o Outro quem se angustiava.

Miller (2006/2014) nos indica que o estatuto do ato na experiência psicanalítica é o ato falho, como um “pensamento inconsciente que emerge no pensamento consciente”, na fala e no corpo, deslocando o ato (p. 8). Mas, diferentemente do ato falho, no qual a essência do pensamento inconsciente é a dúvida, o impasse, a essência do ato bem-sucedido é a certeza; ele é um ato que opera no limite. Na passagem ao ato, há sempre transgressão, ultrapassagem, franqueamento de um limite significante. Desse modo, o ato suicida, exemplarmente, alcança a zona central do gozo, uma satisfação da dor que coloca o organismo em perigo e exclui o mundo subjetivo. E quando o gozo fica autônomo, é até a morte, dado que “o ato visa o cerne do ser”, que é o próprio gozo (Miller, 2006/2014, p. 6).

Se o estatuto do ato na clínica é o ato falho, é por esse prisma que Miller trabalha a concepção de passagem ao ato, articulando-a à estrutura fundamental do ato para a psicanálise lacaniana. Isto é, aquela que visa a uma saída do impasse do pensamento imposto pelo recalque, o ato seria o encontro de um passe para se realizar. Miller (2006/2014) parte da noção lacaniana de ética que leva o sujeito a avaliar o mérito de seu ato; este seria uma ação calculada como conclusão de um raciocínio. Esse ideal ético é usado para medir a inadaptação dos atos imotivados, o que assinala uma contradição entre pensamento e ação. A autodestruição, por exemplo, demonstra uma oposição aos ideais éticos, qual seja, que o sujeito do pensamento quer seu bem, e ilustra a disjunção total que é a pulsão de morte. Na direção do tratamento, Miller orienta que é preciso adivinhar, antecipar o ato no lugar em que se instala a ausência de qualquer aviso. Entretanto, assinala que é uma lição “de humildade como terapeuta reconhecer que não podemos impedi-lo” (Miller, 2006/2014, p. 12).

CONCLUSÃO

A partir deste percurso teórico, entendendo a agressividade como a estrutura paranoica da constituição subjetiva, pudemos estratificar as manifestações agressivas na clínica psicanalítica. Se, por um lado, as pesquisas sobre a violência a colocam como manifestação sintomática de nossa época, esta pesquisa sobre a articulação da pulsão com o conceito de agressividade a reafirma como a manifestação do núcleo paranoico contido na estrutura do eu. Assim, a agressividade tem caráter constitutivo e necessário, fazendo-se por isso incurável, mas, de forma paradoxal, pode estar associada à sexualização da libido narcísica numa dimensão mortífera da libido humana. A operação imaginária obtida da agressividade constituinte do eu, para entrada no mundo simbólico, está ligada à dimensão real da pulsão na condição de gozo.

Acreditamos que nas diferentes manifestações agressivas podemos verificar o laço da pulsão de morte com o narcisismo. Esse laço pode se apresentar em sua dimensão significante, comportando a parte da libido ligada a uma representação no simbólico como intenção de significação. Ou se apresentar na dimensão de gozo, com o pedaço da libido que restou fora da simbolização, na forma de tendência à agressão. Sendo a consequência da gênese paranoica do eu, Lacan articula o conhecimento do objeto e do outro à sua manifestação, e por isso a agressividade abre para incluir o Outro da linguagem.

O complexo de intrusão, ilustrado pelo drama do ciúme, inaugura o impasse da rivalidade imaginária numa relação de exclusão, mas permite a “manifestação primordial da comunicação” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 50) com a separação do objeto, como vimos no jogo do *Fort-Da*. Nesse caso, verificamos a agressividade constituinte do eu como a operação imaginária de entrada no mundo simbólico através de um “objeto comunicável” (Lacan, 1938/2003a, p. 49). Se a inscrição da linguagem é fundamental para apaziguar a agressividade dando meios para sublimá-la, é preciso que o tratamento modifique a dinâmica paranoica do impasse imaginário para um passe que permita sair da tensão da exclusão. Entretanto, não é possível desarticulá-la da dimensão real da pulsão; na forma de gozo narcísico da imagem, ela sempre estará presente nessa paranoia originária.

Nesse sentido, com o recorte teórico feito no *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964/1988), entendemos que a agressividade, articulada à pulsão de morte no início do ensino de Lacan, não se desconecta da dimensão pulsional, mesmo ao apresentar-se ordenada pelo simbólico, que estabelece um traçado único a cada sujeito e permite sublimar a pulsão. Mas Lacan postula que o sujeito, no campo da pulsão, somente entra em

conjunção com o sujeito no campo do Outro através de um suporte para a pulsão sexual, isto é, o objeto *a*, na condição de extraído. Sobre o destino do conceito de agressividade, seja nos desdobramentos entre agressão e violência, nos *Seminários 2 e 5*, quanto na forma de passagem ao ato, no *Seminário 10*, concluímos que, para Lacan, a agressividade é tomada como o ponto de aparecimento da palavra. Daí sua importância como operador clínico para modular as manifestações agressivas fora da palavra.

Em decorrência da *Verwerfung*, a clínica da psicose nos coloca diante da rivalidade vital imediata dada por uma perturbação imaginária extrema ligada à certeza delirante. Na psicose, a significação do impasse imaginário nunca entrou no sistema de simbolização, emerge fora do campo da realidade, precipitando o sujeito à passagem ao ato agressivo. O objeto se apresenta na vertente real, pois, sem a passagem pela castração, não se opera sua extração no campo do Outro, o que permitiria uma distância mínima na relação com o outro. Nessa situação, a imagem detém o objeto, cristalizando a relação de rivalidade imediata, como verificamos na análise das Irmãs Papin. No lugar de um traçado que faz contorno no objeto *a*, faltante no campo do Outro, temos um curto-circuito mortífero. Dessa forma, narcisismo e pulsão de morte coincidem em um fechamento da satisfação que dá acesso ao despedaçamento original do corpo pelo objeto real da pulsão.

Ao verificar o estatuto do objeto no campo narcísico e no campo pulsional, tomando a definição da pulsão como o traçado do ato, lançamos a hipótese de que a pulsão agressiva equivale ao núcleo paranoico do eu e ao mesmo tempo é o “movimento de apelo” (1964/1988, p. 185) ao Outro. Se na forma de *acting out* o ato agressivo se endereça ao Outro e na passagem ao ato este é demitido, há aí uma pane no circuito pulsional. A análise lacaniana do caso da jovem homossexual evidencia seu movimento de apelo ao Outro ao fazer-se ver com a dama no lugar de objeto idealizado, porém essa identificação imaginária frágil se desestabiliza na armadilha de sua própria imagem como objeto que cai. Isso indica que o seu modo de gozo se detém no momento que ela se deixa apanhar no caminho pelo despedaçamento do olhar que retorna do Outro.

Com a jovem homossexual, Lacan depura uma variável dentro da clínica da histeria, que nos serve de indicador em relação à direção que a pulsão toma. Amparamo-nos na leitura de Vidal (2012), que extrai de Freud a afirmação que o sadismo é o “primeiro grau narcisista construído”, fornecendo uma direção para a pulsão de morte fora do eu e possibilitando o enlace com um objeto externo (p. 135). Em seu retorno masoquista, quando o sujeito se constitui, pensamos ser o momento em que se articula o despedaçamento original do corpo, a “esquize” da imagem e o objeto. A agressividade, na forma de pulsão sadomasoquista, torna possível

existir o traçado do ato, e talvez seja o primeiro passe em direção ao desenho pulsional, permitindo pensar a imagem além da fascinação narcísica.

Por meio dos casos analisados, constatamos que é possível nos servir desses fenômenos imaginários da agressividade como indicadores clínicos que permitam regular o acesso direto ao objeto real da pulsão, desde que sob tratamento. Essa compreensão pode orientar o modo de operar, na transferência, com o gozo narcísico para traçar direções clínicas que dão lugar ao aparecimento da palavra. Se na psicose a barreira entre princípio do prazer e o gozo não está constituída, é possível trabalhar com a concepção de jogo de balança, para promover uma distância mínima entre o sujeito e o objeto que permita estabelecer um intervalo significativo. Pudemos também verificar que os manejos possíveis da agressividade na clínica incluem necessariamente um tratamento do Outro, que é quem se angustia face aos atos agressivos.

No caso Otto, quando havia apenas passagens ao ato violentas, agressão e silêncio, com a presença de uma pulsão oral desregrada e do objeto voz a ser destruído na quebra dos rádios, a posição do sujeito era “ser devorado ou ser expulso”, resultando em sua segregação. A construção do caso clínico, apontada pelas autoras, através da escuta, do trabalho em equipe e com a família, conseguiu estabelecer uma distância mínima do outro imaginário pela invenção de um objeto que ganhou estatuto de objeto comunicável. Algo da linguagem se insere, organizando o campo pulsional e instaurando a possibilidade de substituição dos objetos: o sujeito passa a fazer uso da fala, ganha voz e se dirige ao Outro para demandar. Nesse caso, o surgimento de um *acting out* denota o esboço de um traçado pulsional que inclui o Outro e a palavra em um movimento de apelo.

No caso de Suzana, as manifestações agressivas eram diretamente dirigidas ao Outro, incluindo-o na resposta violenta que recaía sobre ela nos *acting outs*. Os seus atos eram aparentemente imotivados, mas visavam a capturar o olhar do Outro que lhe confirmava o estatuto de vítima. A conversação clínica permitiu interpelar esse Outro, reposicionando-o na direção do tratamento para poder intervir na relação deletéria com Suzana. Com um ato de seu psiquiatra, no qual ele visava a interromper o circuito em que Suzana se fazia espancar pelo outro, ao ouvi-lo dizer “será contida se apanhar de novo”, ela se deixa “apanhar” pela interpretação terapêutica no nível da palavra que a enlaça ao outro. A intervenção desvela seu modo de gozo, o “se fazer espancar” ativamente, desconstruindo a cena desenhada pelo circuito mortífero da pulsão, e Suzana pode produzir um modo de se vincular ao outro com menos sofrimento.

Já no de Luiz, temos, de início, um quadro marcado por atos agressivos motivados por interpretações delirantes. Ele rapidamente reproduz essa relação imaginária na instituição de

tratamento, adotando uma posição exigente, ameaçadora, desarticulando a equipe face às passagens ao ato. Luiz é capturado pela imagem do noivo, fixando-se no personagem representado por ele numa peça teatral e recusando o caráter fictício da cena. A conversação permitiu localizar “a matriz interpretativa que dava sustentação a sua posição persecutória”, de “ser enganado” (Teixeira *et al.*, 2008, p. 7), posição imaginária à qual ele se fixara para ser reparado mediante o agir violento. O Outro era rebaixado ao lugar de outro, não permitindo uma possibilidade de representação. O Outro estava lá, mas Luiz não dispunha do mecanismo que inclui o significante como possibilidade de tapeação. Foi necessário dissociar os equívocos naturais da comunicação da interpretação de engano percebida por ele para apaziguá-lo. Esse foi o “teatro” feito pelo Outro ao trivializar as situações em que a certeza delirante do “ser enganado” apareciam, produzindo um intervalo no qual a dimensão do engano surgia sem intenção de excluí-lo.

Depreendemos que o modo de gozo é o núcleo paranoico contido no eu do sujeito, como verificamos no “ser devorado/expulso”, “ser espancada/vítima”, “ser enganado/abandonado”. Assim, conferimos que podemos nos balizar pelos índices da pulsão agressiva, a fim de situar qual o modo de gozo do sujeito para possibilitar enlaçar o sintoma com a imagem. Após a escuta psicanalítica uma nova direção pulsional aparece quando Otto “se faz acolher” pelo acting out, ou Suzana cessa de “se fazer espancar”, ou Luiz “se faz incluir”. Desse modo, podemos lançar a hipótese de que sempre há atividade pulsional, mas o que define se há traçado ou não — ou se esse trajeto vai em direção à barreira do princípio do prazer ou para além — é sua passagem pelo campo do Outro. Concluimos que a concepção lacaniana de “paranoia dirigida” permite operar com o modo de gozo narcísico singular, situado no núcleo paranoico do eu, dirigindo-o a um enlaçamento com o Outro da linguagem pela via da transferência.

Em *O Inconsciente e o corpo falante*, (2014, p. 135), Miller sugere que, na época atual, analisa-se qualquer um, e demanda ao analista “dirigir um delírio de maneira que sua debilidade ceda à tapeação do real” com a ultimíssima concepção do *fallasser* em Lacan. Perguntamo-nos se essa concepção se comunica com a indicação de Lacan em 1948, qual seja, induzir no sujeito uma “paranoia dirigida” que equivale a um rodeio adotado pela maiêutica analítica (Lacan, 1948/1998b, p. 112). E deixamos em aberto essa questão, se dirigir uma paranoia pode servir como a saída do impasse débil, da crença no sentido, para um passe, um ato ligado ao percurso da pulsão em torno do buraco do real.

REFERÊNCIAS

- Agostinho, Santo (354-430/1980). Os pecados da primeira infância (2a. ed.). In *Confissões*, livro 1, cap. 7. (J. Oliveira Santos, S.J. & A. Ambrósio de Pina, S.J., Trads.). São Paulo, SP: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).
- Alvarenga, E. (1990). *O conceito de psicose em Freud*. Belo Horizonte, MG: Tahl.
- Alvarenga, E. (1994). A esquizofrenia e o estágio do espelho. *Revista de Psiquiatria & Psicanálise com crianças e adolescentes*, (1), pp. 81-87.
- Alvarenga, E. (2008, novembro). Reação terapêutica negativa e masoquismo. *Curinga*, (nº27), pp. 131-141.
- Brousse, M.-H. (2009, setembro). A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso. *Latusa Digital*, (6), pp. 1-16.
- Carvalho, F. Z. (2014, janeiro-junho). A passagem ao ato como resposta do real. *Almanaque on-line*, (14), ano 8, pp. 1-12. Recuperado de <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/almanaque.htm>.
- Dutra, M. C. (1999). *As relações entre psicose e periculosidade: Contribuições clínicas da concepção psicanalítica da passagem ao ato*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte.
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, 18(2), pp. 49-62.
- Freud, S. (1969). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (1987). *Estudos sobre a Histeria*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 2). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1972a). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1972b). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (1974a). *Totem e tabu*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (1974b). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 15). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

- Freud, S. (1974c). *Os instintos e suas vicissitudes*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1974d). *O mal-estar na civilização*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1929-1930).
- Freud, S. (1975). *Esboço de psicanálise*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1938-1940).
- Freud, S. (1976a). *História de uma neurose infantil*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1917-1919).
- Freud, S. (1976b). *Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (1976c). *Além do princípio do prazer*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1976d). *Psicologia de grupo e análise do ego*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1976e). *O ego e o id*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1976f). *Dois verbetes de enciclopédia*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1922-1923).
- Freud, S. (1976g). *O problema econômico do masoquismo*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1976h). *A negativa*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1925).
- Freud, S. (1976i). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1932-1933).

- Freud, S. (1987a). *Publicações pré-psicanalíticas e Esboços inéditos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 1). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1886-1899).
- Freud, S. (1987b). *A interpretação dos sonhos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 5). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1900).
- Gonçalves, S. F. (2006). *O conhecimento paranoico: a tese lacaniana em interface com a atualidade*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte.
- Guillot, E. (2014). Da agressividade à pulsão de morte. 14. (I. d. Gerais, Ed.) Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Recuperado de <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/almanaque.htm>.
- Guiraud, P. (1994) Os assassinatos imotivados. *Opção Lacaniana* (9), pp. 87-91. (Originalmente publicado em 1928).
- Houaiss. (2014). *Grande Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa*. Recuperado de <http://houaiss.uol.com.br>.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1953).
- Kury, M. G. (2003). *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1985a). *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (Vol. 2). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1954).
- Lacan, J. (1985b). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1955-1956).
- Lacan, J. (1986). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (B. Milan, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1953-1954).
- Lacan, J. (1987). Motivos do crime paranoico: o crime das irmãs Papin. In *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária. (Publicado originalmente na Revista Mynotaure, 3, 1933).
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1964).
- Lacan, J. (1991). *O Seminário, livro 8: A transferência*. (D. D. Estrada, Trad.) Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1960-1961).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1956-1957).

- Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1959-1960).
- Lacan, J. (1998a). Formulações sobre a causalidade psíquica. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 152-194). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1946).
- Lacan, J. (1998b). A Agressividade em Psicanálise. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Jorge Zahar. (Original de 1948).
- Lacan, J. (1998c). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 96-103). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1949).
- Lacan, J. (1998d). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1953).
- Lacan, J. (1998e). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1957-1958).
- Lacan, J. (1998f). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1958).
- Lacan, J. (1998g). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1960).
- Lacan, J. (1998h). De nossos antecedentes. In *Escritos* (pp. 69-76). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1966).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1957-1958)
- Lacan, J. (2001). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, (32), pp. 8-14. (Original de 1966).
- Lacan, J. (2003a). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 29-90). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1938).
- Lacan, J. (2003b). Discurso de Roma. In J. Lacan, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1953).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original de 1962-1963).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1986). *Vocabulário de Psicanálise* (9a ed.). (P. Tamen, Trad.) São Paulo, SP: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1967).
- Laurent, E. (1991). La tesis IV de La agresividad em psicoanálisis. In J.-A. Miller, *Agresividad y pulsión de muerte* (pp. 35-50). Medellín, Colombia: Fundación Freudiana de Medellín.

- Laurent, É. (2013). Psicanálise e violência: sobre as manifestações da pulsão de morte. In O. M. Machado & E. Derezsky, *A violência: sintoma social da época* (pp. 33-43). Belo Horizonte: Scriptum.
- Loures, N. P. & Fernandes, P. B. (2015, maio-agosto). A soberania da clínica: Além do diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. *Estilos da Clínica*, (20), pp. 279-295. doi: <http://dxdoi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i2p279-295>.
- Maleval, J.-C. (2004, março). Ilusões e desconhecimentos no campo da saúde mental: a emenda Accoyer. *Correio*, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 46, pp. 53-58.
- Miller, J.-A. (2000, abril). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana* (26/27), pp. 87-105.
- Miller, J.-A. (2004). Biologia Lacaniana e acontecimentos de corpo. *Opção Lacaniana*, (41), pp. 7-66.
- Miller, J.-A. (2005). *Silet, os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1995).
- Miller, J.-A. (2009). *Conferências Porteñas: tomo I*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Miller, J. -A. (2012). *Efeito retorno sobre a psicose ordinária*. Belo Horizonte: Scriptum (Originalmente publicado em 2008).
- Miller, J.-A. (2014). Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. (T. N. Prado, Trad.) *Opção Lacaniana*, março de 2006. Recuperado de <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero13/index.html>.
- Miller, J.-A. (2015a). *Em direção à adolescência*. Recuperado de <http://minascomlacan.com.br/publicacoes/em-direcao-a-adolescencia>.
- Miller, J.-A. (2015b). O inconsciente e o corpo falante. In J.-A. Miller, *O osso de uma análise* (pp. 117-137). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Nasio, J.-D. (2001). *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Nicéas, C. A. (2013). *Para ler Freud: Introdução ao Narcisismo — o amor de si*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Organização Mundial de Saúde (OMS). (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Brasília, DF. Recuperado de <http://www.opas.org.br>.
- Ramírez, M. E. (2010). *Actualidad de La agresividad en psicoanálisis de Jacques Lacan*. Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- SILVA JR., J. N. & Besset, V. L. (2010, maio/agosto). Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer? *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), pp. 323-336.

- Teixeira, A. M., Alkmim, W. D. de, Mendes, A. A., Pinto, A. A., Generoso, C. M., Ferreira, C. M. R., ... Gonçalves, S. F. (2008). Da desconstrução da cena, no acting out, à construção de uma cena possível, na passagem ao ato. *Clinicaps*, 6, 1-8. doi:1983-6007
- Vidal, E. A. (XI). Masoquismo originário: ser de objeto e semblante. *Letra Freudiana*, (pp. 134-143). Recuperado de <http://www.escolaletrefreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra1012/022.pdf>.
- Viganó, C. (1999). A construção do caso clínico em Saúde Mental. *Curinga*, (13), pp. 50-59.
- Viganó, C. (2010, março). *A construção do caso clínico*. Recuperado de <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero1/index.html>.